



Preciso do seu ódio...
Não sobreviverei ao
seu amor.

Inimigo PERFEITO

M. ROBINSON

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Five](#)

M. ROBINSON

Inimigo PERFEITO

Tradução: Ana Paula Formigoni Horst

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024
Porto Alegre

Inimigo Perfeito
Copyright © 2023 M. Robinson
Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Bia Santana Design

Tradução: Ana Paula Formigoni Horst

Preparação e Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R658

Robinson, M.
Inimigo Perfeito [livro eletrônico] / M.
Robinson ; tradução Ana Paula Formigoni Horst -- 1.
ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five,
2024. -- (Série Dinastia Beckham ; 2)
ePub

Título original: Perfect Enemy
ISBN 978-65-5214-012-8

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Sumário

[Início](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Five](#)

Aviso:
Este livro contém assuntos e cenas sensíveis,
que podem ser gatilhos para alguns leitores.
Leia com cautela.

DEDICATÓRIA

Aos leitores que amam um anti-herói com a boca suja e o pau grande.



PRÓLOGO

JACE



Observei com olhos frios enquanto o caixão preto e brilhante era baixado para o chão de terra, levando consigo o corpo da minha mãe. O céu chorou junto com minha família enquanto as gotas de chuva penetravam em meu uniforme branco dos Navy SEAL. A cada gota, eu sentia um pouco mais de mim morrer junto com ela até que a escuridão me cercou, apesar de ser um dia claro.

Eu podia sentir os olhos de todos em mim como um laço em volta do meu pescoço. Principalmente os da minha família. Eles estavam esperando que eu reagisse, esperando que eu desabasse, esperando que eu fizesse alguma coisa. Qualquer coisa.

Acredite em mim, eu queria confortar minha família... só não sabia como.

Eu tinha vinte e oito anos e deveria ter sido o filho que passou mais tempo com ela, mas defendi meu país nos últimos dez anos. Me alistei no dia em que me formei no ensino médio. A Marinha fez de mim um homem, embora eu me sentisse como um garotinho que simplesmente ansiava pelo amor de sua mãe naquele momento.

Eu era das Forças de Elite — o melhor dos melhores por terra, mar e ar. Liderei missões, fiz ataques ofensivos, demolições, reconhecimento, busca e salvamento e contraterrorismo. Não havia nada que eu não pudesse fazer. Eu tinha certeza disso. Minha carreira era minha vida e, infelizmente, eu não estava por perto para ajudar

minha família. Eu era o mais velho dos seis filhos da família Beckham, com uma diferença de vinte anos entre mim e minha irmã mais nova, Haven.

Ela tinha apenas oito anos e todo o seu mundo estava desabando sobre si. Eu não sabia como confortar nenhum deles. Continuei sendo o soldado endurecido para o qual fui treinado; me dessensibilizar foi a forma que encontrei para ficar no topo.

Internalizei todas as minhas emoções; enterrá-las bem dentro de mim era a única maneira de sobreviver a este dia e ao futuro.

Não consegui me despedir dela.

Perdi tantos feriados, aniversários e eventos especiais. A lista era interminável de quanto tempo perdi com ela. A culpa estava me comendo vivo. Eu sentia que não conseguia respirar, como se tivesse parado de respirar junto com ela.

Um acidente de carro fatal mudou toda a nossa vida por causa de um maldito idiota de quinze anos que vendia drogas. Tudo o que eu queria era um minuto a sós com ele. Ele deveria ter sido enterrado naquela manhã, não nossa mãe.

Eu não saberia dizer quanto tempo fiquei ali vendo minha vida se desenrolar diante dos meus olhos. Pode ter sido um minuto, uma hora ou um dia que passou voando. O tempo parecia ter parado enquanto tudo se despedaçava ao meu redor.

Pedaço por pedaço.

Um por um.

Depois de hoje, nada restaria de mim.

De repente, senti a mão de Haven em meu alcance e olhei para baixo para olhar para ela. Seus olhos estavam inchados, suas bochechas lisas e seu rosto, pálido. Ela parecia ter envelhecido dez anos durante a noite. Haven não era mais a garotinha pela qual meus pais oravam. Depois de vinte anos e cinco filhos, suas orações foram finalmente atendidas. Haven teve menos tempo com ela, e agora estaria cercada apenas por homens enquanto crescia e se tornava mulher.

Eu não estaria lá para ver isso acontecer. Meu dever era para com meu país e retornaria ao campo de batalha com o coração partido e a

consciência pesada. Achei que tinha todo o tempo do mundo para fazer parte da minha família. Em vez disso, perdi a maior parte do que nos tornava um.

Lágrimas fluíram livremente pelo rosto de Haven, partindo meu coração um pouco mais, se isso fosse possível. Queria abraçá-la, beijá-la, dizer que tudo ficaria bem.

Mas não fiz isso.

Eu não consegui.

Seria uma mentira.

E eu era muitas coisas, mas não um mentiroso.

Enquanto eu segurava uma de suas mãos, sua melhor amiga, Cove, segurava a outra, oferecendo-lhe apoio da única maneira que uma criança de oito anos poderia fazer. Mais uma vez lancei meu olhar para frente, apertando a pequena mão de Haven e proporcionando o único conforto que sabia dar. Pensei no quanto ela se parecia com nossa mãe. Você pensaria que eu encontraria consolo nisso. Em vez disso, era uma tortura, pura e absoluta.

Meu irmão Reid, seu segundo filho, fez o elogio fúnebre. Eu era o soldado e, ainda assim, não consegui fazer isso. Tentei ficar presente, mas não adiantou. Eu estava perdido em meu próprio inferno, esperando não sei o que acontecer porque meu pesadelo estava apenas começando.

Não consegui me despedir dela.

Ecoava em minha mente como um disco quebrado. Era a única coisa que eu ouvia...

Sentia.

Isso me consumia completamente.

Cada vez mais fundo, procurei refúgio dentro de mim, plenamente consciente de que nada mais seria o mesmo.

Principalmente nossa família.

Quando o funeral terminou, todos os presentes voltaram para nossa casa com comida, bebida e condolências. Juro que se mais uma pessoa me dissesse o quanto sente muito, eu perderia a cabeça.

Desde o segundo em que entrei pela porta da frente, não me senti mais em casa. A mulher que fazia isso se foi para sempre.

Exceto que eu continuava a vê-la em todos os lugares.

Não havia como escapar de sua memória. Estava gravado nas paredes — ela estava em cada canto, em cada fenda. Sua presença estava em toda parte e ao mesmo tempo. Do chão ao teto, à decoração, à felicidade que ela trouxe às nossas vidas com apenas um sorriso ou algumas palavras de conforto. O que eu daria para dizer a ela que a amava apenas uma última vez e que me sentia como seu garotinho.

— Sinto muito, Jace. Por favor, saiba...

Balancei a cabeça, interrompendo a secretária do meu pai que o ajudava a administrar o rancho em nossa cidade de Jackson Hole, Wyoming. Todo mundo sabia quem éramos, e uma fila de pessoas esperava em nossa casa para dar suas condolências, mas tudo que eu queria era bater a porta na cara deles.

Antes de saber o que estava fazendo, comecei a beber, pensando que isso tornaria as coisas mais fáceis para mim. Não foi o que aconteceu. Na verdade, tornou tudo mais difícil. No momento em que percebi que estava bebendo até morrer de raiva, peguei a garrafa de uísque e deixei a casa de minha infância pela porta da cozinha.

Nunca olhei para trás.

Eu era uma granada pronta para explodir se não saísse dali, o que era a última coisa que alguém precisava.

Incluindo *eu*.



COVE

— Você precisa de outro abraço, Haven?

Minha melhor amiga balançou a cabeça com os olhos ainda grudados no chão da sala.

Eu odiava que isso estivesse acontecendo e não podia fazer nada por ela e sua família. O que eu realmente odiei foi não entender por que isso estava acontecendo com eles. Tudo isso era tão confuso e ninguém me explicava.

Por que as pessoas têm que morrer?

A sra. Beckham era a melhor, e eu já sentia muito sua falta. Ela sempre me fez sentir parte da família deles, e agora eu estava com medo de não ter mais isso. Meus pais não me queriam. Eles nunca estiveram por perto. Sempre tive babás, mas elas mudavam o tempo todo.

Talvez fosse eu? Eu não era digna de amor? Havia algo de errado comigo?

Haven e eu nos tornamos melhores amigas há quatro anos, na pré-escola. Desde então, a sra. Beckham foi a única mãe que conheci. Agora ela se foi para sempre, e tudo que eu queria era que alguém me dissesse por que ela teve que morrer.

Ela estava no céu? Eu a veria novamente?

Seus irmãos estavam quietos e seu pai estava muito triste. Hoje foi a primeira vez que vi o pai deles chorar, e isso doeu muito no meu coração. Parecia que estava quebrando dentro de mim e eu odiava não poder fazer nada a respeito.

Só me senti um pouco melhor hoje quando vi Jace entrar na igreja. Ele usava seu uniforme branco da Marinha e parecia o Príncipe Eric de "A Pequena Sereia". Exceto que ele não estava sorrindo como sempre. Seus sorrisos sempre foram minha coisa favorita nele.

Jace não estava muito por perto, mas sempre que estava, meu estômago borbulhava e meu coração batia super rápido. Ele era o melhor irmão mais velho de Haven e, quando estava na cidade, saía conosco. Claro, eu fingia que não era grande coisa, mas era sim.

Haven não sabia que eu gostava do irmão dela. Achei que minha paixão iria simplesmente desaparecer, mas cada vez que o via, isso só piorava meus sentimentos. Eu me senti a pior melhor amiga do planeta por esconder esse segredo dela. Sempre contamos tudo uma para a outra. Eu estava com medo de que ela ficasse brava comigo

por ter uma queda por ele. Os melhores amigos não deveriam gostar dos irmãos um do outro.

Essas eram as regras, certo?

Como eu estava tentando fazer Jace se sentir melhor, perguntei à minha babá se ela poderia me ajudar a fazer seu bolo Red Velvet favorito. Trouxe para a família, mas guardei o último pedaço para ele. Quando o vi sair pela porta da cozinha, não pude evitar.

— Haven, já volto, ok?

Ela assentiu, ainda sem olhar para mim.

Corri em direção à minha mochila e peguei o pedaço de bolo que guardei para ele. Também levei comigo meu bichinho de pelúcia favorito: um coelho que ganhei no fliperama quando tinha seis anos. Sempre me fazia sentir melhor quando sentia falta dos meus pais e me sentia sozinha à noite.

Antes que ele desaparecesse de vista, corri rapidamente pela porta da cozinha atrás dele, preocupada em não conseguir encontrá-lo. Tive sorte de pegá-lo entrando na floresta no último segundo. Estava quase escuro. Eu não deveria sair sozinha quando o sol se punha, mas como estaria com ele, e ele já era adulto, não achei que teria problemas.

Eu o segui sem dar uma espiada até que ele parou em frente ao que parecia ser um rio nas profundezas da floresta atrás de sua casa. Eu nunca soube que tinha isso lá atrás. Era tão bonito e tranquilo. Isso me lembrou do meu livro *River and Streams*, um dos meus favoritos. Jace ficou olhando para a água pelo que pareceu uma eternidade, até que finalmente perguntou:

— O que você quer, Cove?

Sua pergunta me surpreendeu.

— Como você sabia que eu estava aqui?

— Sou treinado para isso.

— Você consegue me sentir como um super-herói faz?

Ele se virou para mim.

— Algo parecido.

Só então percebi o quão diferente ele parecia do que eu estava acostumada. Seu cabelo estava uma bagunça e seus olhos estavam vermelhos e super brilhantes. Não parecia que ele estava chorando, mas o cheiro forte de bebida soprava em meu rosto. Ele segurava uma garrafa do que ouvi meu pai chamar de uísque. Às vezes ele agia de forma estranha se tomasse muitos copos.

Sorri um pouco, dando um passo em direção a Jace para que ele soubesse que eu estava ali apenas para tentar fazê-lo se sentir melhor. Assim que fiquei na frente dele, tentei entregar-lhe meu pedaço de bolo e meu bichinho de pelúcia.

— Eu fiz seu bolo favorito para você. É Red Velvet e este é meu coelhinho. Ele sempre me faz sentir melhor, então você pode pegá-lo emprestado pelo tempo que quiser. Você também pode ficar com ele. É meu presente para você.

Eu jamais esperava pelo que aconteceria a seguir.

Eu pensei... não sei o que pensei, mas o que ele fez me machucou de uma forma que nunca pensei que faria.

Ele deu uma olhada nos meus presentes antes de tirá-los das minhas mãos, me fazendo ofegar alto.

— Jace...

Com uma voz maldosa, ele retrucou:

— O que você está fazendo aqui, Cove? Você nem é da família. — Eu recuei, franzindo a testa. — Você está sempre aqui. Sempre por perto. Você não é responsabilidade dos meus pais.

— Sinto muito, Jace. — Eu podia sentir as lágrimas em meus olhos.

— Eu só estava tentando ajudar você a se sentir melhor. Eu não queria deixar você bravo comigo.

— Ajudar a me sentir melhor? — ele provocou.

— Eu... eu... eu só... quero dizer... sinto muito que sua mãe tenha morrido.

Eu vi isso claro como o dia. Seus olhos azuis brilhantes ficaram escuros como se de repente ele fosse o vilão de um dos meus filmes da Disney.

— Você deveria se desculpar — ele repreendeu — é por me seguir até aqui e não cuidar da sua vida.

— Por que você está sendo tão mau comigo?

— Você acha que isso é maldade? Você não tem ideia do que sou capaz. As coisas que vi e fiz... — Ele balançou a cabeça por um segundo, quase como se lembrasse de algo que não queria. — O que você precisa fazer é dar o fora daqui e desperdiçar o tempo de outra pessoa. Não preciso de nada de você, Cove. Você entendeu?

Eu não pude evitar. Comecei a chorar, correndo de volta para a casa deles. Eu não queria que ele me visse chorar.

Porque a verdade é que Jace Beckham não foi apenas minha primeira paixão de verdade.

Ele também foi o primeiro cara...

... a partir meu coração completamente.

CAPÍTULO 1

COVE

10 anos depois...

— Cove, você viu minha bolsa? — minha mãe perguntou, entrando na cozinha.

— Acho que está perto da porta.

— Querida, você precisa de um pouco de maquiagem. Você está pálida.

Suspirei.

— Puxa, obrigada, mãe. Bom te ver também.

— Que resposta é essa?

— Resposta nenhuma. Só não vejo você há duas semanas, e a primeira coisa que você diz é como estou uma merda.

— Não fale palavrão. Não é elegante, e eu não usei a palavra “merda”.

— Certo...

— Querida, você prefere que eu minta para você? Você não será a rainha do baile.

— Não tenho nenhum desejo de ser rainha do baile, e você saberia disso se estivesse envolvida na minha vida.

— Eu fui a rainha do baile, assim como sua avó e sua bisavó. É praticamente uma tradição. Você não gostaria de me decepcionar, não é?

O triste é que eu não queria. Fiquei pensando que se eu fosse perfeita em tudo, ela acabaria me amando do jeito que eu precisava. Do jeito que eu precisava que os dois fizessem. Era uma suposição idiota e ingênua, mas não tirava o desejo de agradá-los.

— Eu não ousaria fazer isso, certo?

— Não use esse tom comigo, mocinha. Você teve tudo o que sempre quis. Eu daria tudo para ter uma mãe como eu. Você deveria estar grata por sempre termos tratado você como uma adulta e não como uma criança.

— Exceto quando eu era realmente uma criança — murmurei baixinho.

— Agora seja querida e vá colocar um pouco de blush. Recuso-me a ter uma filha que não esteja sempre no seu melhor. Como você acha que mantive seu pai feliz todos esses anos? Mulheres bonitas vão longe na vida, Cove.

— Sim, as inteligentes também.

— Você não precisa ser inteligente, querida. Você só precisa se casar com um homem que seja. E vamos ser sinceras, você não é o giz de cera mais brilhante da caixa.

— Mãe, tenho um GPA cumulativo de 3,9 e todas as faculdades para as quais me inscrevi me ofereceram uma bolsa integral.

Ela fecha a geladeira, sem se importar.

— Ummm... isso é legal, querida.

Ela nem estava me ouvindo. Ela nunca ouvia. Na maioria das vezes, parecia que eu era um fardo para os dois, e não uma filha. No entanto, ela não estava mentindo. Eles sempre me deram tudo que eu sempre quis, exceto seu amor e atenção. Quanto mais velha eu ficava, pior parecia ficar.

Agora que eu tinha dezoito anos e era adulta, não havia razão para eles me criarem, mas a realidade é que nunca fizeram isso. Várias babás e governantas me criaram, mas principalmente, eu mesma me criei. Passei mais tempo na casa de Haven do que na minha. Ela era a única família que eu tinha e, com a perda da sua mãe, contamos uma com a outra.

— Estaremos de volta na próxima semana — minha mãe afirmou, com um sorriso largo. — Seu pai vai receber o prêmio de cirurgião do ano em Miami. Decidimos tirar férias em família.

— Férias em família, hein?

— Cove, não faça cara feia. Causa rugas. — Eu simplesmente balancei a cabeça. — Ah já sei! Traremos um presente para você. Que tal uma bolsa Prada?

— Ótimo, vou adicioná-lo às dezenas de bolsas Prada que você me trouxe. Talvez eu possa ser incluída na viagem em família na próxima vez?

— Querida — ela riu —, você não iria querer sair com seus pais quando poderia sair com todos os seus amigos. Você é uma das garotas mais populares da sua escola. Precisa concentrar seu tempo em encontrar um namorado em uma universidade de prestígio antes que sua beleza comece a desaparecer. Você não será jovem para sempre, Cove.

— Pelo amor de Deus — sussurrei para mim mesma.

Ela me manda um beijinho no ar.

— Seja uma boa garota enquanto estivermos fora, ok?

Eu simplesmente balancei a cabeça. Era mais fácil lidar com ela quando eu simplesmente concordava com tudo o que dissesse. Mais uma vez fui deixada sozinha. Você poderia pensar que eu já estaria acostumada com isso, considerando que eles me negligenciaram durante toda a minha vida. Eu só era útil para eles quando precisavam me exibir para os amigos ou em suas festas. Eu não passava de um brinquedo com o qual eles podiam brincar sempre que quisessem.

Eu me formaria em poucos meses e me mudaria. Não pude deixar de temer a realidade de que estaria realmente sozinha.

Eles me receberiam nas férias? Eles perceberiam que eu tinha ido embora e não estava morando lá com eles?

Meu celular tocou e a foto de Haven apareceu na tela. Atendi, mas ela parecia em pânico antes que eu pudesse dizer olá, anunciando:

— *Preciso de você.*

Fiquei imediatamente preocupada.

— O que aconteceu?

— *Muita coisa. Você pode me encontrar na minha casa?*

— Estou a caminho.

Enquanto dirigia, tive uma leve suspeita de que tinha algo a ver com Hayes, o cara por quem ela estava perdidamente apaixonada. Eu só o vi algumas vezes, mas era óbvio que minha melhor amiga estava se apaixonando pela primeira vez. Para complicar as coisas, ele era o chefe dela no bar onde trabalhava como garçoneiro.

Não morávamos longe uma da outra. Não demorei muito para chegar à propriedade deles. Como não havia carros, presumi que não havia ninguém em casa. Esperei por ela no meu Jeep na entrada de sua garagem. Fiquei surpresa por não ter visto os veículos dos irmãos dela. A casa de Haven sempre foi um entra e sai para seus cinco irmãos mais velhos. Ela era a única que tecnicamente ainda morava em casa, mas você não pensaria isso com a frequência com que eles estavam por lá.

Cada um deles era um pé no saco à sua maneira, embora nenhum se comparasse a Jace. Agora que ele estava aposentado da Marinha, ele ficava na casa deles mais do que eu gostaria. A última coisa que eu queria era encontrá-lo sem que Haven estivesse em casa.

Eu não suportava o idiota. Ele estava pior do que nunca quando se tratava dela. Todos tratavam Haven como se ela ainda fosse uma garotinha, apesar de já ter dezoito anos e se formar no ensino médio em breve. Eles não davam a mínima.

Parecia que Jace estava tentando recuperar o tempo perdido. A Marinha sempre foi sua vida e eu só o via algumas vezes por ano na última década. Graças a Deus por isso. Só de pensar nele me irritou.

Desde o momento em que Jace me tratou como merda, quando eu tinha oito anos, mantive distância dele. Mal nos falávamos e, quando o fazíamos, era cheio de animosidade e ódio. Eu nunca soube por que ele me odiava. Tudo que eu sabia era que o desprezava.

— Haven, onde você está? — murmurei para mim mesma enquanto pegava o maço de cigarros da minha bolsa.

Entre o drama do cara e a ausência dos meus pais, eu estava ansiosa. Haven odiava que às vezes eu fumasse, mas isso ajudava a aliviar o estresse. De nós duas, minha melhor amiga era definitivamente o anjo, e eu era o diabo em seu ombro.

Se seus irmãos realmente soubessem as coisas que eu a obriguei a fazer ao longo dos anos, eles nunca a deixariam sair de casa. Ela estava escondendo de sua família seu relacionamento ou o que quer que Hayes e ela fossem um para o outro. Era a única maneira de tê-lo em sua vida, e nós duas sabíamos disso.

Eu, por exemplo, estava orgulhosa dela por finalmente se firmar em algo que queria. Nunca entendi como ela deixou que eles a controlassem daquele jeito. No entanto, às vezes eu tinha ciúmes do quanto eles a amavam. Durante anos, desejei ter isso.

Achei que ser popular preencheria o vazio em meu coração. Quando isso não funcionou, comecei a sair com rapazes, na esperança de me apaixonar por um deles ou encontrar alguém que me amasse. Foi o oposto; os homens simplesmente queriam uma coisa de mim, e eu me recusei a dá-la a alguém que não era digno do meu corpo.

Isso não significava que eu não fosse uma namorada ou adorasse a atenção que recebia diariamente. Usava isso a meu favor, na esperança de eventualmente encontrar minha alma gêmea.

Afastei esse sentimento, baixando a janela e acendendo um cigarro. Eu só fumava quando me sentia assim porque isso ajudava a me acalmar. Levando o cigarro aos lábios, inalei profundamente. Do nada, ele foi arrancado da minha mão, fazendo-me girar.

Fiquei cara a cara com a pessoa que menos esperava.

A porra do Jace Beckham.

A ruína da minha existência.

— Que merda...

— Preciso lembrá-la de que fumar causa câncer?

Meus olhos se arregalaram, instantaneamente furiosos enquanto eu o observava jogar o cigarro no chão e apagá-lo com a bota.

Encontrando meu olhar, ele questionou:

— Quando diabos você adquiriu esse mau hábito?

Eu não conseguia acreditar na cara de pau deste homem.

Encolhendo os ombros, respondi:

— Provavelmente na mesma época em que comecei a fumar crack e a abrir as pernas para os motoristas de caminhão nas paradas de descanso.

— Cove.

— Jace... — zombei no mesmo tom sarcástico que ele estava usando comigo.

— Não vou pedir de novo.

— Que gentil. Então não terei que me repetir. — Peguei outro cigarro, mas ele arrancou o maço da minha mão. — Jace! — Saí do meu Jeep, ficando cara a cara com ele. — Devolva! Agora! — Ele o segurou longe de mim. — Estou falando sério. — Tento alcançar o maço novamente. — Me dá!

— Não tem a menor chance.

— Jesus! — Esta foi a primeira vez que ele jogou essa carta parental comigo. — Qual é o seu problema?

— No momento — ele declarou —, você.

— Quem diabos você pensa que é? Você não pode mandar em mim como faz com sua irmã.

— Bem, alguém precisa fazer isso.

— Ah, meu Deus! — Avancei para pegar o maço, mas ele agarrou meu pescoço e empurrou minhas costas contra a porta do Jeep.

Tentei afastar sua mão, mas seu aperto era muito firme, então segurei seu pulso.

— Você tem um último desejo, Cove?

Carrancuda, exigi:

— Me solte.

— Não.

— Você não tem o direito de fazer isso comigo.

— Do meu ponto de vista, tenho todo o direito do mundo de proteger Haven de suas besteiras de adolescente rebelde.

— Tenho dezoito anos, idiota. Você sabe que sou adulta.

— Eu sei que você pensa que é.

— Não preciso da sua aprovação sobre o que posso ou não fazer, G.I. Joe. Haven não fuma, ok? É uma coisa minha.

Ele me olhou de cima a baixo antes de me soltar lentamente e se afastar.

Tentei pegar o maço novamente, pensando que ele iria devolvê-lo para mim. Exceto que ele não fez isso. Em um movimento rápido, ele jogou o maço no chão e pisou neles com força com o salto da bota.

Eu arfei, pega de surpresa.

— Se eu pegar você fumando de novo — ele avisou com um tom que não gostei —, vamos ter um problema. E confie em mim, Cove... — Sem qualquer hesitação, ele acrescentou: — Você não quer me sacanear.

CAPÍTULO 2

COVE

Assim que vi Haven estacionando, pulei do meu carro e corri em direção ao dela. Ela estava chorando quando abri a porta.

— Ai, meu Deus! O que está acontecendo?

— Ah, Cove...

Ela imediatamente jogou os braços em volta do meu pescoço, desabando.

— Haven. — Eu esfreguei suas costas. — Você está me enlouquecendo. O que aconteceu?

Depois que ela se acalmou e estávamos em seu quarto, ela finalmente compartilhou algumas notícias perturbadoras sobre por que estava tão chateada. Senti o peso de suas palavras e tentei ouvir antes de dar minha opinião sobre a situação fodida em que ela se encontrava.

— Ele está me avisando há meses que não é quem eu penso que é, e agora estou pensando, por que não acreditei nele?

Hayes era o cara mau que seus irmãos destruiriam se descobrissem que ela estava namorando.

Depois de pensar por um minuto, respondi com a única coisa que parecia certa.

— A meu ver, ele tem um lado mais sombrio — eu continuei, fazendo o meu melhor para tranquilizá-la.

— Isso é o que me assusta. E se ele fizer isso o tempo todo?

— Talvez ele apenas mate os bandidos.

— Isto não é Dexter, Cove.

Eu sorri.

— Eu amo essa série.

Para mim, Haven tirou a sorte grande com Hayes. Eu adoraria ter um homem destemido e durão.

Ela balançou a cabeça.

— Você é tão diferente de mim. Como somos melhores amigas?

— Os opostos se atraem. Qual é o seu próximo passo?

— Não sei.

— Como a briga terminou?

— Com ele me dizendo para ficar longe. Ele disse que era a única maneira de me proteger.

— É isso que você quer fazer?

— É claro que quero estar com ele, mas não desse jeito.

— Seus irmãos iriam pirar.

— Eu sei. Você pode imaginar?

— Nem quero imaginar isso.

Era muito difícil imaginar que eles a deixariam crescer e, pelo resto da nossa conversa, ela também sabia disso.

— Eu gostaria de poder apenas perguntar e obter uma resposta direta dele — ela acrescentou. — Não sei nada sobre ele, Cove. Hayes não compartilha nada comigo além do quão ruim ele é para mim.

— Talvez haja uma razão para isso também.

— Eca! Eu odeio quando o que você diz faz sentido.

Eu sorri.

— Sou muito sábia para minha idade.

— É mesmo.

Tive que perguntar:

— Você acha que ele tem algum amigo solteiro?

— Ai, meu Deus! Você é horrível.

— O quê? — Dei de ombros novamente. — Você pode achar o que ele faz assustador, mas estou gostando. Eu adoraria um homem que

não pensasse duas vezes antes de eliminar alguém se isso significasse que eu estava segura. Essa merda me faria abrir as pernas como se não houvesse amanhã — falei honestamente.

— Cove!

— Só estou dizendo que também quero um cara durão. Principalmente se ele tiver um pau grande. Isso também é muito importante.

— Diz a garota que ainda é virgem.

— Ummm... — eu gesticulei para mim mesma, mais uma vez falando a verdade. — Está vendo este templo que eu sou? Não vou dar para alguém que me leva a um bom restaurante algumas vezes. Os caras do ensino médio são chatos, Haven. Os universitários são ainda piores. Eles gostam de si mesmos e eu quero alguém que só goste de mim.

— Você está dizendo que quer um cara mais velho? Hayes é sete anos mais velho que eu.

— Ummm... — Pensei nisso por um segundo. — Eu não acho que passaria dos vinte anos mais velho.

— Vinte?! Esse cara poderia ser seu pai.

— Meu pai só me teve com trinta anos.

Meu pai só me teve porque minha mãe queria outro acessório que pudesse exibir para validar seu valor próprio.

— Bem, pode ser o pai de alguém.

— Não. — Balancei minha cabeça. — Eu definitivamente não quero nenhum drama desse tipo. Precisa ser alguém sem compromisso com uma ex.

— Sim, mas daí você encontra um homem como Jace, que trabalhou a vida inteira.

Eu olhei para ela.

— Nunca mais diga isso. Você acabou de arruinar toda a minha fantasia.

— Meu irmão não é tão ruim.

— Em que escala? Ele está pior do que nunca agora que é militar aposentado. É como se ele tivesse um pau permanentemente enfiado

na bunda. Não me lembro da última vez que o vi sorrir. Ele é sempre tão taciturno e mal-humorado. Seu irmão precisa transar. Aposto que já deve fazer uns anos que ele não faz isso.

— Eca.

— Exatamente meus pensamentos.

Ela sorriu.

— Eu não me importaria que você se casasse com um dos meus irmãos. Então poderíamos ser irmãs de verdade.

— Confie em mim, Haven. De todos os seus irmãos, Jace seria o último com quem me casaria. Prefiro morrer solteira e solitária do que passar cinco minutos sozinha com aquele idiota. Ele é tipo meu inimigo perfeito.

Eu o odiava de uma forma que nunca pensei que pudesse odiar alguém. Ele era o pior. Ouvir Haven falar tão indiferentemente sobre eu me casar com um de seus irmãos não foi exatamente um choque. Adoraríamos ser irmãs, mas nunca, em um milhão de anos, consideraria ficar com Jace Beckham.

Foda-se ele e tudo o que tenha a ver com ele.

Ela abriu a boca para responder, mas houve uma batida na porta.

— Pode entrar! — ela gritou.

A porta se abriu, revelando seu irmão Reid.

— Oi — ele cumprimentou, sorrindo para nós com aquela expressão carismática.

Reid era o CEO de uma empresa de desenvolvimento imobiliário comercial que começou quando tinha 21 anos. A família deu uma grande festa para ele comemorar o sucesso. O pai deles sempre esteve envolvido na vida de cada um. O sr. Beckham assumiu o papel de ambos os pais como se tivesse se preparado para isso durante toda a vida.

Reid tinha trinta e três anos e era rico, viajando por todo o mundo. Ele trabalhava vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e todos os anos, como um relógio, a revista Forbes o rotulava como um dos solteiros mais cobiçados. A imprensa amava Reid. Ele era

charmoso e adorava a atenção. Como todos os irmãos de Haven, as mulheres viviam em cima dele.

Os garotos Beckham eram bonitos e as mulheres ansiavam por experimentá-los. Foi assim durante toda a nossa vida, deixando Haven louca porque as mesmas regras para ela não se aplicavam a eles.

— Oi — Reid interrompeu meus pensamentos. — Tá me ouvindo?

Haven balançou a cabeça.

— Estou, desculpa, o que foi?

— Eu disse que vamos todos ao salão de bilhar, vocês duas querem vir?

— Uhm...

Eu respondi por ela:

— Queremos. Vamos descer em um minuto.

— Certo. Não demorem uma eternidade.

Depois que ele se foi, Haven me repreendeu:

— Que merda foi essa? Acha que eu quero sair agora?

— Não. Mas essa é mais uma razão para você ir. Olha, eu passo a noite toda aqui sentada com você se você quiser, mas acho que seria bom sair e passar um pouco de tempo com os seus irmãos. Você está meio sumida ultimamente. Eles vão começar a suspeitar. Além disso, vai ser bom para você ficar perto da família. É o que você mais gosta de fazer.

— Meu namorado pode ter matado alguém e você acha que a solução é ir jogar bilhar?

— Você também pode dançar.

— Cove...

— Eu alguma vez já te coloquei em uma roubada?

— Já.

Eu ri.

— Se não fosse por mim, você seria uma freira.

— Eu sou uma freira, basicamente. Hayes não toca em mim, lembra?

— Haven. — Suspirei profundamente. — Está na hora de você aprender que sua boceta carrega todo o poder. Se você quer que ele

a toque, então dê a ele uma razão para tocá-la.

Minha melhor amiga não entendia os homens. Graças a Deus ela contava comigo para orientá-la na direção certa ou quem sabe o que aconteceria com seu futuro.

Quando entramos no bar, o lugar estava lotado de gente. Felizmente, encontramos uma mesa vazia perto do fundo. Foi a primeira vez que saímos com todos os seus irmãos no que pareceu uma eternidade. Eu não conseguia me lembrar da última vez que eles estiveram juntos assim, e eu sabia que Haven me agradecería por fazê-la sair com eles.

Depois que pedimos comida, Jace a questionou:

— Você está bem? — Ele sempre foi tão perspicaz; era tão irritante.

— Estou — Haven assentiu. — Só um pouco cansada.

— Ser líder de torcida está te mantendo ocupada.

— Tenho muito mais responsabilidades agora que sou a capitã.

— Obviamente — Troy entrou na conversa. — Você não para mais em casa.

— Olha quem fala.

Jace começou pressioná-la, me fazendo revirar os olhos.

Incapaz de me conter, perguntei:

— Por que estamos pegando no pé da Haven? — Trazendo a atenção deles para mim, afirmei: — Ela tem dezoito anos agora. Tem direito a ter uma vida. Vocês todos tiveram.

Eu superei o fato de eles pensarem que poderiam continuar a controlar cada segundo de sua vida. Era uma besteira. Nenhum deles tinha alguém respirando em seus pescoços vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Todos podiam tomar suas próprias decisões e a irmã merecia o mesmo respeito.

— Não importa quantos anos ela tenha — Jace falou. — Ela é a nossa irmãzinha.

— Só que ela já não é tão pequenininha.

— Tudo bem... — Haven interrompeu. Ela estava ciente de que isso poderia aumentar de proporções rapidamente.

Jace conseguia me irritar como ninguém.

— Certo... falando no assunto, vou ao banheiro. Já volto — ela comentou.

Depois que ela saiu, fui direto ao assunto:

— Se você continuar perseguindo ela como faz, Jace, Haven acabará afastando você.

— De repente você se tornou um especialista em algo que não é da sua conta?

Minhas mãos se fecharam debaixo da mesa. Se tem alguma coisa que poderia me levar a partir pra cima dele, era Jace usando as mesmas palavras que usou quando eu tinha oito anos. Tentando controlar meu temperamento, não queria que ele soubesse que suas palavras me afetaram.

Em vez disso, joguei com calma e me levantei.

Inclinando-me perto de seu ouvido, sussurrei:

— Você quer dizer do mesmo jeito que você roubou e destruiu meu maço de cigarros como se fosse seu?

— Você sabia que um cigarro tira quatorze minutos da sua vida?

— Como toda vez que estou perto de você? Bem, que merda! — exclamei, zombando dele. — Devo ter perdido anos da minha vida só por sua causa.

Seus irmãos não estavam prestando atenção em nós. Eles estavam muito ocupados flertando com mulheres.

— Você tem uma resposta esperta para tudo que eu digo?

Estreitei os olhos para ele e falei com convicção:

— Adoraria ficar aqui e continuar com esta conversa mortal, mas não quero perder mais tempo com você. Além disso, não consigo processar como sua mente delirante funciona, Jace, porque não consigo enfiar minha cabeça tão fundo na sua bunda.

E... ele abriu uma porra de um sorriso. Um sorriso de merda que eu queria arrancar daquela cara dele.

— Eu gostaria de poder dizer que foi divertido, mas sejamos honestos, o prazer foi todo seu. Agora, se você me dá licença, vou flertar com homens da minha idade porque a última coisa que quero

é que os caras pensem que estou saindo com meu pai. — Afastei-me para sair, mas no último segundo ele agarrou meu braço.

— Cove, use essa boca sarcástica comigo de novo, e eu lhe darei algo para reclamar.

Não hesitei em retrucar...

— Não comece uma guerra que você não pode vencer, G.I. Joe.

CAPÍTULO 3

COVE

Me afastei, sem lhe dar uma segunda olhada.

Fui direto ao bar, usando minha identidade falsa para comprar uma cerveja. Esperei Haven sair do banheiro, e quando ela saiu, eu a encontrei no meio do caminho e agarrei sua mão para puxá-la para a pista de dança.

A multidão se abriu para nós enquanto a música mudava da banda ao vivo para um DJ tocando os últimos sucessos. As pessoas tornavam quase impossível dançar. Quase não havia espaço para se movimentar, o que era algo que eu gostava muito. Eu adorava ser o centro das atenções, e ser líder de torcida nos últimos quatro anos tornou mais fácil saber como agradar uma multidão.

Não demorou muito para que algum garoto bonito aparecesse atrás de mim, e outro cara que eu presumi ser seu amigo agarrou os quadris de Haven, esfregando sua bunda em seu pau enquanto minha cerveja espalhava-se por todo o chão aos nossos pés.

— Relaxa, Haven! — gritei acima da música, sentindo sua ansiedade em dançar com um homem com seus irmãos perto de nós. — Se divirta um pouco. Só estamos dançando.

Eu não me importava se eles estivessem a poucos metros de distância. Uma coisa era Jace roubar meus cigarros. Ele não faria a mesma coisa comigo só por dançar com um cara. Eu não era irmã dele. Não havia razão para me tratar como se eu fosse.

Afastando o simples pensamento dele da minha mente, comecei a dançar com o cara, balançando meu corpo ao ritmo da música enquanto suas mãos permaneciam em meus quadris. Nós nos movemos em sincronia um com o outro. Pela sensação da protuberância nas calças, ele gostou. *Bastante.*

Eu me perdi na música e na sensação de suas mãos em mim até que, de repente, ouvi Haven exclamar:

— Puta merda!

No último segundo, vi seus irmãos empurrando as pessoas para fora do caminho, como se uma bomba-relógio estivesse prestes a explodir. Observei enquanto eles derrubavam qualquer um em seu caminho, precisando chegar até ela o mais rápido que pudessem.

— Ah, meu Deus — eu murmurei. — Vocês só podem estar de brincadeira.

O punho de seu irmão Ledger se moveu primeiro, atingindo o cara com quem ela estava dançando bem no queixo. Antes que eu pudesse gritar com ele por exagerar no que acabou de fazer, Jace inesperadamente bateu no cara com quem eu estava dançando, fazendo minha cerveja respingar no chão.

Em um movimento rápido, Reid jogou Haven por cima do ombro enquanto Jace me jogou por cima do dele.

— Que porra é essa? — gritei, pega de surpresa pelo que estava acontecendo. Imediatamente comecei a me debater nas costas de Jace, exigindo que ele me colocasse no chão. — Quem você acha que é?!

O resto dos seus irmãos ficaram lá dentro, entrando em guerra com aqueles homens por nada. Estávamos apenas dançando.

Por que eu estava sendo arrastada para isso? Jace nunca me tratou assim antes.

— Jace! Me coloca no chão! — eu pedi. Dizer que eu estava confusa é um eufemismo. — Agora!

Ele o fez, batendo meus pés no chão com tanta força que tive que colocar as mãos em seu peito para me equilibrar.

Nem um segundo depois, ele rugiu:

— Não quero nem mais uma palavra saindo da sua boca, Cove.

Ao ouvir seu tom, empurrei-o o mais forte que pude.

— Vai se foder!

Pela segunda vez naquele dia, ele colocou a mão em volta do meu pescoço, desta vez me empurrando para dentro do prédio. Ele me segurou firmemente no lugar com o que só poderia ser descrito como um aperto mortal.

Antes que eu pudesse xingá-lo por me tratar assim, ele declarou:

— Você é um péssimo exemplo para Haven! Você é encrência!

— E você é um babaca autoritário! Ela tem dezoito anos, sua anta!

— E você também! Por que estava bebendo?

— Porque eu posso! — Tentei afastar sua mão, mas ela não se mexeu. — Jace, se você não me soltar, eu vou...

— Vai fazer o quê? — ele zombou com a mandíbula cerrada.

Meu peito se agitou, sentindo o peso de seus insultos e advertências.

— Você vai ser boazinha e vai sentar a bunda na minha caminhonete. Entendeu?

— Boazinha? — enfatizei, ofendida. — Você tá falando sério?

— Enquanto você agir como criança, vou te tratar como criança.

— Criança? Já sou adulta! Posso fazer o que quiser. Você não é meu irmão!

— Graças a Deus! Eu teria vergonha se fosse.

Eu estremeci. Foi rápido, mas ele viu.

Haven também deve ter feito isso, porque ela se intrometeu:

— Jace...

Ele silenciou Haven com o dedo no ar atrás de si. Seu olhar furioso não se afastou da minha expressão desafiadora.

— Quer anunciar a sua boceta como se fosse de graça? Assim você vai encontrar homens que não vão pensar duas vezes antes de transar com você numa cabine de banheiro. É isso que quer para si mesma, Cove?

Eu me encolhi, absorvendo o que ele estava dizendo brutalmente. Ninguém nunca tinha falado comigo desse jeito.

— Jace, já chega! — Haven ordenou, sabendo que ele estava ferindo meus sentimentos de propósito.

Ele não a ouviu, não que eu esperasse que ele ouvisse.

Ele que se foda.

— Algum dia você vai perceber que está enrascada se não começar a mudar seus modos. Tenha mais respeito por si mesma, menina. — Com isso, ele me soltou. — Agora, senta a bunda na minha caminhonete que vou te levar pra casa. Eu respondi:

— Eu me viro de Uber.

— Cove... não vou falar de novo.

Meu olhar intenso mudou para Haven enquanto ela murmurava:

— Vai com ele.

— Não sou problema seu, Jace.

— Agora é.

Relutantemente, fui com ele. No entanto, isso não o impediu de agarrar meu braço para me guiar como um maldito cachorrinho.

— Jace, me solta — exigi, ciente de que isso entraria por um ouvido e sairia pelo outro.

Tentei acompanhar seu passo enquanto ele nos levava às pressas para sua grande caminhonete. O som das minhas botas de salto alto vibrava profundamente em meu âmago a cada passo que eu dava. Um por um, isso aumentou todo o caos que irrompeu na minha cabeça.

— Você está indo rápido demais — implorei. — Você vai me fazer quebrar meu tornozelo.

— Então talvez da próxima vez você pense duas vezes antes de usar botas vulgares em um bar onde os homens só querem foder você com elas.

— Adivinha só, idiota! Viemos aqui com *você*.

Ele parou imediatamente, virando-se para mim.

— Sim, comigo. Que parte disso você não entendeu?

— Por que importa se eu bebo e danço com um cara? Eu faço isso o tempo todo.

— Você deveria ter pensado melhor antes de fazer isso na minha frente.

— Ok, chega com essa idiotice de G.I. Joe, Jace. Não preciso que você seja meu soldado.

— Posso proteger seu país, mas não sua boceta? — Minha boca se abriu. — Se você vai se apresentar como uma idiota, então os homens irão tratá-la como uma.

— Acho que então sua companhia não está excluída? — respondi.

— Não me compare a um homem que foderia você, Cove.

— Você está certo — rosnei. — Eu sou boa demais para você.

— Não me interprete mal. Seus insultos não me intimidam. Na verdade, tudo o que prova é o quanto você realmente está perdida.

— Não estou perdida. Eu sei exatamente quem sou. Não preciso que você me salve, Jace. Tenho feito isso durante toda a minha vida. Eu posso cuidar de mim mesma. Agora, se você tirar a mão de mim, não terei que dar uma joelhada nas suas bolas.

Se ele teve alguma reação ao que acabei de dizer, ele não demonstrou.

Frio.

Desalmado.

Desumano.

Isso foi tudo que Jace me mostrou.

— Coloque sua bunda na caminhonete, ou eu vou te jogar para dentro. De qualquer forma, vou te levar para casa.

Eu não tive escolha e odiei isso mais do que tudo. O trajeto até minha casa foi tranquilo, mas no caminho precisei usar o banheiro.

— Você pode parar no próximo posto de gasolina?

— Eu não ouvi “por favor”.

Minha mandíbula apertou.

— Por favor.

Pouco depois, ele parou em uma bomba de gasolina e desligou o motor.

— Você tem dez minutos, ou irei atrás de você.

— Você vai ser promovido de G.I. Joe para sargento militar? Que tal você me dar o itinerário de qual personalidade sairá de você a seguir?

Ele abriu a porta.

— Agora você só tem nove minutos. Eu me apressaria se fosse você. Revirei os olhos, saltando da caminhonete dele.

No caminho para o banheiro, esbarrei em alguém e minha bolsa caiu no chão, espalhando tudo de dentro dela.

— Merda! — Eu me agachei, rapidamente jogando minhas coisas de volta na bolsa antes que o idiota aparecesse e me envergonhasse ainda mais na frente de estranhos.

— Droga. — O homem com quem colidi se abaixou comigo. — Desculpe. A culpa foi minha. Deixe-me ajudá-la.

— Não precisa... — Levantei o olhar, fiquei sem palavras assim que vi o cara lindo na minha frente.

Ele sorriu e eu juro que meu coração acelerou. Seus dentes brancos perolados e olhos verdes brilhantes eram hipnotizantes. Sem mencionar que ele tinha covinhas, e a jaqueta de couro preta só aumentava o cheiro de sua colônia inebriante.

Engoli em seco, imediatamente cativada por todo o seu comportamento.

— O que foi? — ele perguntou, me olhando de cima a baixo.

— Oi — eu anunciei nervosamente. — Eu sou Cove.

— Prazer em conhecê-la, Cove. Eu sou Deacon.

Meu Deus... até o nome dele era lindo.

— O que uma garota bonita como você está fazendo sozinha em um posto de gasolina?

— Ummm... — De repente, sentindo pânico de que Jace interromperia esse momento e estragaria tudo para mim, enfatizei: — Eu adoraria continuar essa conversa, mas minha carona é um cretino, e eu tenho que ir.

— Você precisa que eu o coloque no lugar dele para você?

Meu estômago deu uma cambalhota com a forma como ele ficou instantaneamente em modo protetor.

— Ele é o irmão bem mais velho da minha melhor amiga. Quero dizer, ele é tão velho que poderia ser meu pai, então não há necessidade de me defender, mas eu agradeço.

— Que tal você me dar seu número para que eu possa levá-la para jantar?

Haven odiava quando eu era imprudente e dava meu número para caras que não conhecia, mas eu era o tipo de garota que vivia o momento e não iria perder a oportunidade de ter meu próprio *bad boy*.

— Eu adoraria.

Passei meu número, sabendo com certeza que ele ligaria. Eu só nunca esperei que me mandasse uma mensagem quando eu ainda estava na caminhonete de Jace.

Vou pensar em você pelo resto da minha noite.

E a verdade era...

... que eu iria pensar nele também.

CAPÍTULO 4

COVE

Um mês depois...

— Deacon — eu ri enquanto ele espalhava framboesas na minha barriga enquanto me segurava no sofá. — Pare de me torturar!

— Não é considerado tortura quando você gosta, linda.

Eu sorri apesar de querer tirá-lo de cima de mim. Ele começou a me chamar de “linda” desde o segundo em que me buscou para o nosso primeiro encontro.

Segurando meus pulsos acima da cabeça, ele perguntou:

— O que eu ganho se parar?

— O que você quer?

— Essas são minhas palavras favoritas.

— Você é horrível. Você sabe disso, né? — Ele me soltou.

— É por isso que você gosta de mim.

— É por isso que eu não deveria.

— Beleza, nós dois sabemos que você ficaria arrasada se não me tivesse em sua vida.

Antes que a última palavra saísse de sua boca, bati no rosto dele com um travesseiro.

Seus olhos se arregalaram.

— Ah, beleza, agora é guerra.

Eu gritei, prestes a bloquear seu ataque, mas fui muito lenta. Ele foi direto para a parte interna da minha coxa.

— Deacon, não se atreva — avisei enquanto seu dedo cravava em minha pele. — Você não pode fazer isso! Você não pode...

— Tente me impedir, linda.

Eu desesperadamente tentei afastar sua mão.

— Você sempre faz isso. Você sempre me faz cócegas. Não é justo!

— O que não é justo? Que você adora isso? É isso que não é justo?

— Não!

Ele sorriu, apertando minha coxa novamente, e eu perdi a cabeça. Chutando minhas pernas, eu me debati em todos os lugares, e meu corpo tremeu incontrolavelmente com seu ataque.

Eu não ia rir. Eu não podia rir.

Isso apenas o atrairia.

Ele apertou com mais força, contraindo os dedos no músculo a ponto de sentir dor. Como quando você faz cócega forte demais — dói muito, mas faz você rir da dor. Eu não aguentava mais e gritei, rindo histericamente e gritando, tudo ao mesmo tempo. Seu corpo firmemente preso em cima do meu, dando-lhe a vantagem de continuar a me torturar impiedosamente e sem remorso.

— Deacon! Você vai me fazer fazer xixi na calça!

Ele pressionou com mais força, minha garganta queimou e minha voz soou rouca.

— Você tem cinco segundos para se desculpar por bater na minha cara.

— Com um travesseiro!

— Quatro segundos, ou eu realmente não terei piedade de você. Três, dois...

Lutei mais e ri mais alto.

— Um...

— Desculpe! — gritei, tentando recuperar o fôlego, e ele finalmente parou.

Eu exalei pesadamente, inspirando e expirando, meu peito subindo e descendo, com meu coração batendo forte. Meu corpo quente tinha suor se formando nas têmporas.

Com as costas dos dedos, ele afastou o cabelo dos meus olhos.

— Você é horrível.

— E ainda assim você gosta de mim.

— Não sei por quê.

— Com certeza. Quem mais pode fazer você se sentir assim?

Ele me beijou lenta e apaixonadamente. Eu nunca fui beijada como ele me beijava. Cada vez que seus lábios tocavam os meus, uma faísca profunda se acendia no âmago do meu corpo e no centro do meu coração. Pela primeira vez na vida eu estava me apaixonando e o sentimento era muito mútuo.

Eu sentia isso em meus ossos.

Este homem também estava se apaixonando por mim.

Finalmente, encontrei o que estava procurando.

Eu ri, sentindo seu peso sobre mim. Era uma das minhas coisas favoritas no mundo.

— Você está me apertando.

— Mas estou tão confortável.

— Você é um babaca em tantos idiomas.

— Palavras agressivas para alguém que acabou de perder nossa batalha.

— Eu sempre perco a batalha.

— Mesmo assim, você ainda me tenta sempre que pode.

— Não posso evitar que você seja um babaca de coração e alma, Deacon McKay.

— Bem, Cove Trinity Noel, acho que isso faz de você minha presa.

— Eu gosto de como isso soa.

— Tem alguma ideia de como você é linda?

— Tenho — sorri. — Mas você pode me dizer de qualquer maneira.

Ele me beijou novamente.

— Você é tão macia embaixo de mim, linda.

Passávamos muito tempo juntos. Com Hayes ocupando a maior parte do tempo de Haven, preenchi o meu com Deacon. Ele me mimava com sua total atenção. Eu não estava acostumada a estar com um cara que queria saber tudo sobre mim. Ele não estava apenas

perguntando para puxar papo. Ele estava genuinamente interessado em tudo que eu compartilhava com ele de boa vontade.

Era bom me sentir o centro do universo de alguém.

Eu nunca tive isso antes.

Só no último mês, ele foi atencioso, querido e sempre me surpreendeu com passeios a lugares que ele sabia que eu amava porque contei a ele. Ele me levou ao zoológico para um passeio privado com os animais, uma experiência nos bastidores, e foi incrível.

Passamos um fim de semana no Grand Canyon, onde ele alugou uma barraca de alto padrão, e observamos as estrelas à noite enquanto caminhávamos durante o dia. Eu amava a natureza. Sempre que eu podia estar lá fora, eu estava. Ele até acordou às quatro horas do nosso último dia lá para que pudéssemos ver o nascer do sol no horizonte.

Cada detalhe das minhas coisas favoritas ele realizou. Ele estava marcando muitos pontos sem fazer nenhum esforço. Não pude deixar de me apaixonar por ele. Especialmente porque ainda não tínhamos transado. Deacon disse que queria esperar até que eu estivesse pronta. Beijar foi o mais longe que conseguimos, e ele estava bastante satisfeito com isso. Realmente me surpreendeu o quão paciente ele era comigo.

Ele tinha 28 anos e era engenheiro da maior empresa petrolífera da cidade. Baseado em sua cabana nas montanhas, ele ganhava muito bem. Seus pais estavam aposentados e passavam a maior parte do tempo viajando. Ele não os via com frequência e era filho único como eu. Nós nos unimos por causa disso. Ele sabia em primeira mão como era estar sozinho, tendo uma educação semelhante à minha.

Mudando de assunto, ele questionou:

— Você quer me contar o que houve esta manhã e por que teve que sair da minha cama tão cedo?

Eu dormia na casa dele com muita frequência. Era melhor do que ter que ficar sozinha na enorme propriedade que foi a casa da minha infância.

— Ah... uhm... não se preocupe com isso.

— Isso parece reconfortante.

— Sim... está tudo bem. Era apenas Haven lidando com Hayes novamente.

Uma semana depois de começarmos a sair, Jace ligou para meu telefone uma noite para encontrar sua irmã. Haven passou a noite fazendo as pazes com Hayes e colocou o telefone no modo avião para que não fossem interrompidos.

Por isso, Jace apareceu na minha casa e deixou um bilhete desagradável no meu carro, pensando que eu estava escondendo algo dele sobre Haven. Deacon não gostou da atitude e, desde então, ele tem sido extremamente protetor comigo quando o assunto é Jace.

Sua possessividade realmente mostrava o quanto ele se importava, ou pelo menos *me* importava. Era muito excitante e eu adorava.

— O que aconteceu?

Dei de ombros.

— Longa história.

— Eu tenho tempo.

Joguei meus braços em volta do pescoço dele.

— Então não deveríamos desperdiçar isso com o drama deles, mas...

— Eu sorri. — Eu contei a ela sobre você.

— Ah é? — Ele sorriu, suas covinhas orgulhosamente expostas. — O que você disse a ela?

— Que conheci meu próprio *bad boy*.

— É mesmo? — Ele me beijou antes de acrescentar: — Está tudo bem ou o irmão dela ainda está pegando no seu pé?

Revirei os olhos.

— Eu posso lidar com Jace.

— Eu também posso.

Eu ri.

— Não preciso que você me proteja de Jace.

— E por quê?

Tentei mudar a conversa.

— Eu já te disse o quanto eu amo que você seja um alfa?

— Linda, você não tem ideia.

— Eu sou uma garota de muita sorte.

— Eu é que sou o sortudo aqui.

Eu sorri, beijando-o novamente.

— Não pense que não sei o que você está fazendo. Agora você vai me contar a verdade sobre Jace?

— Não há nada para contar. Honestamente, eu realmente não o conheço muito bem.

— Mas ele conhece você o suficiente para falar com você do jeito que ele fala?

— Ele fala assim com todo mundo.

— Confie em mim, linda. Se ele continuar azucrinando, vai descobrir que seu namorado...

— Namorado? — soltei, surpresa por ele ter usado essa palavra.

Ele inclinou a cabeça para o lado, estreitando seu olhar atentamente para mim.

— O quê? — Eu respirei, incapaz de conter a necessidade de saber o motivo da tensão repentina.

Olhando profundamente em meus olhos, ele professou em tom agudo:

— Cove, você é minha.

Meus lábios se separaram.

— Gostei de ouvir isso.

Em segundos, todo um novo conjunto de emoções inesperadas explodiu dentro de mim quando ele revelou pela primeira vez:

— Eu te amo, linda.

Não hesitei em confessar...

— Eu também te amo.

CAPÍTULO 5

JACE

Passado: um ano após o funeral...

Depois de onze anos na Marinha, eu estava no meu quinto destacamento no exterior. Eu não ia para casa desde que enterramos nossa mãe. Nada mais importava além do meu dever para com o meu país. Foi a única coisa que me restou dentro de mim depois da morte dela.

O que, ironicamente, me fez ceifar mais vidas dos inimigos, fazendo com que eu me perdesse um pouco mais a cada dia.

— Sério, cara — Tony, um dos meus comandantes na minha unidade, persuadiu, tirando-me dos meus pensamentos. — Mal posso esperar para voltar para casa. Vou pedir a minha garota em casamento. Eu te contei que ela estava grávida?

Mal o ouvi. Eu estava em alerta máximo, olhando ao redor das ruas vazias com ele me seguindo enquanto o resto da minha unidade estava no beco oposto, cercando o prédio que estávamos patrulhando. Nos últimos anos, Tony foi meu amigo mais próximo. Ele me dava cobertura e eu dava cobertura a ele.

Nos últimos três meses, foi a mesma porcaria todos os dias, repetidamente. Embarquei em intermináveis missões de patrulha a pé que durariam de duas a três semanas seguidas. Sempre parecia que estávamos sendo observados de uma forma ou de outra.

Tínhamos o dedo no gatilho o tempo todo, prontos para disparar a qualquer momento.

Os dias eram longos e as noites ainda mais longas.

A parte mais louca disso tudo é que estar de volta a essas missões quase me fez sentir em casa. Todos nós nos sentíamos assim. No final das contas, ser civil era muito mais difícil do que ser soldado. Nossas mentes estavam sempre no campo de batalha, junto com as almas que havíamos levado.

Nos tempos em que estive em casa, foi difícil me reajustar à vida normal, e essa foi a pílula mais difícil de engolir. Foi tão difícil reativar sua normalidade. Vivi e respirei uma vida onde estava sob constante ataque.

Eu matei inimigos.

Eu perdi soldados.

Os longos períodos de violência tiveram um impacto psicológico em mim. Eu acordava várias vezes durante a noite, enlouquecendo se não conseguisse encontrar minha arma, mesmo que não precisasse dela naquele momento.

Eu estava sempre esperando algo acontecer, sempre em alerta, sempre esperando para matar o que eu não conseguia ver, ouvir ou tocar. Todas essas missões exigiam a mesma coisa, que apenas um punhado de equipes da Elite Force poderia realizar.

A equipe que eu estava comandando era a melhor das melhores — um grupo de homens que não temiam nada. Nossos rifles estavam carregados e prontos para atirar, colocando um pé na frente um do outro, ouvindo ao redor qualquer sinal dos filhos da puta.

Levantei minha mão esquerda, sinalizando para continuar.

— Tudo limpo — informei pelo rádio.

Enquanto eu olhava pela mira, virando à direita e à esquerda, caminhávamos pela floresta, tentando ficar o mais invisíveis possível. Misturando-nos com a natureza. Nem mesmo minha respiração conseguia sair de sincronia. Quanto mais traiçoeira a situação, mais calmo eu ficava.

Veja, meu pior pesadelo já havia se tornado realidade. Nada me restou para temer, a não ser o próprio medo.

Minha adrenalina trabalhava horas extras, sabendo que o inimigo estava próximo, mas eu não tinha nenhuma visão. Todas as minhas ações e ordens precisavam ser calculadas e precisas. Minha audição só aumentava a cada passo que dava na direção do perigo.

De repente, uma sensação estranha que reconheci muito bem subiu pela minha espinha. Olhei ao nosso redor, ficando na frente de Tony. Por um segundo, pensei ter visto um movimento com o canto do olho, mas então uma rajada de vento me cegou com a sujeira do ar viciado e seco.

— Você ouviu isso? — sussurrei alto o suficiente para ele ouvir. Ele acenou com a cabeça atrás de mim.

— Você viu essa merda?

Eu tinha visto.

Vi tudo, mas não precisei virar a cabeça para saber a que ele estava se referindo. Aconteceu tão rápido, mas parecia tão lento.

Saquei minha arma no exato momento em que peguei um atirador com o canto do olho, mirando direto em Tony. Entrando em ação como se estivesse no piloto automático, empurrei-o para trás o mais forte que pude com minha arma na minha frente. O som agudo e familiar de uma bala assobiando no ar do deserto passou por trás da minha cabeça e atingiu o prédio de concreto.

Recuperei o equilíbrio, derrubando o atirador antes que ele tivesse a chance de matar qualquer um de nós. Atirei uma bala no centro da testa dele como se fosse apenas mais um dia.

Abruptamente, gritos ecoaram ao longe, interrompendo minha descida.

— Porra! — gritei pelo meu rádio. — Abaixem-se! — Os filhos da puta abriram fogo rápido contra nós.

Não houve tempo para pensar.

Não houve tempo para respirar.

Não houve tempo para dar o fora dali.

— Porra! — Tony ferveu.

— NÃO! — gritei, plenamente consciente do que estava prestes a acontecer.

Ele retribuiu o favor, me empurrando para fora do caminho.

— Tony, não...

BAM!

Seu corpo instantaneamente recuou com o impacto da bala na lateral do pescoço.

Minha força.

Minha vontade de continuar seguindo.

— Merda — arfei.

Cuidadosamente, me virei de bruços, travando uma guerra com meu corpo para fazer o que fui treinado. Sentei lentamente, rastejando em direção a uma árvore próxima até me encostar nela.

Depois que meus olhos voltaram a ficar focados pela luz do sol e pelo ar sujo, pisquei algumas vezes, olhando gradualmente para cima. Ajustando-me à luz, olhei ao meu redor, precisando encontrar Tony. Eu superei desesperadamente a desorientação e confusão de nossa localização e onde o corpo de Tony poderia ter sido jogado.

Várias explosões continuaram acontecendo nas proximidades, e parecia que os segundos se transformaram em minutos e os minutos se transformaram em horas. Eu estava tentando freneticamente ver onde ele estava. Eu me empurrei da árvore, tropeçando para ficar de pé sozinho. Coloquei um pé na frente do outro, repetindo mentalmente, *preciso encontrá-lo*.

Meu corpo estava obviamente entrando em choque enquanto eu tentava ir em direção a Tony. Um homem que se tornou como um irmão para mim. Foi só então que vi que ele não estava se movendo. Quanto mais me aproximava dele, manobrava no piloto automático enquanto corria pelo beco. Eu não me importava com mais nada além de chegar até ele.

Armas em punho.

Balas disparando em todas as direções.

O inferno havia se formado ao meu redor, mas isso não me incomodava mais.

Achei que nada poderia me perturbar até que encontrei seu corpo. Tanto sangue saiu do que restou dele enquanto ele convulsionava, tremendo incontrolavelmente. Eu o observei morrer bem diante do meu olhar atormentado. Não pensei duas vezes sobre isso. Eu o agarrei, arrastando sua forma inerte para o que parecia ser um galpão vazio.

Ignorando seus apelos desesperados para não movê-lo, ele me implorou com urgência para deixá-lo lá. Parei quando estávamos longe o suficiente dentro das paredes de merda e longe de qualquer ponto de entrada. Por enquanto, escondi-nos o melhor que pude, até que um dos meus homens pudesse nos encontrar. Tudo se misturou, incluindo minha maldita sanidade.

— Jace, eu não consigo... — ele disse em um tom que não era o dele, já desistindo da vida.

— Está tudo bem, Tony. Estou com você, amigo. Você vai ficar bem.

— Parei acima dele, protegendo seu corpo com o meu. Tentei desesperadamente manter minhas emoções sob controle.

— Jace...

Engoli em seco, fechando os olhos por alguns segundos, precisando de um minuto para me recompor e olhar para ele novamente. Eu me preparei mentalmente para o que iria vivenciar, para o que aconteceria, para o que eu sabia que ele iria me implorar, porque eu imploraria pela mesma merda se estivesse no lugar dele.

Olhei para o soldado que eu conhecia pelo que pareceu uma vida inteira, observando a porra do meu melhor amigo.

— Estou aqui, irmão. Estou aqui — falei, meus lábios tremendo.

— Faça... — Ele sangrou pela boca. — Eu não posso morrer assim... por favor... apenas faça isso por mim...

Estendi a mão e agarrei a dele, apertando-a. Forneci todo o conforto que pude, deixando-o saber que estava lá com ele.

— Diga à minha garota que eu a amo, ok?

Assenti com a cabeça, me segurando por um fio.

— Um dia diga ao meu filho que morri como um herói, ok?

— Claro. Juro para você que eles serão bem cuidados.

Tony começou a tossir coágulos de sangue. Tentei fazê-lo sentar, mas ele gritou de tristeza.

Balancei a cabeça, incapaz de formar palavras.

— Sinto muito, Tony. Eu sinto muito. É meu trabalho proteger minha equipe, e eu falhei com você. — Baixei a cabeça de vergonha.

Seu corpo começou a convulsionar, desta vez pior que a anterior.

— Jace... deixe-me morrer com honra...

Outro suspiro de ar gorgolejou em seus pulmões. Ele estava sufocando em seu próprio sangue. Com meus dedos, fechei seus olhos e fiz o que tinha que fazer. Peguei minha Glock, fechei os olhos e acabei com seu sofrimento.

E assim, num piscar de olhos...

... Tony salvou minha vida enquanto eu me apossei da dele.

CAPÍTULO 6

COVE

Presente: quase dois meses depois...

— Você vai me fazer ir ao fim de semana da formatura sem você? — perguntei, jogando minhas botas de caminhada na bagagem.

Faltavam três semanas para a formatura e a viagem finalmente chegou. Nossa turma, junto com várias outras do estado, iriam para Disney Springs, em Yellowstone, pelos próximos dois dias.

— *Eu nunca seria capaz de me perdoar se fizesse você perder esse fim de semana para ficar comigo. Você está ansiosa por isso desde a nona série.*

Suspirei.

— Quem pegaria gripe justo agora?

— *Né? Tipo, que inferno!*

— Tem certeza que não quer que eu fique com você?

— *Pare de me perguntar isso. Eu já te disse não. Tudo que eu quero é que você se divirta muito e faça muitas fotos e vídeos. Vou stalkear suas redes sociais como uma maluca.*

— Eu prometo que farei tudo isso. Não se esqueça de me manter atualizada sobre como você está se sentindo.

— *Estou bem. O médico disse que tenho um caso leve e estarei como nova em alguns dias.*

— Certo. Só me prometa que vai lavar o maldito cabelo e tirar aquele moleto fedorento que você usa desde que você e Hayes

terminaram.

— *Pare de odiar meu moletom, Cove. Eles estão na moda.*

— Sim, para ir para o aeroporto, não para morar dentro dele.

— *Tudo o que quero fazer é deitar na cama e assistir filmes durante todo o fim de semana.*

Em seguida, joguei minha bolsa de higiene na bagagem.

— Se você assistir “O Diário De Uma Paixão” mais uma vez, Haven, que Deus me ajude...

— *É um clássico, Cove.*

— Assista Titanic, aquela vadia poderia ter compartilhado a porta com Jack, e todos nós sabemos disso. Esse é o clima que você precisa estar. — Fechei minha mala. — Ah! E o seu pai? Ele não vai mais de acompanhante?

— *Ele vai para...*

— Ei, Deacon está me ligando. Já que estarei sozinha em meu quarto de hotel, vou tentar convencê-lo a vir ficar comigo esta noite.

— *Espere um segundo. Isso não é contra a política escolar?*

— Regras foram feitas para serem quebradas, Haven.

— *Cove, não vá se meter em encrenca três semanas antes da formatura.*

— Já aceitei minha admissão na Universidade de Wyoming. Eu não posso me meter em encrencas. Além disso, todos tentarão entrar furtivamente nos quartos uns dos outros. Faz parte de toda a diversão.

— *Cove...*

— Relaxe. Você sabe que tenho levado pessoas para o meu quarto desde o ensino médio. Eu sou uma profissional a essa altura.

— *É por isso que existem acompanhantes. Tenho certeza de que haverá um em cada andar.*

— Eles têm que fazer xixi em algum momento, não é?

— *Cove...*

— Viver no limite faz a vida valer a pena, Haven. Amo você! Tchau...

— Desliguei, respondendo a Deacon: — Ei, meu bem.

— *Oi, linda. Você está arrumada e pronta para ir?*

— Estou.

— *Já te disse o quanto vou sentir sua falta?*

— Você não terá que sentir minha falta. Haven está doente, então parece que terei nosso quarto só para mim.

— *É mesmo?*

— Uhum. Talvez você até se dê bem.

— *Linda, você não está pronta.*

Revirei os olhos.

— Essa não é uma decisão minha?

— *Que tipo de homem eu seria se transasse com você antes que você estivesse pronta?*

O homem tinha a paciência de um santo. Nós nos beijamos muito, mas ele parava sempre que nos aproximávamos do próximo passo.

— O tipo que dá incontáveis orgasmos à namorada.

— *Meu pau não precisa estar dentro de você para fazer isso.*

— Prove.

— *Veremos.*

— Isso significa que você vai?

— *Talvez.*

— Está bom para mim.

Assim que desligamos, dirigi para a escola bem na hora certa para a partida dos ônibus escolares. Depois de deixar minha bagagem com o motorista, entrei. Parei de repente quando vi a pessoa que menos esperava sentada no assento ao meu lado.

— Ah. Porra. Não — eu me estressei, balançando a cabeça.

Jace sorriu abertamente, cruzando os braços sobre o peito.

— Cove, neste fim de semana, sou o sr. Beckham para você.

Eu olhei para ele.

— Você está substituindo seu pai, não está?

Ele deu um tapinha no assento ao lado dele.

— Guardei um lugar para você.

— Os idosos sentam-se na frente do ônibus, G.I. Joe.

Ele arqueou uma sobrancelha, ordenando com voz severa:

— Sente-se.

— Eu não sou seu cachorro, muito menos sua cadela.

— É aí que você se engana. — Ele jogou um cordão para mim que dizia: *Assistente do sr. Beckham*.

— Merda.

— Agora sente-se.

— Eu não me inscrevi para ser *sua* assistente. Haven e eu éramos assistentes do *seu pai*.

— Bem, eu o substituí, então agora isso faz de você *minha* assistente.

— Absolutamente não. Vou solicitar um...

— Cove! Aí está você! — a sra. Myer exclamou, caminhando até mim.

— Vejo que você descobriu que irá ajudar o filho do sr. Beckham neste fim de semana.

— Sim, sobre isso...

— Já que Haven solicitou um quarto conjugado com o pai...

— Certo, esqueci disso.

— Os únicos quartos que o hotel pode acomodar em tão pouco tempo são dois quartos adjacentes com porta anexa.

— Ah... então terei meu próprio quarto?

— Sim.

Pensando em Deacon, imaginei que seria muito mais fácil enfiá-lo sorrateiramente se eu tivesse meu próprio quarto.

— Isso parece ótimo. Obrigada.

Pela mudança abrupta no meu tom, Jace me olhou com ceticismo.

— Perfeito. — Ela sorriu.

Depois que ela se afastou, sentei-me relutantemente ao lado de Jace.

— Lembre-me de gritar com Haven por não me avisar que você estaria aqui.

— Ela não sabia.

— Que seja.

Disney Springs ficava a apenas uma hora de distância, graças a Deus. Coloquei meus fones de ouvido e não liguei para ele até chegarmos ao nosso destino. Fui a primeira a quebrar o silêncio entre nós, incapaz de me conter por mais tempo.

— Por que você está aqui? — Recusei-me a olhar para ele, mantendo minha atenção focada na minha frente. — Você não tem amigos da sua idade? Por que iria querer sair com um bando de garotos do ensino médio?

— Pensei que você fosse adulta?

— Você sabe o que eu quero dizer. — Apontei para o ônibus. — Isso não parece exatamente ser a sua praia. Não há nenhum evento para idosos que você vai perder neste fim de semana?

Ele ignorou minha provocação.

— Estou fazendo um favor ao meu pai. Se você não fosse uma garota mimada, saberia o que é isso.

Eu me virei para encará-lo.

— Qual é o seu problema?

— Nenhum. Estou apenas afirmando o óbvio.

— Você não sabe nada sobre mim.

— Eu sei tudo o que preciso saber.

— Tipo, o quê?

— Você não quer seguir esse caminho comigo, Cove.

— Tente.

Quando ele não disse uma palavra, continuei:

— Certo. Eu começo. Por que você sempre age como se tivesse um pau permanente enfiado na bunda? Melhor ainda, por que você sempre trata Haven como se ela fosse um bebê que não consegue se defender sozinha? Você a viu ultimamente? Ela está arrasada por causa de Hayes.

— Quantas vezes eu tenho que dizer para você cuidar da sua vida?

— Tantas quantas forem necessárias para tirar você do pé dela.

— E você acha que essa é a melhor maneira de fazer isso?

— Na verdade, acho sim. Você fica me dizendo para cuidar da minha vida. Bem, você também precisa fazer o mesmo para que isso seja justo.

— Odeio dizer isso a você, coelhinha. A vida não é justa.

Eu recuei.

— Coelhinha...

O ônibus escolar parou rapidamente, me interrompendo. Antes que eu pudesse perguntar de onde veio aquele apelido, ele se levantou e acenou para que fôssemos. Fiz o que me foi dito, principalmente por ter sido pega de surpresa pelo que ele acabara de me chamar.

Afastei esse sentimento, pegando minha bagagem, mas Jace a pegou para mim. Não pude deixar de notar o quão forte ele era. O cara pegou minha bolsa e a dele como se não pesassem nada.

Quando entrei em meu quarto de hotel, já era quase hora do almoço, e deveríamos nos encontrar na suíte particular do Mickey para nossa aula em apenas uma hora. Tomei uma ducha rápida e, enquanto enrolava a toalha em volta do corpo, ouvi uma batida na porta.

— Já vai! — Certificando-me de que a toalha estava segura, abri a porta e encontrei Jace parado do outro lado.

— É assim que você atende a porta? — ele imediatamente repreendeu.

— Claro que não. Se eu soubesse que era você parado aí, não a teria aberto.

Não sei o que me incomodou mais: o fato de ele ter ficado bravo por eu ter aberto a porta enrolada na toalha ou o fato de ele nem ter olhado para mim enquanto eu estava molhada e praticamente nua na sua frente. Seus olhos não olharam para o meu corpo por um segundo — era como se eu não fosse nada mais do que uma criança para ele.

— O que você quer?

— Que você coloque umas malditas roupas.

— Sem problemas. — Bati a porta na cara dele. — Idiota.

Voltei ao meu banheiro para me vestir e colocar um pouco de maquiagem.

Eu nunca imaginei quando voltei para o meu quarto...

... Jace estaria encostado no batente da porta dos nossos quartos adjacentes.

CAPÍTULO 7

COVE

- Isso é arrombamento e invasão, Jace.
- Que parte de “quartos adjacentes” você não entendeu?
- A parte em que você está no meu quarto sem ser convidado.
- Não preciso de convite quando você é minha assistente durante o fim de semana.
- Isso é besteira. Por que você iria querer ficar perto de mim o fim de semana inteiro? Você nem gosta de mim.
- Não coloque na minha boca palavras que eu nunca disse.
- Você pode ter me enganado, mas quer saber? Isso não muda o fato de que eu te odeio. Então, por que você não procura outra líder de torcida para estar à sua disposição e de plantão pelos próximos dois dias?
- Não — afirmou. — Quero você.
- Você diz isso como se fosse verdade.
- Eu nunca digo nada que não seja sincero. Você é minha assistente. — Ele empurrou o batente da porta, caminhando em minha direção com passos calculados. — Estou aqui para tomar posse de você, coelhinha.
- Tomar posse de mim? Por que isso soou sexual?*
- Cada passo que o aproximava de mim fazia meu coração acelerar.
- Eu... eu...
- Você, o quê?

— Por que você continua me chamando de “coelhinha”?

— Porque é melhor do que eu chamar você de pé no saco.

— Você está no meu quarto e eu sou a pé no saco?

Ele sorriu, parando na minha frente.

— Você é sempre tão perspicaz?

— Faz parte do meu charme.

— E eu que pensei que trazia à tona o que há de pior em você.

— Ah! — zombei em um tom condescendente. — E eu que pensei que você soubesse tudo sobre mim?!

— Por que você insiste em brigar comigo?

— Por que você insiste em me irritar tanto? Da última vez que conversamos, eu era uma vagabunda que dava um mau exemplo para sua irmã, lembra?

— Uma vagabunda abriria as pernas de verdade e não apenas fingiria.

— O que você quer dizer com isso?

— Você é uma provocadora, Cove, e não porque esteja genuinamente interessada em se deitar com um garoto qualquer. Você está simplesmente tentando encontrar validação em todos os lugares errados. É por isso que você ainda é virgem.

Minha boca se abriu.

— Você não tem direito...

— A verdade dói, coelhinha. Eu avisei você no ônibus para parar de me provocar, mas vou explicar isso para você, já que não sabe aceitar um não como resposta. Não tenho medo de ferir seus sentimentos e daqui cinco segundos você já vai voltar a ser um pé no saco.

— Seu idiota...

— Deixe-me terminar — ele ordenou, me enfurecendo ainda mais. — Você precisa parar de fingir ser alguém que não é. Vai acabar mal para você se continuar nesse caminho só porque está sozinha e procurando a atenção das pessoas erradas.

Sentindo-me ingênua, menti:

— Não sou virgem.

Ele me olhou de cima a baixo por um momento.

— As pessoas piscam menos quando estão mentindo e piscam mais depois de mentirem, então tente novamente dando menos bandeira desta vez.

— Então agora você é Sherlock Holmes?

— Se eu te contasse — ele sorriu novamente —, eu teria que te matar.

Engoli em seco.

— Você está nervosa, coelhinha?

— Não. — Pisquei rapidamente duas vezes. — Merda. — Ele deu uma risada. — E daí? Você é tipo um detector de mentiras ambulante?

— Algo parecido.

Franzi o cenho.

— Pare de medir suas palavras.

— Então saia da minha cabeça.

— Mas você torna isso tão fácil, Cove.

— Você não sabe nada sobre mim. Pare de me generalizar com suas estatísticas de estudos de caso. Elas não têm nada a ver comigo.

Ele propositalmente deu um passo em minha direção, esperando que eu recuasse. Mas não fiz isso.

— Que parte eu não sei? Você é impulsiva e acha que é adulta.

— O mesmo acontece com todos os jovens de dezoito anos que já existiram.

— Tudo bem... que tal isso? — Este homem era cheio de surpresas.

— Você mexe o cabelo para cobrir a lateral do rosto quando está ansiosa. Você mexe os dedos quando está pensando profundamente. Roe as unhas quando pensa que ninguém está olhando. Sorri quando está sofrendo. Odeia admitir quando está errada. Ri quando está desconfortável e finge que não precisa de ninguém. Na verdade, você está apenas procurando um garoto para preencher aquele vazio que seu pai deixou.

Estreitei os olhos para ele enquanto meu coração acelerava, batendo profusamente em meu peito.

— Aqui está uma boa: você tem muitos pensamentos passando pela sua mente agora, mas o principal deles é o quanto você quer me afastar. Sou o primeiro homem a sacar suas besteiras, e isso te assusta mais do que qualquer coisa. Eu vejo através de você, Cove. Você só espera que alguém desça para a toca do coelho com você, porque pelo menos assim você não estará mais sozinha.

Com o coração na garganta, perguntei:

— Como você sabe de tudo isso?

Ele não hesitou em falar com convicção.

— Sou treinado para isso.

— Você não está mais no exército. Você não precisa...

— É aí que você se engana. Minha mente está sempre em guerra consigo mesma. É a consequência de tomar almas que não me pertenciam.

Eu não sabia o que dizer.

O que sentir.

Eu mal conseguia imaginar o que ele voluntariamente compartilhou comigo.

Isso era o máximo que soube sobre ele. Sua família nunca falou sobre o que Jace fez nos últimos vinte anos. Havia muito mais que eu queria saber e perguntar, mas sabia que ele não responderia às minhas perguntas, mesmo que eu implorasse.

Pela primeira vez desde que o conheci, senti como se suas paredes tivessem caído momentaneamente, o que bagunçou minha cabeça mais do que eu queria admitir.

Eu não era mais aquela garotinha cujo coração ele quebrou. Naquele momento, eu era a mulher que o entendia.

O silêncio era ensurdecador, martelando repetidamente em meu âmago e por todo o meu corpo. O peso de suas palavras pesava na sala enquanto eu tentava encontrar mais respostas através de seus olhos.

Exceto que Jace era um soldado. Ele não me mostraria nada a menos que quisesse. Eu não conseguia ver além de seu escudo de armadura que era mais uma vez orgulhosamente exibido diante de mim.

— É isso que tenho que fazer para calar você?

Não consegui evitar e deixei escapar:

— Sinto muito pelo que aconteceu com você, Jace.

Recuando, ele disse:

— Não preciso da sua pena, Cove.

— E da minha solidariedade?

— Menos ainda.

— Você sabe que essa pose de durão não é saudável.

— Não é pose.

Dei de ombros.

— Só estou tentando te ajudar.

— A única ajuda que preciso de você são suas habilidades de assistente neste fim de semana.

— Certo. Como quiser.

Ele passou os próximos vinte minutos me contando o que precisava. Exceto que eu mal estava ouvindo. Eu estava muito hiperconcentrada no que ele tinha cabado de compartilhar comigo.

"É a consequência de tomar almas que não me pertenciam."

Só então percebi que havia muito mais em Jace Beckham do que aparentava. Eu não pude deixar de querer saber o que mais havia por baixo de seu exterior duro.

Depois do almoço, nosso coordenador de fim de semana levou minha classe pelo rancho enquanto andava a cavalo. Eu estaria mentindo se dissesse que não estava observando as habilidades de Jace e como ele cavalgava sem esforço, lembrando de todas as vezes que o vi montado em um cavalo quando ele estava ajudando seu pai no rancho.

Para piorar a situação, todas as garotas babavam em cima dele, esperando que ele prestasse atenção nelas. Era realmente lamentável assistir e, por algum motivo, me irritou ver o quanto as garotas o bajulavam.

Terminado o passeio, usei o banheiro dos estábulos.

Enquanto eu lavava as mãos, uma colega líder de torcida do meu time apareceu ao meu lado no espelho.

— Aí está você — Gaby cumprimentou. — Eu preciso que você me conte tudo sobre Jace!

— Uhm... por que eu saberia alguma coisa sobre ele?

— Ora, qual é?! Ele é o irmão da Haven e vocês são praticamente irmãs. Agora desembuche.

— Honestamente, Gaby. Não sei muito sobre ele.

— Você pelo menos sabe se ele tem namorada?

Ele tem?

— Eu não tenho certeza.

— Temos a fogueira esta noite. Você pode guardar para mim um lugar ao lado dele?

— Você não está com Jordan? — perguntei, franzindo o cenho.

— Por que eu iria querer estar com um garoto quando posso estar com um homem?

— Jordan sabe disso?

— Quem se importa. Ele não está aqui neste fim de semana.

— Que bom — vomitei maliciosamente.

— Por que você está sendo tão estranha em me ajudar com Jace? Você gosta dele ou algo assim?

— Não.

— Não?

— Claro que não. Ele é irmão da minha melhor amiga.

— Então, se ele não fosse, você estaria a fim dele?

Eu estaria?

Afastei o pensamento.

— Absolutamente não.

— Ótimo! Não se esqueça de guardar um lugar para mim. — Com isso, ela se virou e saiu.

Durante todo o tempo que estivemos perto da fogueira, observei-a praticamente se atirar nele. Embora Jace parecesse indiferente a ela, isso não impediu o ciúme inesperado que senti ao vê-la tentar seduzi-lo.

Eu nunca tinha visto Jace com uma mulher antes, e era uma pílula difícil de engolir. Eu não pensava nele de uma forma romântica desde

que era criança, e isso estava fodendo com o ódio que eu achava que ainda sentia por ele.

— O que foi? — Jace perguntou.

— Estou bem — eu fingi.

— Você não parece bem.

— Pensei que você soubesse tudo sobre mim?

Ele estreitou os olhos para mim antes de olhar para Gaby, que pendurou seu marshmallow sobre o fogo a poucos metros de nós.

Ela olhou para ele sorrindo, me fazendo revirar os olhos.

— Você não gosta dela? — ele questionou, alto apenas o suficiente para eu ouvir.

Merda! Ele conseguia sentir meu ciúme?

— Ela é de boa.

— E você obviamente não está.

— Pare de me psicanalisar.

Quando seu olhar se tornou pesado demais, levantei-me abruptamente.

— Vou para a cama.

— São só oito da noite.

— E daí?

Jesus, Cove... essa é a sua melhor resposta?

— Você é uma coruja noturna.

— Que porra é essa? — Eu balancei minha cabeça. — Você anda me perseguindo secretamente?

— Meu quarto é ao lado do de Haven, lembra? Vocês duas adoram ficar acordadas a noite toda.

— Existe alguma coisa que você não saiba? Quer me dizer quando será meu próximo ciclo?

— Com base na sua atitude raivosa, eu diria que você está na TPM agora, então deve ser em breve.

Meus olhos se arregalaram.

— Não faça perguntas para as quais você não quer respostas, coelhinha.

— Essa é minha deixa, vou para a cama.

— Cove...

Eu deveria ter ficado de boca fechada, mas, mais uma vez, não pude evitar.

— Para sua informação, Gaby tem namorado.

Ele inclinou a cabeça para o lado, arqueando uma sobrancelha, e eu imediatamente me arrependi de minhas palavras.

— Por que isso é da minha conta?

Dei de ombros.

— Eu odiaria que você ficasse com...

— Ela é uma criança. Eu sou um homem. Eu não fodo com estudantes do ensino médio.

— Nós estamos nos formando em...

— Nós?

Merda!

— Quer saber? Você tem razão. Você poderia ser nosso pai.

A expressão em seu rosto só provou que ele viu através das minhas baboseiras. Sentindo-me como se estivesse literalmente sob um microscópio, baixei a cabeça.

— Até amanhã.

Eu não dei a ele a chance de responder, em vez disso, dei o fora dali. A viagem de elevador até o meu quarto foi lenta e torturante para o meu estado de espírito.

O que estava errado comigo? Por que eu estava com ciúmes de Jace e Gaby? Por que eu me importava?

Não fazia sentido. Nada aconteceu.

Corri para o meu quarto, fechando rapidamente a porta atrás de mim e encostando minha testa nela. Respirando fundo, me senti oprimida pela reviravolta nos acontecimentos.

Eu amo Deacon, não amo?

Pelo que pareceu ser a centésima vez naquele dia, fui pega de surpresa quando dois braços fortes envolveram minha cintura. Sem pensar duas vezes sobre isso, bati minha cabeça na cara dele.

— Que porra é essa, Cove?

Eu imediatamente reconheci aquela voz.

CAPÍTULO 8

COVE

Eu me virei.

— Ai, meu Deus! Deacon, me desculpe.

Ele segurou o nariz enquanto o sangue escorria por seus dedos, fazendo com que eu me sentisse muito pior.

— Merda! Deixe-me pegar um pouco de gelo para você.

Corri para o banheiro para pegar uma toalha antes de pegar gelo na geladeira.

Deacon sentou na beirada da cama, inclinando a cabeça para trás enquanto eu gentilmente colocava o gelo em cima de seu nariz para ele.

— Me desculpe. Eu não sabia que era você.

— Espero que sim.

— Achei que era alguém tentando me machucar. Como você entrou no meu quarto?

— Quem te ensinou como fazer isso?

— O irmão de Haven, Reid. Ele nos ensinou alguns movimentos de autodefesa quando nossos seios começaram a crescer.

Ele riu.

Graças a Deus, seu nariz parou de sangrar.

— Não sei se devo ficar bravo ou orgulhoso de você.

— Você está bem?

— Sim, foi apenas a minha dignidade que foi atingida.

- Como você entrou no meu quarto?
- Eu queria fazer uma surpresa para você.
- Eu entendo isso, mas como você...

Afastando o gelo do nariz, ele se levantou.

- Não se preocupe com isso. Ninguém me viu entrar.
- Isso não responde à minha pergunta.
- Que tal você me beijar em vez disso?

Sorri, ficando na ponta dos pés para beijá-lo, mas pela primeira vez na minha vida, imaginei os lábios de Jace nos meus.

Mas que diabos?

- Eu volto já. Eu vou me lavar.

Enquanto ele estava no banheiro, eu andava freneticamente pelo quarto.

"Ela é uma criança. Eu sou um homem. Eu não fodo com estudantes do ensino médio."

Eu mostraria a ele, vestindo um conjunto rosa de sutiã e calcinha, peguei meu celular e apertei o play na minha playlist sexy na qual pratiquei meus movimentos de stripper. Eu estava tendo aulas no ano passado e adorava qualquer dança que conseguisse aprender.

Assim que Deacon voltou, joguei meus braços em volta de seu pescoço.

- Deixe eu me redimir com você.

Nosso beijo rapidamente esquentou até que ele se afastou abruptamente.

- Linda... — ele avisou enquanto eu tentava aproximá-lo de mim pela camisa.

- Ah, vamos lá, você vai desperdiçar este quarto?

Anoiteceu. A brilhante lua cheia pairava no horizonte como um farol. Lentamente, me virei até ficar de costas para ele. Balançando meus quadris de um lado para o outro, deslizei minhas mãos até a cabeça para passar os dedos sedutoramente pelo meu cabelo enquanto o tirava do pescoço.

Houve uma forte mudança no ar, no espaço, na energia ao nosso redor.

Cada centímetro da minha pele se mexeu com o despertar.

Minha respiração falhou.

Meu pulso acelerou.

Meu coração começou a bater forte no meu peito.

Lambi meus lábios, minha boca de repente seca. Eu me perdi nas emoções avassaladoras sobre Jace, que pareciam estar tomando conta de mim, embora eu estivesse nos braços de Deacon.

Afastando o sentimento, jurei:

— Eu te amo.

E eu amava, não amava?

Ele me virou para encará-lo.

— Eu também te amo.

— Apenas fique comigo, ok? Eu sei que você quer.

— É muito arriscado. E se alguém nos ouvir?

— Seremos silenciosos.

— Isso não funciona exatamente para mim.

— Vamos lá... é a emoção que conta.

— Achei que você tivesse dito que tinha seu próprio quarto. — Ele acenou com a cabeça em direção à porta adjacente.

— Não se preocupe com isso.

— E se eles...

— Vou deixar você colocar em qualquer lugar. — Eu podia senti-lo sorrindo contra minha bochecha. — Que tal você me deixar convencê-lo?

— Cove, é melhor eu ir. Achei que você tivesse seu próprio quarto.

Empurrei-o para a cama, fazendo-o rir.

— Eu tenho. Agora pare e aproveite isso.

— Por que você está sendo tão persistente? O que está acontecendo com minha garota?

Como não consegui confessar a verdade, menti:

— Só não quero esperar mais.

Antes que ele pudesse me dizer não, desafivelei seu cinto e sua calça jeans.

— O que você está fazendo?

— Exatamente o que parece. Se você não me tocar, então eu tocarei em você. — Beijeí sua barriga, tentando abaixar sua calça jeans.

— Linda...

— Shhh! Estou ocupada.

Eu puxei sua boxer, mas ele rapidamente me virou de costas. Quase instantaneamente, fui envolvida por seu perfume familiar e masculino. Os lábios de Deacon deslizaram ao longo da curva do meu pescoço e eu gradualmente inclinei minha cabeça, afastando-me para permitir-lhe mais acesso.

Encontrando seus olhos, movi meus quadris contra seu pau, e ele passou seu braço forte em volta da minha cintura, me puxando para mais perto dele. Perto o suficiente para que não houvesse nada entre nós, apenas a fricção de nossos movimentos inebriantes.

Parecia que horas se passaram, e tudo que eu queria era esquecer a porra do Jace Beckham.

Deacon agarrou minha bunda e eu passei minhas pernas em volta de sua cintura, gemendo em sua boca. Ele me beijou apaixonadamente, mas minha mente ainda estava em outro lugar.

— É isso que você quer, linda?

— Sim...

Ele beijou meu pescoço, sem tirar os olhos dos meus. Sorrindo como um idiota, ele beijou meu peito, estômago e parte interna das coxas com os lábios. Minhas costas arquearam para fora da cama enquanto minha mão foi para sua nuca.

— Porra — ele disse rouco, começando a abaixar a costura da minha calcinha.

Este foi o mais longe que já havíamos chegado, e de repente fiquei nervosa com o que aconteceria. Sentei-me para dizer a ele que talvez não estivesse pronta quando a maçaneta da porta ao lado balançou.

Meus olhos se arregalaram.

Meu coração parou.

Juro que parei de respirar.

— *Cove, por que a porta está trancada?* — Jace gritou.

— Quem é esse? — Deacon perguntou, levantando-se abruptamente enquanto afivelava a calça.

Instantaneamente, pulei da cama, colocando minha mão sobre sua boca.

— Você precisa se esconder — sussurrei.

— O quê?

— *Cove!* — Jace bateu na madeira. — *Abra a porta!*

Deacon começou a caminhar em direção a ela, mas eu parei bruscamente na frente dele.

— Ele é um dos acompanhantes. Você tem que se esconder.

— *Abra a porra da porta!*

— Por que ele está falando assim com você?

— Prometo que vou explicar tudo para você, mas por favor... você tem que se esconder.

Deacon rosnou, saindo relutantemente para a varanda. Fechei rapidamente a porta deslizante atrás dele, certificando-me de fechar as cortinas também.

— *Cove!* — Jace rugiu.

Eu pulei da cama, correndo para destrancar a porta.

— O quê?! — gritei, irritada com ele.

Foi só quando o olhar predatório de Jace percorreu meu corpo que me lembrei que estava usando apenas sutiã e calcinha. Seu olhar de cobiça me deixou congelada.

Então ele se sentia atraído por mim?

— Que ideia é essa de abrir a porta seminua?

— Eu... eu...

Em um movimento rápido, Jace tirou o moletom e cobriu meu corpo com ele.

— Vista isto. Agora!

Fiz o que me foi dito, afastando-me do feitiço que parecia fazer efeito quando eu o via.

Passando por mim, Jace examinou o quarto.

— Quem está aqui com você?

— Ninguém.

— Você espera que eu acredite nisso quando você está vestida como se estivesse pronta para ser fodida?

Toda a cor desapareceu do meu rosto.

Ele não vacilou, não que eu esperasse que ele fizesse isso.

— Onde ele está, Cove?

Dei de ombros, desviando o olhar.

— Não sei do que você está falando.

— Não jogue esse jogo comigo, coelhinha. Você não vai vencer, porra.

— Relaxe, Rambo. Estou sozinha.

— Vestida assim?

— Sim. — Eu não encontrei seus olhos, pegando meu celular para desligar a música.

— Você está mentindo.

— Não estou.

— Então me olhe nos olhos quando estiver falando com você.

Não olhei.

— Você não é meu pai. Pare de agir como se fosse.

— Confie em mim, se eu fosse, já teria você de joelhos e implorando por misericórdia.

Minhas coxas tensionaram.

De todas as coisas a dizer, tinha que ser *isso*?

Com um passo, Jace estava na minha frente, agarrando meu queixo para olhar para ele.

— Onde ele está? Não vou perguntar de novo.

Prestando muita atenção aos meus maneirismos, pisquei normalmente, respondendo:

— Eu já te disse, G.I. Joe. Estou soziha aqui.

— A pior coisa que você pode fazer é mentir para mim.

— Eu não...

— Não diga que eu não avisei.

Ele correu pelo quarto, olhando embaixo da cama e nos armários.

— Dá pra parar? Não tem ninguém aqui!

Quando seus olhos voaram para a porta, meu coração parou novamente. Jace deve ter notado, já que nós dois corremos até lá, mas cheguei primeiro.

Colocando minhas mãos na minha frente, exclamei:

— Qual é o seu problema? Você está agindo como se estivesse com ciúmes.

— Se você acha que isso vai funcionar comigo, então não me conhece.

— Você tem razão. Eu não te conheço.

— Mova-se ou farei isso por você.

— Eu não vou...

Ele se inclinou para frente, me jogando por cima do ombro com minha bunda agora em seu rosto.

— Jace, pare com isso!

Ele não ouviu, me jogando na cama. Depois que abriu as cortinas e as portas, eu pulei de pé, não sabendo o que esperar.

— Jace, vá embora... — Hesitei, percebendo que Deacon não estava em lugar nenhum. Estávamos no quinto andar, mas isso não me impediu de olhar por cima da grade.

Onde será que ele foi?

— Feliz agora? Eu disse que não tinha ninguém aqui.

Eu poderia dizer pela sua postura irritada que ele não acreditou em mim nem por um segundo. Tudo aconteceu tão rápido. Num minuto, estamos discutindo como cães e gatos e, no minuto seguinte, nossos olhos estão fixos na carteira que Deacon deixou para trás, debaixo da mesa. Eu me lancei ao mesmo tempo que ele, mas estava mais perto e agarrei-a primeiro. Impulsivamente, sem pensar, coloquei a carteira dentro da calcinha. Bem na minha boceta.

— Você acha que isso vai me impedir?

Abri a boca para responder, mas com um movimento fluido Jace agarrou meus pulsos e me virou, pressionando meu rosto e a frente do meu corpo contra a porta de tela enquanto segurava meus braços acima da cabeça.

Arfei alto enquanto meu peito subia e descia rapidamente. Com o outro aperto em meu quadril, ele me prendeu contra a porta. Fiquei refém de seu abraço apertado.

Atrás de mim, ele sussurrou em meu ouvido:

— Você não tem ideia de com quem está se metendo, coelhinha.

Eu não sabia o que dizer; mal estava respirando.

— O que você está fazendo?

— Cavando em busca de ouro.

Seus dedos calejados deslizaram pela minha barriga antes que ele os deslizasse para dentro da minha calcinha, tocando o topo do meu monte. Minhas coxas imediatamente se apertaram, sentindo meu núcleo ficar molhado. Engoli em seco, derretendo com seu toque. As mãos de Deacon não se comparavam às de Jace. Ele não chegava nem perto do jeito que Jace estava me deixando excitada.

— E minha coelhinha tem uma boceta completamente depilada — foi só quando ele disse em um tom rouco que eu arfei um pouco, surpresa com sua explosão, mas também excitada pra caramba. — Quem poderia imaginar — acrescentou com a mesma voz rouca.

Isso significava que ele pensava em mim também?

Em segundos, seus dedos roçaram meus lábios externos e tudo acabou antes mesmo de começar. Jace rosnou enquanto arrancava a carteira de Deacon da minha calcinha, afastando-se de mim.

Senti a perda de seu toque instantaneamente.

No momento em que me virei, ele já estava entrando em seu quarto.

Sem nenhuma vez...

... olhar para mim ou para o que ele intencionalmente me fez passar.

CAPÍTULO 9

COVE

As últimas cinco semanas e meia foram um turbilhão, começando com a formatura, há duas semanas. O dia se repetiu em minha mente muitas vezes sem que eu percebesse.



— Bem-vindos formandos, colegas, familiares e amigos. Parabéns a todos que estão seguindo em frente com suas vidas hoje — o diretor da nossa escola anunciou através de seu microfone, ficando na frente e no centro do palco diante de todos nós. — Gostaria de começar agradecendo a todos os familiares e amigos presentes nesta manhã. Eu sei o quão orgulhosos vocês devem estar de seus filhos ou filhas entrando no próximo capítulo de suas vidas. Eu mesmo tenho um filho que se formará no próximo ano e as palavras não podem descrever o sentimento de orgulho que sinto por ele.

Eu não conseguia acreditar que o dia finalmente havia chegado. Eu não estava mais no ensino médio e o futuro estava à minha disposição. Candidatei-me a várias faculdades e fui aceita em todas elas.

Fui tola em pensar que meus pais estariam na plateia, orgulhosos pra caramba pela formatura de sua única filha. Acho que, como pais, seria um marco tão importante quanto foi para seus filhos. Eu até lembrei minha mãe há alguns dias, rezando silenciosamente para que

eles conseguissem me apoiar só desta vez, mas fui atingida pela dura realidade de que eles não davam a mínima. Eles não estavam sentados nas arquibancadas gritando meu nome com pura alegria e entusiasmo.

Senti como se estivesse realmente abandonada pelo egoísmo deles. Um momento monumental que deveria ser sobre mim se transformou em um dia que eles arruinaram completamente.

Ao receber meu diploma, tentei focar no momento, mas não consegui. Depois de apertar a mão de todos no palco, olhei para o público, procurando meus pais novamente, pensando que talvez não estivesse conseguindo vê-los de onde estava sentada. Apenas para levar um tapa na cara com sua ausência.

Enquanto eu estava saindo do palco, do nada, meu olhar desapontado se conectou ao de Jace. A última coisa que eu queria era que ele me analisasse, então, em vez disso, olhei para o chão. Para minha infelicidade, ele se sentou no final da fila por onde tive que passar no caminho de volta ao meu lugar. Meus colegas ainda estavam na minha frente e todos esperávamos a fila passar.

Tentei ignorá-lo o máximo que pude. Desde a viagem, quando desempenhei o papel de sua assistente, se eu não precisasse estar perto dele, não estava. Quando acordei na manhã seguinte, a carteira de Deacon estava na minha mesa de cabeceira e não falamos sobre ele ou sobre o que aconteceu na noite anterior. Eu sabia no fundo da minha mente que, se falássemos sobre Deacon, teríamos que conversar sobre o que aconteceu entre nós, e acho que era mais fácil fingir que não aconteceu.

No entanto, eu não conseguia parar de pensar nas mãos dele em mim e em como ele me fazia sentir. Ainda assim, Deacon não chegou perto das emoções que Jace arrancou de mim sem esforço.

Quanto mais eu ficava ali, mais sentia as lágrimas brotando em meus olhos porque meus pais não estavam lá para me apoiar. Antes de voltar para o meu lugar, Jace puxou meu vestido, fazendo-me olhar para ele.

Em meio ao barulho das famílias nas arquibancadas, ele murmurou:

— Não chore, coelhinha. Eles não valem a pena.

Meu coração acelerou, sorrindo para ele, mas nosso momento foi muito curto. Tive que voltar para o meu lugar. Só quando estava quase lá é que vi a pessoa que menos esperava encostada em uma das arquibancadas no outro extremo do auditório, com os braços cruzados sobre o peito.

Deacon.

Quando perguntei para onde ele havia fugido naquela noite, ele disse que escorregou até a varanda ao lado do meu quarto e decidiu ir embora. Declarou alguma merda sobre como aquela não era para ser a nossa primeira vez.



Agora, várias semanas depois, a culpa de ainda pensar em Jace estava me corroendo, especialmente depois que Deacon apareceu na minha formatura, entre todos os lugares.

— Ei — Deacon disse, puxando minha mente de volta ao presente. — Onde você estava?

— Ah... eu estava pensando na formatura.

— Você estava linda naquele dia.

Eu sorri.

— Ainda não consigo acreditar que você estava lá.

— Onde mais eu estaria? Eu não teria perdido por nada no mundo, linda.

Após o término da cerimônia, corri para os braços de Deacon. Infelizmente, no momento em que abrimos caminho no meio da multidão, ele teve que voltar ao trabalho, então fui com Haven e sua família almoçar como havia planejado originalmente. Eles eram muito fofos. O pai dela até comprou um lindo colar de diamantes com uma cruz para mim. Foi semelhante ao que ele deu para Haven, expressando em seu cartão que eu sempre seria como mais uma filha para ele.

Era o que eu precisava ouvir. Nunca estive mais grata pelos Beckham do que naquela manhã. Apesar de quase não ter dito uma palavra a Jace durante o almoço, não pude deixar de querer dizer muitas coisas a ele, mas não sabia por onde começar.

Eu gostaria de poder dizer que parei de pensar nele.

Eu gostaria de poder dizer que ainda o odeio.

Eu gostaria de poder dizer muitas coisas que não eram verdade.

Foi como se ele tivesse colocado um feitiço em mim, gravando-se na minha cabeça, onde me fazia pensar nele o tempo todo. Com o passar das semanas, meus sentimentos por ele também aumentaram. Exceto que eu mal entendia o que eles significavam neste momento. Era confuso, para dizer o mínimo. Não ajudou o fato de Deacon ter estado fora a trabalho nas últimas duas semanas e meia, e minha melhor amiga estar no exterior vivendo sua melhor vida com o namorado.

Tudo o que tive tempo para fazer foi pensar.

Determinada a superar quaisquer emoções idiotas que passavam por mim quando se tratava de Jace, elaborei um plano. Esta noite, surpreendi Deacon em sua casa com um jantar, vestindo um uniforme de empregada sacana que encontrei online. Eu não aceitaria um não como resposta desta vez.

Ele ainda era um cavalheiro.

Doce.

Atento.

Cuidadoso.

Ele era meu próprio Príncipe Encantado, e eu estava pronta para lhe dar minha virgindade.

— Que tal você me deixar agradecer pelo adorável jantar e por essa roupa que você está usando para mim? — Ele beijou meu pescoço até meus lábios.

— Ah é? — Eu sorri contra sua boca.

— Você tem alguma ideia do que faz comigo? Do quanto eu penso em você?

Eu sorri, olhando em seus olhos.

— Seu corpo é pecaminoso, linda. Eu só pensava nisso enquanto estava fora. O quanto eu queria me perder dentro de você. Em vez disso, acariciei meu pau pensando em você.

Meus olhos se arregalaram e minha respiração ficou presa.

— Eu não conseguia tirar você da minha mente. Você consumiu cada parte de mim.

Ele agarrou minha bunda, envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura enquanto me carregava em direção ao seu quarto. Colocando-me no colchão, ele pairou seu corpo musculoso sobre o meu.

Beijando-me.

Devorando-me.

Fazendo-me sentir como se eu fosse só dele.

No início, seu beijo foi suave, tomando meus lábios entreabertos como um convite aberto para deslizar lentamente sua língua em minha boca que o aguardava. Ele tinha gosto de uísque e de outra coisa que eu não conseguia identificar. Aprofundando nosso beijo, ele agarrou minha nuca com força, e nossas línguas se entrelaçaram em urgência e demanda.

Em um movimento rápido, ele separou minhas pernas e colocou seu pau duro bem em cima do meu calor, me fazendo estremecer de desejo.

— Você é tão gostosa, linda.

Sua mão desceu do meu pescoço até a lateral do meu peito, deixando um rastro de desejo em seu caminho. Antes que eu percebesse, minha fantasia de empregada estava no chão e fiquei apenas de sutiã e calcinha.

Ele gemeu alto e forte do fundo de seu peito enquanto seu olhar predatório consumia todo o meu ser.

Seu toque.

Seu perfume.

Seus sons.

— Eu te amo — ele disse em uma respiração, puxando a costura da minha calcinha de seda para baixo.

No instante em que me sentei e respondi que também o amava, o inferno começou.

Não foram os olhos de Deacon que eu encarei... Foi o homem parado na porta do quarto, usando uma máscara de esqui, que chamou minha atenção.

— Que merda é essa?

Ele ergueu a arma, me deixando sem palavras no exato momento em que Deacon se virou para ver o que me assustou.

Os minutos se transformaram em horas e as horas em dias enquanto toda a minha vida se desenrolava diante de mim em questão de segundos. Eu me lembraria para sempre do que aconteceu a seguir, como se fosse uma trágica história de amor.

— O que você está...

BANG!

Um estalo alto ricocheteou nas paredes vindo do atirador, e eu gritei mortalmente quando um calor repentino se espalhou por todo o meu rosto.

Meu pescoço.

Meu peito.

Por um momento, pensei que ele tivesse atirado em mim, mas não poderia estar mais errada quando o corpo de Deacon caiu sobre mim. Todos os noventa quilos dele caíram relaxados em cima do meu pequeno corpo. Se eu pensava que não conseguia respirar antes, o sangue e o cérebro de Deacon na minha pele sem dúvida provaram que eu estava errada.

Daquele ponto em diante, eu estava lá, mas não estava.

O peso repentino do cadáver de Deacon foi jogado para longe de mim como se ele não pesasse nada.

— Pare de gritar — alguém rosnou perto do meu ouvido, mas eu mal conseguia ouvi-lo. — Pare de espernear — o homem zombou novamente.

Eu mal conseguia ouvi-lo. Meus ouvidos zumbiam muito alto enquanto as paredes se fechavam sobre mim.

Ele assassinou meu namorado...

Isso se repetiu em minha mente infinitamente.

O homem agarrou meu braço, me puxando para ficar de pé sobre minhas pernas bambas. Eu instantaneamente caí em seu peito sólido e musculoso. Seus braços me envolveram, me segurando perto para ter certeza de que eu não cairia.

— Se você sabe o que é bom — ele rosnou em meu ouvido novamente —, você vai parar, porra.

Eu mal conseguia ver através da névoa de sangue e sabe Deus o que mais havia em meu rosto e corpo. Tudo aconteceu tão rápido que não tive tempo de registrar o que aconteceu a seguir.

O homem mascarado me girou de costas agora para sua frente, sussurrando em meu ouvido desta vez o que parecia ser "*saia fodendo por aí e descubra*", antes de colocar um pano sobre meu nariz e boca e então...

Tudo ficou preto.

CAPÍTULO 10

COVE

Senti os lençóis macios e quentes debaixo de mim antes mesmo de abrir os olhos. Meu corpo parecia ser um só com o colchão. Uma sensação flutuante me percorreu. Minha cabeça estava leve como uma pena, embora meu corpo parecesse pesado como um tijolo, afundando cada vez mais nos lençóis de linho.

O cheiro e os sons das ondas do oceano agrediram imediatamente os meus sentidos.

Onde eu estava?

Engoli em seco, plenamente consciente de que não havia praias em Wyoming.

Onde quer que eu estivesse, era longe de casa.

— Você finalmente acordou — uma voz masculina distorcida anunciou a poucos metros de onde eu estava desmaiada.

Fiquei instantaneamente apavorada, sentindo medo de uma forma que nunca senti.

Quanto tempo se passou? O que ele vai fazer comigo agora que estou acordada? Ele vai me matar também?

Não, ou ele já teria feito isso, certo?

Pergunta após pergunta passava pela minha mente em alta velocidade. Uma atrás da outra.

Meus olhos se abriram, ou talvez ainda estivessem fechados. O quarto em que eu aparentemente estava desmaiada estava escuro

como breu, e foi por isso que os sons e cheiros foram intensificados em primeiro lugar. Eu não conseguia ver um centímetro à minha frente enquanto rapidamente surtei internamente.

Não disse uma palavra nem dei um pio; eu nem tinha me mexido ainda. Com muito medo do que aconteceria quando eu fizesse isso. Eu não conseguia entender como ele sabia que eu estava acordada. Mal percebi que estava acordada. Antes que eu pudesse terminar esse pensamento, os acontecimentos perturbadores da noite desabaram sobre mim como uma pilha de tijolos. O que deveria ser uma das noites mais memoráveis da minha vida se tornou uma das mais traumáticas.

Tudo o que ouvi em seguida foi o som de um interruptor na mesa de cabeceira. A luz imediatamente me cegou, iluminando o quarto. Meu coração batia forte contra meu peito, minha mente mais uma vez girando em pensamentos sobre por que eu estava ali e o que ele faria comigo em seguida. Eu queria olhar ao redor, mas não consegui desviar o olhar dele. Se eu espiasse o ambiente ao redor, isso tornaria tudo muito real. Meu subconsciente estava me protegendo da realidade do que se tornou minha vida.

Nossos olhares se encontraram com minhas emoções correndo soltas dentro de mim.

Cada fibra do meu ser gritava para eu fazer todas as perguntas que destroçavam meu cérebro, mas eu sabia que não obteria nenhuma resposta. No entanto, isso não me impediu de querer perguntar a eles de qualquer maneira.

Abri a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa, quando ele interrompeu, lendo minha mente:

— Você quer respostas — o homem disse por meio de um dispositivo que colocou sobre a boca para distorcer a voz.

Assenti com a cabeça hesitantemente, não sendo capaz de encontrar minha própria voz. Os sentimentos que me invadiam estavam me paralisando de maneiras que nunca pensei serem possíveis. Não havia mais como segurar.

Eu explodi, rompendo em histeria enquanto meu corpo começava a tremer incontrolavelmente.

Era demais para mim.

Era muito real.

Eu estava lutando contra a inevitável perda dessa guerra inesperada em que me encontrava.

— Cove, pare de chorar.

Merda!

Ele sabia meu nome, desencadeando um outro nível de terror, causando-me um colapso emocional. Isto foi muito pior do que quando a sra. Beckham morreu. Pensei na vida que ainda queria viver e no futuro que merecia ter com todas as pessoas que não veria novamente ou de quem não me despediria.

Será que meus pais perceberiam que eu tinha ido embora? Eles se importariam?

— Olhe para mim — ele exigiu, me assustando ainda mais. Balancei a cabeça fervorosamente, fechando os olhos com força. — Eu disse olhe para mim.

— NÃO!

Eu bem que fui avisada. Minha mãe sempre disse que minha atitude desafiadora acabaria sendo o meu fim, e ela não estava errada.

— Cove...

— NÃO! — Coloquei as mãos nos ouvidos, apoiei a cabeça nos joelhos e me enrolei como uma bola protetora, como se isso fosse me resgatar desse cenário horrível.

No instante em que senti suas mãos arrancando meus braços das orelhas, minhas defesas de lutar ou fugir finalmente entraram em ação e escolhi lutar. Lutei com tudo dentro de mim, sabendo que minha vida dependia disso.

Chutando.

Socando.

Gritando.

Eu lutei com tudo, encontrando forças que não sabia que tinha em mim.

Até que ele prendeu meu corpo na cama, segurando meus pulsos acima da cabeça. Agora ele estava pairando acima de mim, me deixando muito mais vulnerável nesta posição com ele em cima de mim do que antes. Eu estava à sua mercê e ele também sabia disso. Mesmo assim, não abri os olhos; com medo das consequências do que acabei de fazer e do que aconteceria porque não escutei.

De repente, seu celular tocou e ele afrouxou o aperto por um segundo. Pensando rápido, abri os olhos e o encontrei estendendo a mão para pegá-lo. Usei seu momento de distração a meu favor e dei uma joelhada nas bolas dele com toda a força que pude, agradecendo silenciosamente a Reid por me ensinar essa técnica de autodefesa.

Ele gemeu, caindo para frente, mas antes que pudesse cair na cama, empurrei seu corpo para longe de mim. Seu corpo caiu no chão com um baque alto e forte, e eu imediatamente senti uma imensa sensação de satisfação por poder pelo menos machucá-lo.

Ignorando a instabilidade do meu corpo e da minha mente, saí correndo da sala e bati a porta atrás de mim. Agarrei a cadeira ao lado do batente, colocando-a sob a maçaneta, fixando-a no lugar na esperança de trancá-lo ali para me dar tempo de escapar.

Com um pé na frente do outro, atravessei o lugar onde estava presa. Corri o mais rápido que pude pelo corredor estreito, meus pés descalços batendo impiedosamente no chão. Só então percebi que estava limpa, vestindo uma camisa e cueca boxer de homem, mas nua por baixo.

Ele me despiu? Me limpou? O que mais aconteceu enquanto eu estava desacordada?

Tentando manter o foco no presente, corri pela casa em alta velocidade, procurando uma porta ou qualquer outro lugar de onde pudesse escapar.

Esconder.

Rezar.

Esperar pelo meu resgate...

Alguém me encontraria, certo? Alguém estaria me procurando? Haven? A família dela? Talvez até Jace?

— Socorro! — gritei, batendo nas paredes. — Alguém, por favor, me ajude!

Corri o mais rápido que pude por outro corredor vagamente iluminado, parando apenas para verificar as poucas portas que ladeavam as paredes para ver se estavam abertas. Experimentando as maçanetas, bati com os punhos esperando por algum tipo de milagre que uma delas pudesse abrir.

Elas estavam todas trancadas e não pude deixar de pensar se outras mulheres estavam dentro de alguma delas.

Eu estava sendo traficada? Vendida pelo lance mais alto? Eles não costumavam pagar mais por uma virgem?

Deacon... como eu gostaria que você ainda estivesse comigo.

— Socorro! POR FAVOR! ALGUÉM POR FAVOR ME AJUDE!

Ouvi a porta do quarto onde eu estava presa ser chutada. Ecoou pelas paredes e no âmago do meu ser. O som dos seus sapatos arrastando no chão de madeira. Ele estava vindo atrás de mim, isso eu sabia que era verdade. O terror se instalou novamente e comecei a correr, olhando para trás para ter certeza de que ele não estava atrás de mim, sem prestar atenção para onde eu estava indo.

Freneticamente, tentei me orientar enquanto olhava em volta, precisando encontrar algo que pudesse usar como arma.

Nada.

Nem um maldito objeto.

Em vez disso, me escondi debaixo da mesa, com as costas apoiadas na parede. Meu coração estava martelando no peito. Estava tão alto que juro que ele podia ouvir. Colocando a mão sobre a boca, concentrei-me em respirar suavemente pelo nariz, como se um homem mascarado não estivesse me perseguindo.

Observei pelas fendas dos meus olhos enquanto seus passos passavam por mim, mas no último segundo, ele se virou abruptamente e agarrou meus tornozelos, me fazendo gritar e chutar

sem sucesso até que mais uma vez me prendeu no chão embaixo dele.

Fechei os olhos com força, movendo a cabeça de um lado para o outro, recusando-me a olhar para ele. Com um aperto forte e exigente, ele agarrou meu queixo, fazendo-me encará-lo. Porque eu era uma mulher desafiadora, isso estava na minha natureza e fazia parte do meu DNA neste momento, meus olhos se abriram e eu cuspi impulsivamente em seu rosto, caindo direto em seus lábios.

Para meu completo horror, ele lentamente lambeu a boca de uma ponta a outra, inclinando a cabeça para o lado como se estivesse me provocando.

O aviso de Jace na noite em que ele me carregou para fora do bar passou pela minha cabeça.

"Algum dia você vai perceber que está enrascada se não começar a mudar seus modos."

Ele estava certo.

Porra!

Incapaz de me conter, disparei:

— Por que você ainda está usando máscara? Hein? Por que você está usando uma máquina de voz? Você tem coragem de matar meu namorado e me sequestrar, mas não tem coragem de mostrar quem você realmente é? Você sabe o que isso prova para mim? Você não passa de um maldito covarde!

Para garantir, cuspo na cara dele novamente. Só que desta vez caiu bem perto de seu olho. Eu não esperava que ele soltasse uma risada, obviamente divertido com minha explosão.

Ainda me sentindo mal-humorada, ultrapassei mais limites, acrescentando:

— As pessoas vão procurar por mim. Na verdade, o irmão da minha melhor amiga é militar aposentado e é durão! Ele vai me encontrar e, quando o fizer, vai matar você, porra!

Não sei por que usei Jace como meu herói. Talvez fosse apenas um pensamento esperançoso ou talvez fosse apenas eu sendo um idiota descarado.

Ele sorriu maliciosamente enquanto agarrava a ponta de sua máscara de esqui.

Fiquei ali, esperando pelo inevitável. Depois que o vi, não havia como voltar atrás, eu seria uma testemunha ocular se me encontrassem.

Mas quando seria isso?

Apesar do resultado difícil de ver seu rosto, isso não impediu meu desejo de ver quem ele era.

Num movimento rápido, ele me mostrou o homem por trás da fachada.

— Ai, meu Deus.

Eu simplesmente nunca esperei que ele revelasse...

... que o maldito Jace Beckham era agora o vilão em vez de meu herói.

CAPÍTULO 11

JACE

Seus olhos azuis brilhantes se arregalaram enquanto ela estava ali deitada, incrédula.

Fui o primeiro a quebrar o silêncio ensurdecador entre nós, afirmando:

— Vou te soltar, mas só se prometer não lutar mais comigo.

Completamente em estado de choque, ela pensou por um segundo antes de assentir lentamente.

Soltei seus pulsos e então, hesitante, comecei a me afastar com as mãos estendidas à minha frente em um gesto de rendição. Assim que eu estava sentado na ponta das botas, ela tentou me dar um soco no rosto, mas eu a peguei no meio do golpe, o que só a irritou ainda mais. Eu não poderia culpá-la. Na verdade, eu estava orgulhoso da coragem que ela teve em uma situação de vida ou morte.

Cove era muito mais forte do que eu imaginava, e isso dizia alguma coisa, considerando que eu achava que ela já era muito corajosa por toda a merda que seus pais a fizeram passar.

Não desistindo, ela começou a lutar comigo novamente, mas eu estava perdendo a paciência.

— Se acalme — ordenei, bloqueando seus ataques.

— Me acalmar?! Você quer que eu me acalme?! Você matou meu namorado, seu idiota! Eu o amava, e ele é o único homem que já me amou!

— Já deu! — rosnei alto. — Chega dessa merda! — Fiquei de pé, arrastando-a comigo.

— Jace, você não...

Joguei Cove por cima do ombro, carregando-a de volta para o quarto da casa segura em que estávamos. Ela chutou e gritou o caminho todo, resistindo em uma luta infernal. No entanto, eu não esperava nada menos dela neste momento.

— Jace! Me coloque no chão!

Eu coloquei, batendo sua bunda na cama. Antes que ela pudesse me dar mais trabalho, peguei as algemas do bolso de trás, algemando um de seus pulsos na barra de ferro na cabeceira da cama.

Ela recuou quando percebeu o que eu acabara de fazer.

— Não! — Puxando a mão para trás, ela tentou se libertar.

— Pare, ou você vai se machucar.

Ela olhou para mim.

— Não mais do que você já me machucou!

Respirando fundo, tentei desesperadamente manter a calma, embora estivesse à beira da loucura quando se tratava dela.

— O que diabos está acontecendo?!

— Quanto menos você souber, melhor.

— Que tipo de resposta idiota é essa?

— A única que vou te dar.

Ficamos em um impasse por um momento antes de eu abrir as cortinas, deixando entrar um pouco de luz natural. Assim que ela percebeu que estávamos em uma ilha isolada, suas sobrancelhas franziram.

— Onde estou?

— Onde eu quero que você esteja.

— E onde seria isso?

Agarrando a poltrona, deslizei-a ao lado dela e me sentei. Inclinando-me para frente, apoiei os cotovelos nos joelhos, pensando no que diria a ela em seguida.

Seu longo cabelo loiro fluiu por todo o rosto e pelas laterais do corpo. Sua pele estava pálida e seus lábios carnudos estavam secos devido

à desidratação. Observando-a por um segundo, acenei para o copo de água na mesa de cabeceira.

Dentro da grande rebeldia de Cove, ela o derrubou com as costas da mão e o objeto caiu aos meus pés, quebrando-se no chão ao meu redor.

— Coelhinha... — avisei em tom tenso.

— Não me venha com *coelhinha*, seu idiota! Por que você continuaria me assustando assim se era você o tempo todo sob aquela máscara de esqui?

— Eu estava tentando tornar as coisas mais fáceis para você, me vendo como o vilão e não como seu maldito herói.

— Eu só disse isso porque...

— Não há necessidade de me enganar. Eu sei por que você disse.

— Ah, é mesmo! Esqueci que você sabe tudo sobre mim.

— Você acha que isso é fácil para mim, Cove? Você é a porra da melhor amiga da minha irmãzinha!

Ela rapidamente fez uma careta.

— Você nunca ia me mostrar seu rosto?

— Eu ia, no meu tempo, não no seu, mas você tornou completamente impossível para mim não me revelar!

— Não grite comigo! Que tal você pensar por um minuto no que estou passando, seu filho da puta egoísta?!

Eu rosnei enquanto minhas mãos se fechavam ao meu lado.

— Tudo o que fiz foi pensar em você. Se eu não tivesse feito isso, você já estaria morta!

Passei as últimas horas sentado nesta maldita cadeira, esperando ela acordar. Depois do clorofórmio, carreguei seu corpo para o meu veículo e nos tirei de lá, certificando-me de que ninguém nos seguisse. Cerca de uma hora depois, ela estava deitada no banco de trás de um jato particular onde voaríamos pelas próximas sete horas, com apenas uma parada para reabastecer.

Tive que injetar nela um sedativo poderoso para mantê-la dormindo o tempo todo, mas não saí do seu lado nem por um segundo.

Quando chegamos nesta casa segura no meio do nada, eu a coloquei na banheira.

Odiei ver o sangue daquele filho da puta e os restos de seu cérebro e crânio manchando sua pele. Gentilmente, limpei o sangue seco de seu rosto e corpo, cortando seu sutiã e calcinha com minha faca em seguida, expondo sua pele nua. Dei banho em Cove da melhor maneira que pude, dadas as nossas circunstâncias de merda.

Depois de limpá-la, peguei minha camisa e cueca boxer da minha bolsa e a vesti com elas. Cove se afundou em minhas roupas. Enquanto eu a carregava para a cama, ela não se mexeu nem uma vez e não nos movemos desde então. Eu a observei a noite toda, esperando que acordasse. Eu estava acostumado a não dormir. Sobreviver com apenas uma ou duas horas de sono durante semanas era como eu vivia.

— Você vai apenas ficar sentado aí e existir? — Ela gesticulou com a mão em minha direção, movendo-a para cima e para baixo.

— É assim que vai ser, coelhinha. Você não vai fazer mais perguntas...

— Uma ova que não!

— Se você me interromper mais uma vez, eu vou amordaçar você. Você me entendeu? Balance sua linda cabecinha se sim.

Eu podia ver nos seus olhos. Ela queria me desafiar. No entanto, relutantemente assentiu.

— Boa garota.

Sua mandíbula apertou.

— Confie em mim, Cove. Eu sei que isso é muito difícil, mas você tem duas opções aqui. Você pode ouvir todas as ordens que eu der ou...

— Fiz uma pausa, deixando minhas palavras penetrarem. — Você pode morrer.

Ela abriu a boca, mas rapidamente se lembrou do meu aviso.

— Boa garota.

Ela fez uma careta para mim, murmurando:

— Por favor.

Suspirei, cedendo a ela sem querer.

— Pergunte.

Ela não hesitou.

— Isso é besteira! Você invade a casa de Deacon e o mata a sangue frio, e agora espera que eu confie em você quando matou meu namorado por nada? O que diabos está acontecendo?

Não vacilei em minha reação.

— Deacon não era quem você pensava que ele era. — Ela estreitou os olhos para mim. — E eu também não sou.

— Eu não entendo.

— E nem vai.

— Tente. Por favor. Preciso saber que você não vai me machucar.

— Por enquanto, você está segura comigo.

— Por enquanto?

— Você quer viver, Cove?

— Claro.

— Então você vai ter que confiar em mim.

— Confiar no idiota que assassinou o homem que amo?

— Você não o amava, coelhinha.

— Não se atreva a me dizer o que sinto por Deacon, Jace.

— Você amava o homem que pensava que ele era. Aquele que fingiu ser para fazer você cair nas garras dele. Você era apenas um alvo para chegar até mim.

Ela recuou.

— Chegar até você?

— Tudo, desde o momento em que você o conheceu no posto de gasolina, foi mentira. Começando pelo nome, pela idade, até onde diabos ele morava. Nada do homem que você achava que conhecia...

— Isso não é verdade!

— Você não pode ser tão ingênua.

Ela estremeceu, sem tentar esconder isso de mim.

— Então ele estava apenas me usando?

Dei de ombros.

— Você facilitou as coisas para ele.

Seus olhos se arregalaram em descrença. Era flagrantemente óbvio que sua mente estava fora de controle. A compreensão da minha declaração causou a ela mais turbulência do que aliviou.

Cove olhou ao redor do quarto, evitando meus olhos. Suas emoções estavam tomando conta dela.

— Eu quero ir para casa — sussurrou baixo.

— Você não está mais segura lá. Você precisa ficar aqui.

Ela franziu a testa, lágrimas acumulando em seus olhos enquanto ela baixava a cabeça, derrotada.

— Com você?

— Sim. Comigo, coelhinha.

— Você promete que não vai me machucar?

Incapaz de evitar, exigi instintivamente:

— Me olhe nos olhos quando eu estiver falando com você — falei como se ela fosse apenas mais uma refém que eu estava interrogando.

Cove olhou para mim através de seus cílios longos e escuros enquanto algumas lágrimas escorriam pelos lados de seu rosto, mas ela imediatamente as enxugou, não querendo que eu a visse tão fraca.

Ainda assim, ela não entendia que eu conseguia lê-la como a palma da minha mão, sem sequer tentar.

— Você está segura aqui por enquanto — respondi à pergunta dela da melhor maneira que pude. — Deacon não era quem você pensava que ele era. Você não pode ir para casa porque agora corre perigo por causa de homens como ele.

— Homens como você também?

— Algo parecido.

Ela me lançou um olhar interrogativo.

— E você?

— O que tem eu?

— Você também está em perigo?

— Coelhinha, eu estou sempre em perigo. Isso depende de qual território estou e do que fui treinado para fazer.

Doeu ouvir a verdade da minha boca. Eu poderia dizer que ela se sentia mal por mim e estaria mentindo se dissesse que isso não me incomoda.

Me incomodava.

Muito mais do que eu gostaria de admitir.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que alguém fez isso.

— Você conhecia Deacon ou seja lá qual fosse o nome dele?

— Não importa.

— Importa pra mim.

— Sugiro que da próxima vez que você se apaixonar por um homem...

— Eu pensei... eu só pensei... quero dizer... eu nunca tive um namorado antes dele, e pensei... que ele me amava. — Seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Finalmente encontrei alguém que me amava.

Ignorei a resposta dela, recusando-me a deixar que me afetasse. Sabendo exatamente por que ela sentiu a necessidade de compartilhar isso comigo. Não pude deixar de notar o quão pequena e vulnerável ela parecia. Quão exposta ela estava comigo naquele momento.

Para uma mulher que se escondia atrás de sua força, era difícil assistir isso. Pelo menos era...

Para mim.

Ela lentamente lambeu os lábios, tentando controlar sua respiração instável. Esperando que eu não percebesse o quanto ela queria que eu a tocasse.

A segurasse.

A confortasse.

Eu não fiz isso.

Eu não consegui.

Eu não fui feito para isso.

— Nada disso faz sentido para mim.

— Quanto mais perguntas você fizer, menos fará.

— Se ele era um mentiroso, então o que você é?

— No momento, sou Jace Beckham. O irmão mais velho da sua melhor amiga.

— No momento? — ela insistiu, encontrando meus olhos. — O que isso significa?

— Isso significa que em poucas horas, precisarei que você seja outra pessoa também. Se você quiser permanecer viva, terá que seguir minhas regras.

Ela balançou a cabeça.

— Eu pensei que você fosse um militar aposentado?

— Eu sou.

— Sua família sabe...

— Qualquer um que saiba o que eu faço se torna um alvo, Cove. Para manter minha família segura, eles acham que agora sou apenas um militar aposentado.

— Então o que você faz, Jace?

— Coelhinha...

— Segundo você, eu já sou um alvo. Não tenho mais nada a perder. Quer que eu confie em você? Então terá que me contar a verdade. Quem é você, G.I. Joe?

Eu queria dar a ela a única segurança que pudesse, o que só colocaria sua vida em mais perigo, e acredite, a ironia não passou despercebida. Apesar de me sentir desconfortável em lhe dizer quem eu era, respondi à sua pergunta persistente como se fosse um homem no corredor da morte e, em alguns casos, era mesmo. Este momento era um deles.

Olhando profundamente em seus olhos, compartilhei a verdade sobre minha identidade pela primeira vez...

— Eu sou um assassino de aluguel, Cove.

CAPÍTULO 12

JACE

Passado: Funeral do Tony...

Ele se foi.

Para sempre.

Nunca mais voltará.

Da porta do quarto, observei Hope, sua noiva agora viúva, olhando para o vestido preto na cama, que eu sabia que ela comprou para o funeral dele. Ela me disse ontem de manhã que queria algo que pudesse jogar fora depois de usar. Algo que ela nunca teria que olhar novamente.

Eu estava hospedado no quarto de visitas deles desde que cheguei tarde na noite anterior. Eu só tive uma licença de três dias para presentear sua família com suas placas de identificação e bandeira na missa naquela tarde. Seu velório estava marcado para aquela manhã. Ela ficou olhando para ele durante a última hora, com medo de colocá-lo. Eu sabia porque também temia usar meu uniforme branco e impecável dos Navy SEAL. Tudo isso estava acontecendo. Estávamos nos preparando para dizer adeus a um homem que ambos amávamos.

Pela segunda vez, no que pareceram apenas alguns minutos, usei meu uniforme de gala para o funeral de mais uma pessoa que era como da família para mim.

Em um piscar de olhos, tudo o que aconteceu nos últimos dias passou rapidamente pela minha mente. Eu não tinha controle sobre isso, o que era a pior coisa para um homem como eu.

— Você não precisa usar isso, Hope — anunciei, encostando-me no batente da porta com as mãos nos bolsos da calça.

Ela se virou com o rosto cheio de lágrimas, olhando diretamente para mim. Quase como se ela pudesse ver dentro de mim, e éramos a mesma pessoa.

— Você pode vestir o que quiser. Tony iria querer que fosse assim. Ela balançou a cabeça.

— Acho que não consigo vestir nada. Não importa o que seja ou como se pareça. No final das contas, eu sei para que serve, então não muda nada — ela sussurrou tão baixo que mal consegui ouvi-la. Ela olhou para mim com uma expressão que eu também conhecia muito bem. Tony era como outro irmão para mim.

Mas eu não pude protegê-lo. Salvá-lo.

Ele morreu por minha causa.

— Vou ajudá-la a passar por este dia — falei, caminhando em direção a ela.

Ela estava em choque.

Desorientada.

O luto era uma emoção e tanto.

Tentei me concentrar em todos os momentos em que estivemos juntos. Conheci Hope através dele e, como ele falava dela com frequência, ela também era como família para mim.

Assim que fiquei na frente dela, coloquei minha mão em seu ombro, apertando suavemente para tranquilizá-la.

— Sinto muito, Hope.

— Eu acho que não consigo fazer isso, Jace.

— Você consegue, e você vai. Deixe-me ajudá-la.

Fazendo o que tinha que fazer, peguei seu vestido preto do cabide e disse a ela para levantar os braços, para que eu pudesse deslizá-lo suavemente pelo seu corpo antes de ajudá-la com os sapatos. Nada

no que eu estava fazendo era sexual. Eu estava apenas ajudando a angústia de sua noiva durante um dia cheio de pura agonia e pesar. Depois de ajudá-la a se preparar, fiquei na frente dela e tirei seu cabelo do rosto.

— Você está linda, Hope.

— Eu não me sinto bonita.

Quando ouvimos a mãe dela chamar por nós, agarrei sua mão, murmurando todo tipo de coisas tranquilizadoras para ela.

— O que vai acontecer agora?

— Vamos dizer adeus ao Tony.

— E o nosso bebê? Eu não tenho emprego...

— Prometi ao Tony que cuidaria de vocês dois, ok? Não se preocupe com nada. Estou aqui para vocês.

Ela assentiu levemente.

— Ok.

Durante o funeral, fiquei em estado de transe durante a cerimônia até que chegou a hora de cumprir meu dever para com o melhor amigo que já conheci.

Entregando a bandeira a Hope, declarei:

— Em nome do presidente dos Estados Unidos, da Marinha dos Estados Unidos e de uma nação agradecida, por favor aceite esta bandeira como um símbolo de nosso apreço pelo serviço honroso e fiel de seu ente querido.

Ela desabou e eu juro que me senti com sessenta centímetros de altura em vez de um metro e noventa. Não havia nada além de um sentimento de vazio profundo no que restava da minha alma.

Depois que o funeral terminou, fiquei lá, observando enquanto eles jogavam terra na nova morada de Tony. Durante o resto do dia, não me afastei um centímetro de seu túmulo até que nada além da escuridão me cercou, fazendo-me sentir como se tivesse morrido também.

Podem ter sido alguns minutos, algumas horas ou alguns dias que passaram diante dos meus olhos. O tempo não parecia importar enquanto eu estava congelado no lugar.

No tempo.

Tentei encontrar um pouco de paz, embora não a merecesse.

Permiti que minha mente e meu corpo buscassem abrigo naquele lugar escuro dentro de mim e estava começando a pensar que nunca mais sairia para a luz. Esta foi simplesmente a minha penitência por tirar outra vida que não me pertencia.

Respirei fundo e forte, inspirando pelo nariz e expirando pela boca antes de confessar a ele:

— Não me lembro como é ter uma boa noite de descanso. Às vezes, já é madrugada antes que meus olhos finalmente se fechem e a exaustão tome conta. No entanto, nunca é um sono tranquilo. Minha mente se recusa a desligar, embora eu esteja mentalmente exausto com as rodas girando a toda velocidade todas as horas do dia. A culpa que cresce dentro de mim está me comendo vivo, Tony. Fico pensando nas hipóteses, mas elas não importam porque não trarão você ou minha mãe de volta. Às vezes, parece que estou perdido sem ela. Outras vezes, parece que eu estava perdido muito antes de não conseguir me despedir dela.

Hesitei por um momento.

— Eu sinto muito, cara. Eu espero que você saiba disso. Rezo para que sua alma finalmente descanse em paz, mas no fundo da minha mente, sei que não merecemos paz por todas as vidas que ceifamos nos últimos onze anos. Sinto a presença da minha mãe em todos os lugares que vou e sei que não mereço isso, mas lá está ela, sempre comigo. Mesmo quando eu reivindiquei sua vida, ela me viu levantar aquela arma com nada além de vergonha e tristeza nos olhos.

Engoli em seco, segurando as lágrimas e a culpa que me sufocava por ter matado meu melhor amigo.

— Estou apenas tentando juntar os pedaços da minha vida, mas é tão difícil quando me perco mais com o passar dos dias. Eu sinto muito. Isso é tudo minha culpa. Você não deveria ter perdido sua vida protegendo a minha. Espero que você saiba disso também. Espero que você acredite. Espero que você esteja feliz e em paz. Espero muitas coisas para você.

Um arrepio inesperado percorreu minha pele com a brisa repentina. Quase como se Tony estivesse marcando sua presença. Ele estava lá para mim, me confortando da única maneira que podia agora.

— Eu te amo pra caralho, cara — sussurrei no ar enevoado. — Não sei mais quem sou e talvez nunca tenha sabido. Eu luto contra tudo hoje em dia. Você ficaria tão decepcionado comigo, ou talvez já esteja. Não sei. — Balancei minha cabeça. — Eu não sei mais nada. Tudo dói agora. Não sei como é não sentir dor. A dor faz parte de mim e sinto que estou morrendo o tempo todo. Um pouco do meu ar é retirado dos pulmões todos os dias, o suficiente para saber que está faltando. Está me deixando e não posso fazer nada para salvá-lo, sabendo que está acontecendo e não posso impedir. Tudo o que posso fazer é esperar pelo dia em que não conseguirei mais respirar. Como posso esquecer toda a merda que fizemos?

Com uma expressão solene, joguei terra em seu túmulo antes de confessar minha última verdade...

— Eu gostaria que fosse eu quem estivesse morto e não você.

CAPÍTULO 13

COVE

Presente...

— Por quanto tempo você planeja me manter algemada a esta cama?
— Enquanto for necessário para saber que posso confiar em você perto das minhas bolas.

Resisti à vontade de sorrir.

— Bem, você deveria saber melhor sobre quem sequestrou, Sr. Sabe-Tudo.

Ele acenou para mim.

— Quem te ensinou a se defender assim?

— Você pode agradecer ao seu irmão Reid por isso.

— Reid, hein?

— Sim, ele ensinou a Haven e a mim alguns movimentos quando nossos seios começaram a crescer.

Ele deu uma risada.

— O que mais ele te ensinou?

— Todos os seus irmãos ensinaram algo a Haven e a mim.

— Se importa de me contar?

— Bem... Ledger nos ensinou a andar a cavalo.

— Ele basicamente nasceu em cima de um.

— É ele quem vai herdar o rancho, certo?

— Isso é o que me disseram.

— Você não o quer?

— Não tenho interesse em merda de vaca pelo resto da minha vida.

— Ah, mas matar pessoas pelo resto da vida parece normal?

Ele ignorou minha pergunta.

— Já que Reid te ensinou a lutar, o que sobrou para Alexander e Troy?

— Alexander nos ensinou que tudo o que os caras queriam de nós era transar.

— Isso me parece certo.

— Ele também disse que se fizéssemos sexo com um cara antes de nos casarmos, ele acabaria na prisão, mas isso só depois que tivéssemos idade suficiente para perceber que beijar e dar as mãos não nos engravida, como ele afirmou.

Ele zombou com outra risada.

— Troy nos ensinou como fazer um suporte de barril e mentir sem rir. Ele murmurou baixinho.

— Esse está mais perdido do que eu.

Arqueei uma sobrancelha, absorvendo o que ele acabou de compartilhar. Eu queria retrucar. No entanto, decidi que não era o momento certo para fazer com que ele se abrisse comigo mais do que já havia feito.

O fato de eu ainda pensar que poderia fazer com que ele confiasse em mim, mesmo depois de tudo o que ele me fez passar, não passou despercebido.

Em vez de continuar a nossa conversa, apontei o óbvio.

— Não pense que não sei o que você está fazendo, Jace. — Ele inclinou a cabeça para o lado, me provocando. — Você não é o único que sabe das coisas. Eu sei algumas coisas também.

— Me esclareça.

— A forma como está tentando estabelecer uma conexão comigo, então confiarei em você e seguirei todas as suas ordens como uma boa garota.

Ele sorriu, sem tentar esconder.

— E está funcionando?

— Não — respondi inflexivelmente.

— Não? — provocou.
— O que você quer de mim?
— Essa é uma pergunta capciosa, se é que já ouvi alguma, coelhinha. Meu estômago revirou.
O que ele quis dizer com isso?
— Você ainda não respondeu minha pergunta.
Ele estreitou o olhar para mim.
— O quê?
— Eu não disse nada.
— E nem precisou. Está escrito na sua testa.
— E o que minha testa está lhe dizendo, Cove?
— Que não vou gostar do que você está prestes a me mandar fazer.
— Pode ser que você goste.
Foi a minha vez de estreitar os olhos para ele.
Jace acenou com a cabeça para a mesa de cabeceira ao meu lado.
— Abra a gaveta.
— Por quê?
— Não é para perguntar nada.
— Sabe essa mania de controle que você tem? — Fiz um gesto para ele. — Você realmente precisa trabalhar nisso.
— Abra a gaveta, coelhinha. Odeio me repetir e não falarei de novo.
— Você poderia pelo menos dizer “por favor” — murmurei antes de seguir seu comando, indo contra minha natureza.
Assim que vi a caixa de joia de veludo vermelho, recuei, confusa.
— O que é isso?
— Abra e descubra.
Com uma respiração instável, alcancei o interior e a peguei. Nunca imaginei o que aconteceria a seguir.
Quando abri a caixa, Jace declarou como se não fosse nada:
— Você agora é minha esposa, coelhinha. Quer você queira ou não.



JACE

— Ok — ela retrucou em um tom indignado. — Eu não aguento mais. Pare de falar por um minuto.

Esperei, permitindo um momento para absorver, e ela começou a chorar no segundo que isso aconteceu.

Nunca lidei muito bem com mulheres chorando.

Put a que pariu.

— Coelhinha, preciso que você seja forte por mim. Você não pode desmoronar assim. Você tem que ser corajosa.

— Essa é a sua conversa motivadora? — ela gritou, enxugando as lágrimas. — Pois você está demitido, porra.

— Eu sei que isso é difícil para você.

— Você fica dizendo isso, mas não está falando sério.

— Cove, estou pendurado por um fio extremamente fino. Não tenho tempo nem paciência para lidar com seus colapsos emocionais toda vez que sua merda hormonal toma conta de você.

— Você simplesmente não entende...

— Você está certa, eu não entendo, e não vou fingir para poupar seus sentimentos.

— O que aconteceu com você para deixá-lo assim? Sua mãe ficaria muito decepcionada com você.

Imperturbável, respondi:

— Você está certa de novo, coelhinha.

Nos olhamos por um segundo, e eu pude sentir fisicamente seu rancor emanando para mim, tornando-se parte da minha pele. Ela era apenas mais uma alma que eu estava destruindo.

— Como assim sou sua esposa? Eu deveria me lembrar de ter me casado, Jace.

— Eu nunca disse nada sobre casamento.

Essa deve ter sido a gota d'água, porque minha garota mal-humorada veio à tona novamente, disparando:

— Não sei o quanto você sabe sobre ser a esposa de alguém, mas geralmente começa com um homem se ajoelhando, dizendo todo tipo de coisas bonitas como: "*Você é a pessoa certa para mim. Você me*

completa. Não posso viver sem você”, sabe, palavras de amor e devoção.

— Seu futuro marido parece um completo chorão.

— Você não saberia nada sobre romance nem se desenhasssem para você.

— Não me interprete mal. Isso não é real. Não preciso me casar com você para que você seja minha esposa nesta missão.

— Missão?

— Ou somos recém-casados em lua de mel enquanto tento descobrir a confusão em que você se envolveu ou não tenho escolha a não ser...

— Me matar? Por quê?

— Você sabe demais.

— Eu não sei de nada! Eu nem sei o nome verdadeiro de Deacon! Você me mataria assim tão facilmente? Quer saber de uma coisa? Você está blefando, seu idiota. Eu sou a melhor amiga da sua irmã. Até sua mãe me amava, e seu pai disse que me vê como outra filha, então é melhor você tentar outra coisa.

Combinando com seu tom sarcástico, eu respondi:

— Não brinque comigo, Cove. Você me conhece menos do que o homem a quem estava prestes a entregar sua virgindade.

Ela pensou sobre isso.

— Você não disse que eu estava segura e que podia confiar em você?

— Você está, se seguir minhas regras.

— Eu não entendo.

— Você não precisa entender.

— Isso é ridículo!

— Ah, jura? Não gosto de nada disso, mas é a única maneira de mantê-la segura enquanto tento descobrir quem está atrás de mim.

— Mas como você sabe que alguém está atrás de mim?

— Eu simplesmente sei.

— Como?

— Que parte de “não vou responder suas perguntas” você não entendeu?

— Estou apenas dizendo... E se você estiver errado? E se ninguém estiver atrás de mim? E se...

Levantei-me abruptamente, rugindo:

— Porque já recebi ordens para matar você! Isto não é um jogo! Eu tive que colocar meu pescoço em risco por você, Cove! Em primeiro lugar, por que você acha que esse anel está aí? Tudo isso foi planejado. Então ou você começa a andar na linha ou terei que colocar uma bala na sua cabeça. Estou sendo claro?

Com uma expressão aterrorizada, ela perguntou asperamente:

— Por quanto tempo?

— Não se preocupe com isso.

— Por favor, Jace. Apenas me diga quanto tempo tenho que fingir que te amo?

— Amor não tem nada a ver com isso.

Ela inclinou a cabeça, enxugando novas lágrimas dos olhos.

Pela primeira vez em não sei quanto tempo, desejei confortá-la, mas resisti ao desejo de tratá-la com cuidado. Era uma reação tão estranha para mim. Cove estava despertando um lado meu que pensei ter morrido há muito tempo. Era uma bênção e uma maldição. Eu não merecia sentir a dor dela. Não quando era eu quem estava causando isso.

Mais uma vez, contrariando meu melhor julgamento, respondi à sua pergunta:

— Uma semana.

— Uma semana ou estou morta — zombou.

Agarrei seu rosto para olhar para mim, certificando-me de que ela compreendesse a gravidade da situação antes de acrescentar brutalmente outra verdade:

— Não quero matar você, mas não pense nem por um segundo que sou a porra do seu herói. Agora, se você quiser sair viva, terá que seguir minhas ordens, ou não terei escolha a não ser acabar com você. E confie em mim, Cove. Você vai querer que eu seja o homem que faz isso, não o homem que vai silenciá-la por tudo o que você sabe ou não.

Porra!

Isso não deveria acontecer. Ela não deveria estar aqui comigo, algemada a esta maldita cama, como se estivéssemos brincando de casinha em uma história fodida.

Isso era ruim.

O brilho em seus olhos.

A sensação de sua pele.

O cheiro do perfume dela por toda parte

Eu estava fodido.

Mas isso não importava. Eu já ia direto para o inferno. Eu só não queria arrastá-la para lá comigo.

Minha expressão era impassível, neutra. Cove não conseguia ler nada sobre mim, e isso alimentou ainda mais seu fogo até que eu a soltei e recuei.

Encontrando meus olhos, ela perguntou:

— Se eu concordar com isso, o que acontece depois?

De uma só vez, falei com convicção:

— Você vai ter que se acostumar com meu toque.

CAPÍTULO 14

COVE

Jace abriu a porta do guarda-roupa, apontando para o vestido de seda branco, justo e elegante entre as roupas que presumi que estavam penduradas para mim.

— Você tem uma hora para se arrumar.

Abri a boca, mas fechei-a rapidamente.

— Boa garota — ele elogiou, pegando o vestido e jogando-o na cama.

O decote era em “V” e parecia não ter costas, com uma fenda alta em cada lado do vestido.

— Eu não tenho...

— Tudo que você precisa para se aprontar está no banheiro atrás daquela porta. — Ele apontou para o canto do quarto.

Engoli em seco, de repente meu coração estava martelando no peito por uma série de razões diferentes.

Fui falar algo, mas ele interrompeu:

— De agora em diante, chega de perguntas, coelhinha. Durante a próxima semana, tudo que espero de você é obediência. Estou sendo claro?

Eu simplesmente assenti com a cabeça, lutando contra o desejo de discutir com Jace.

— Isso significa que você vai me soltar?

Em três passos calculados, ele me libertou e avisou:

— Não faça eu me arrepender disso.

"Isso não é um jogo! Eu tive que colocar meu pescoço em risco por você, Cove!"

Mesmo com ele parado ali na minha frente, sua afirmação se repetiu em minha mente. Eu senti que não tinha escolha; tinha que seguir suas ordens ou estaria morta.

No final, minha vida era tudo o que importava. Rendendo-me, prometi:

— Você não vai se arrepender.

Com isso, ele se virou e saiu, fechando a porta atrás de si. Por um segundo, pensei que ele estava depositando muita fé em mim, até que o ouvi trancar a porta pelo lado de fora.

— Quanta confiança...

Basicamente, mudei para o piloto automático, tomando banho e depois aplicando maquiagem antes de me vestir. Jace não estava mentindo, tudo que eu precisava já estava lá para que eu pudesse usar, e não pude deixar de me perguntar há quanto tempo tudo isso havia sido planejado.

Quem preparou minhas coisas com certeza sabia meus tamanhos, desde o vestido até a calcinha, até o salto agulha vermelho nos pés. Os produtos de higiene pessoal do banheiro eram alguns dos meus produtos favoritos. Eu não conseguia acreditar o quanto do que estava lá eram, na verdade, produtos que eu usava há anos.

Os suprimentos de cabelo.

A maquiagem.

Até a escova de cabelo na pia.

Eu não conseguia me livrar da estranha sensação de estar sendo vigiada sabe Deus por quanto tempo. Eu queria chorar e desmoronar novamente, mas era inútil. Esta agora era a minha vida, e eu tinha que abraçá-la, mas ainda assim era tão surreal estar numa situação de vida ou morte. Continuei rezando para que fosse um pesadelo do qual logo acordaria. No entanto, não era.

Esta era a minha nova realidade.

Eu não passava de um alvo para jogar. Um brinquedo.

Exatamente como meus pais e Deacon, ou qualquer que fosse o nome dele, me trataram.

Quanto mais tempo eu ficava ali sozinha, mais pensava em como fui tola ao acreditar que o que tínhamos era real. Achei que ele me amava e isso foi um grande golpe para minha autoestima e dignidade.

Eu realmente era apenas uma garota ingênua procurando o amor nos lugares errados.

Como eu não vi através de sua máscara? Como pude ser tão estúpida?

Ele era um ator tão bom e eu acreditei em tudo que ele me disse.

Assim que terminei de me trocar, voltei para o quarto e encontrei Jace vestindo um smoking preto. Parecendo que acabou de sair de um filme de James Bond. Apesar de odiá-lo, não pude deixar de me sentir atraída por ele.

Ele era devastadoramente bonito.

Seu cabelo loiro escuro estava puxado para trás, apenas enfatizando seus olhos azuis brilhantes que pareciam estar olhando dentro da minha alma. Sua barba um pouco grisalha apenas aumentava seu apelo sexual.

Este homem era vinte anos mais velho que eu, ele poderia literalmente ser meu pai, mas você não pensaria isso com a forma como meu corpo respondeu à sua presença e comportamento inebriantes.

Jace Beckham era sexy como o pecado.

Eu gostaria de poder dizer que ele estava olhando para mim com a mesma paixão, só que não estava. A expressão em seu rosto não me mostrou nada. Nem uma maldita reação sequer e eu desprezava isso mais do que qualquer coisa. Lágrimas de raiva queimaram em meus olhos enquanto a bile subia no fundo da minha garganta, detestando como ele tinha o poder de me fazer sentir tanto, sem nem mesmo tentar.

— Venha aqui — ele ordenou com aquela voz que eu detestava.

Com um pé na frente do outro, caminhei em direção a ele até ficar bem em sua frente.

— Boa garota.

Duas palavras que deveriam ter provocado mais nojo, começaram a despertar essa satisfação dentro de mim e aquele desgraçado sabia disso também. A verdade é que Jace conseguia me ler como a porra de um livro.

Quando isso começou a acontecer? Por quanto tempo ele conseguia ver através de mim?

— Vire-se — exigiu em seguida.

Eu dei a ele um olhar interrogativo antes de fazer o que ele queria.

— Relaxe, coelhinha — sussurrou em meu ouvido enquanto colocava o que parecia ser um colar em volta do meu pescoço.

As emoções avassaladoras brotaram dentro de mim, ameaçando transbordar quando vi meu reflexo no espelho do armário que ia até o chão. Bem na hora, observei Jace prender uma corrente no colar de ouro que ele acabou de colocar em meu pescoço.

Espere um segundo...

Eu não iria chorar.

Eu não podia chorar.

Porque de repente eu era seu animal de estimação...

... e ele tinha colocado a guia e a coleira.



JACE

Nunca pensei que levaria a melhor amiga da minha irmã mais nova para um mundo tão perigoso e decadente, mas esta noite seria o teste final para saber se ela seria capaz de fazer isso.

Nós dois estaríamos desempenhando um papel esta noite. Só que eu era o único profissional que sabia o que estava fazendo. Ela estava linda, vestida como a megera que eu queria que ela parecesse, mas mantive minha boca fechada. Eu não poderia fazer nenhum elogio

que Cove merecesse ouvir. Eu só a confundiria mais do que ela já estava se isso fosse possível neste momento.

Ela olhou pela janela escura da caminhonete com motorista que nos levava ao evento. Eu sabia que sua mente estava cheia de perguntas intermináveis, uma após a outra. Eu senti cada uma delas correndo em minhas veias como se fosse eu quem estivesse pensando nelas.

Incapaz de continuar assim, exigi:

— Pergunte, Cove.

Ela olhou para mim.

— Onde estamos?

— Saint Martin.

— Bem, isso explica as praias. — Ela hesitou por um momento. — Posso fazer mais uma pergunta?

— Se você precisa tanto...

— Para onde estamos indo?

— Para uma festa. — Suas sobrancelhas se uniram quando acrescentei: — Chega de perguntas.

Vinte minutos depois, paramos em um porto e eu entreguei a ela uma máscara preta de renda de coelho.

— O que...

— Coloque isto.

Quando ela percebeu o que era, ela reconheceu:

— Um coelho? — perguntou com olhos arregalados.

Ignorei seu comentário.

— A menos que eu diga o contrário, você não fala com ninguém esta noite. Entendido?

O medo surgiu em seu rosto e eu lhe dei alguma garantia.

— Eu jamais sairei do seu lado.

Ela imediatamente soltou um suspiro visivelmente aliviado.

Depois de colocar minha máscara, agarrei a mão dela e a levei em direção ao barco que nos esperava no final do cais. A viagem até a mansão isolada em uma ilha particular era apenas para convidados. Você não poderia chegar à propriedade sem um convite e o único acesso era neste barco que eles forneceram.

Não era a primeira vez que participava de um desses eventos, mas era a primeira vez que participava com uma mulher com quem supostamente era casado. Assim que chegamos ao cais da propriedade, agarrei a coleira de Cove e a guiei pela ilha até a porta da frente.

O guarda na entrada recebeu nossos convites antes de levantar a corda de veludo vermelho e nos permitir entrar.

A mansão estava lotada de gente, tornando difícil para nós sobrevivermos sem ter que esperar alguns segundos para que a multidão se separasse. Quanto mais eu nos levava para dentro da festa, pior ficava o ambiente. A música soava nos alto-falantes, vibrando profundamente enquanto eu tentava chegar às portas dos fundos.

O lugar estava obviamente excedendo a capacidade, lotado até a borda. Todo mundo estava vestido com esmero. Pessoas bonitas apenas começando a noite, movendo-se ao ritmo da música que tocava acima da multidão. Era uma apresentação e tanto — tudo, desde as luzes piscando até os estroboscópios de néon, dedilhando em cada esquina. Havia sofás macios ao longo do perímetro com mesas cheias de garrafas abertas de champanhe e bebidas alcoólicas enquanto as drogas fluíam através de seus corpos obviamente fodidos.

Não tinha interesse em participar dessa parte da festa.

Eu não me importava com nada disso. Eu só estava lá por uma coisa e ainda não tínhamos chegado ao nosso destino final. Este não era o evento principal. Isto era apenas um encobrimento para o que estava atrás da porta número dois e possivelmente três e quatro. Meus inimigos precisavam saber que eu estava lá. Era tudo um show.

Principalmente pelo que ainda estava por vir.

Prossegui a descida e não precisei me virar para perceber que Cove estava absorvendo tudo como se fosse Alice no País das Maravilhas, seguindo o coelho pela toca.

Um corredor longo e estreito estava quase escuro como breu, levando a outra porta.

Outra dimensão.

Outro maldito mundo.

Assim que as portas duplas se abriram, juro que pude sentir os demônios saindo, pairando ao nosso redor. Esperando para nos arrastar para baixo. Chamavam esse lugar de Sin. As regras eram não ter regras.

Sexo.

Drogas.

Até assassinato — essas paredes já tinham visto de tudo.

Era aqui que a elite fazia sua farra, já que podiam escapar impunes de qualquer coisa.

Era só escolher que ali tinha.

O anonimato era o objetivo principal desta festa. A partir do segundo em que passamos pelo limiar do Pecado, foram Sodoma e Gomorra.

Cove arquejou alto, percebendo que eu tinha acabado de levá-la para...

... um clube de sexo BDSM.

CAPÍTULO 15

COVE

Um arrepio percorreu meu corpo. Eu estava plenamente consciente de que Jace estava testando meu controle. Eu nunca tinha visto nada assim em toda a minha vida, olhando ao redor da sala opulenta, com mulheres pouco vestidas com lingerie andando de um lado para o outro. No grande esquema das coisas, eu estava vestida de forma bastante modesta em comparação com elas.

Algumas pessoas estavam na coleira como eu. Outros estavam sozinhos, em busca de prazer, de dor; sabe Deus o quê?! Eu não tinha experiência nesse ambiente, mas ainda assim fiquei totalmente cativada.

O que aconteceria a seguir? Para onde estávamos indo? O que eu veria?

Pergunta após pergunta mais uma vez atormentava minha mente em um fluxo interminável do que diabos estava acontecendo. A mulher que estava em uma cruz chamou minha atenção primeiro. Ela estava sendo chicoteada por um homem com o que parecia ser uma espécie de chicote de couro. Havia bolas na ponta dele, e cada vez que atingia sua carne sensível, ela gemia alto, com prazer.

Eu nunca tinha visto nada parecido antes, mas não era completamente ingênua. Eu sabia que existiam lugares como esse, mas nunca pensei que estaria em um. Estar aqui com o irmão mais

velho da minha melhor amiga não era nada que eu pudesse ter previsto; mas não totalmente terrível. Na verdade, era o oposto.

Algo sobre estar ali com Jace Beckham fazia minhas coxas apertarem a cada passo que eu dava. Jace andava por ali como se fosse o dono daquele maldito lugar. A confiança que ele exalava e a maneira como as mulheres não conseguiam desviar seus olhares gananciosos dele não passaram despercebidas para mim.

A parte triste era que eu estava com ciúmes do jeito que elas olhavam para ele, completamente sem vergonha. Elas eram bem claras sobre o que queriam. Jace não parecia incomodado com a forma como homens e mulheres olhavam para mim. Ele era indiferente a tudo isso, quase como se isso fosse algo normal. O que só me fez pensar quantas vezes ele compareceu a um evento como este e do que mais já participou.

Esse era seu estilo de vida? Ele também chicoteava mulheres?

Minha atenção se voltou para uma mulher ajoelhada enquanto seu parceiro falava com as pessoas ao seu redor como se ela não estivesse lá esperando seu próximo comando como um cachorro.

Havia tanta coisa que eu queria dizer.

Gritar...

Saber...

A iluminação translúcida estava por toda parte. Mulheres seminuas dançavam em postes montados em vários lugares ao redor do ambiente aberto, a comida era colocada na pele nua de mulheres e homens, e as garçonetes andavam de topless usando apenas fio dental. No entanto, todos estavam usando máscara, então não dava para ver seus rostos.

Simplesmente tornando o ambiente muito mais inebriante.

A tentação estava exposta, mas por trás das máscaras tudo ficava mais discreto. As pessoas estavam cedendo aos seus desejos, desempenhando um papel sem se preocupar com as repercussões.

Jace percebeu minha apreensão e curiosidade, me levando para uma sala de teatro onde havia clipes de mulheres passando em um

projektor. Algumas delas estavam com homens, outras com mulheres e outras estavam sozinhas dando prazer a si mesmas.

Quando ouvi um gemido alto, virei para a mulher nua deitada no chão com as mãos e os tornozelos amarrados separadamente por tiras de couro. Ela usava uma venda nos olhos enquanto os dois homens ao lado dela seguravam uma vela. Observei-os derramar cera em toda a sua pele e ela gemeu alto novamente. Sua pele pálida ficou vermelha em segundos, e suas ereções saltaram em antecipação.

Todos estavam muito entusiasmados e não pude deixar de sentir o mesmo.

Era como se eu estivesse assistindo em câmera lenta, sentindo o fascínio e o magnetismo me puxando para frente. Minha calcinha ficou molhada e apertei minha coleira de metal. Em segundos, os dois homens estavam com os pênis nas mãos, acariciando para cima e para baixo enquanto meus olhos se arregalavam. Jace me puxou para fora do quarto quando um dos homens se moveu entre suas pernas e o outro até sua boca.

Vi duas mulheres saindo da sala ao lado, o que chamou minha atenção. Jace percebeu, nos levando até lá. Ele abriu a porta para uma sala escura onde algumas pessoas faziam sexo em todas as posições. Alguns estavam montados em homens, outros faziam sexo com mulheres, e alguns até estavam em grupos, atacando todos os buracos. Através de um olhar fascinado, observei enquanto eles chupavam paus e comiam bocetas. Meus olhos não conseguiam focar em uma coisa por muito tempo e juro que fiquei de boca aberta.

Eu tinha muitas perguntas e poucas respostas.

Em vez disso, meu olhar concentrado voltou para as cenas que se desenrolavam diante de mim enquanto caminhávamos pelas salas, uma por uma. Jace me levou mais fundo na toca do coelho, e esperei ansiosamente pelo que estava por vir. Cada sala era diferente da anterior. A única coisa que tinham em comum era o hedonismo inebriante e palpável.

Uma das salas dos fundos chamou minha atenção enquanto atravessávamos o labirinto. O mais louco disso tudo era que Jace também sentiu. Num movimento rápido e repentino, estávamos caminhando em direção àquela porta.

Por alguma razão, naquele exato momento, eu estava claramente ciente de que não tinha nenhum controle. Nenhum poder. Eu não poderia ter ido embora, mesmo que quisesse. E o que o mais assustador nisso... É que eu não queria.

Logo quando passamos por aquela porta, a música mudou para "Moonlight Sonata" de Beethoven e ecoava nas paredes. A porta se fechou atrás de mim, fazendo com que este segundo parecesse muito mais real.

Uma cama ficava no meio do espaço aberto, um balanço sexual à esquerda e um sofá à direita. Porém, nenhuma dessas coisas me chamou a atenção como os casais encostados na parede.

Eles estavam assistindo.

Esperando.

Pelo quê?

Meu coração de repente bateu forte no peito e juro que todos puderam ouvir. Assim que Jace me levou para o meio da sala, ele me agarrou pela cintura e inesperadamente me segurou com força contra seu pau duro que ele não tentou esconder de mim. Contive um suspiro, não querendo que eles soubessem que esta era a primeira vez que o senti dessa maneira.

Afinal, eu deveria ser sua esposa.

A excitação começou a tomar conta de mim, me fazendo pensar no que viria a seguir. Minha calcinha estava encharcada, antecipando ansiosamente seu próximo movimento.

Nós éramos o entretenimento? Mas que diabos?

Examinei a sala, respirando o que só poderia ser descrito como o cheiro de luxúria e puro abandono.

As mãos de Jace deslizaram pelas minhas coxas. Seus dedos calejados acariciavam e amassavam minha carne já aguçada

enquanto a melodia de Beethoven continuava a atacar meus sentidos, imitando suas mãos em meu corpo.

Ele esfregou o nariz nas costas e nas laterais do meu pescoço, murmurando em meu ouvido:

— Eu nem preciso tocar em você para saber que você está encharcada, Cove.

Seu toque parecia tudo que eu sempre quis e não pensei que poderia ter. Pelo menos não por ele. Era tão confuso que Jace estava me marcando sem esforço e mal me tocava ainda.

Ele murmurou em meu ouvido, alto apenas o suficiente para eu ouvir:

— Preciso de obediência, coelhinha, e vou recompensá-la por isso.

Antes que eu pudesse reagir, sua mão desceu pelo meu corpo. Não pude resistir à vontade de gemer quando seus dedos encontraram a camada de seda logo acima do meu clitóris. A palma da sua mão balançou para frente e para trás na minha boceta ao som da melodia da música por um momento. Eu podia sentir minha umidade começando a vazar através do tecido fino enquanto sua outra mão subia lentamente pelo meu corpo.

Seguindo seu comando, me inclinei em seu toque enquanto seus dedos acendiam algo desconhecido dentro de mim. Eu não sabia onde eu queria que ele me tocasse mais.

Todo o meu corpo estava em chamas.

Ele anunciou descaradamente:

— Não sei se devo usar as mãos ou a boca. Cove? Me diga, o que você quer, coelhinha?

— O que você quiser — ofeguei, desempenhando meu papel enquanto balançava minha bunda contra seu pau duro e silenciosamente implorei para que ele continuasse.

Até onde ele iria levar isso?

Só então entendi por que esses casais estavam aqui. Eles eram voyeurs e acho que isso nos tornava exibicionistas. No início, Jace não me tocou onde eu mais o queria. Em vez disso, ele brincou com

minha boceta em cima da calcinha enquanto a outra mão deslizava pela frente do meu vestido, liberando meus seios.

Eu deveria tê-lo parado.

Eu deveria ter dito não.

Mas não fiz nada disso.

Eu me perdi no que quer que estivesse acontecendo entre nós, fingindo que estávamos sozinhos e não em uma sala cheia de estranhos. Minha máscara facilitou isso, servindo ao seu propósito. Eu ansiava pelo toque de Jace, desejando sentir que era dele pelo que parecia ser uma eternidade.

Eu o odiava, certo?

A verdade era que eu queria que ele me fodesse nesta sala, tomasse posse de mim na frente dessas pessoas que eu nunca mais veria.

Eu queria tudo isso e muito mais.

Mas principalmente, eu simplesmente o desejava.

Mordi meu lábio inferior enquanto observava um homem ser chupado por uma mulher sentada no rosto de outro homem. Sua cabeça inclinou para trás, assim como a minha, e Jace interpretou isso como um convite aberto para deslizar minha calcinha e esfregar meu clitóris em um movimento de um lado para o outro.

Sem nenhum aviso.

Ele não foi suave.

Ou gentil.

Meus olhos se fecharam sozinhos enquanto ele continuava a brincar comigo como se fosse seu brinquedo favorito.

— Se você fechar os olhos de novo, eu paro — ele avisou. — Eu trouxe você aqui para assistir, e não espero nada menos.

Eu choraminguei quando ele me mordeu e abri meu olhar mascarado.

— Boa garota — ele sussurrou em meu ouvido, chupando meu lóbulo.

— Uhm... — gemi descaradamente tão perto de gozar com sua doce e habilidosa tortura.

O idiota também sabia disso.

Me inclinei em seu abraço, implorando descaradamente:

— Por favor, Jace. Por favor, me dê o que eu quero.

— É isso que você quer? Gozar na minha mão em uma sala cheia de estranhos?

— Sim...

— Boa garota — ele gemeu.

Eu podia sentir seus dentes mordiscando minha pele, me fazendo sentir prazer e dor. Agarrando sua nuca, eu o segurei para me apoiar. Eu podia ouvir as respirações ofegantes ao meu redor devido à quantidade infinita de contato pele com pele, mas não me importei. Eu estava muito longe.

Jace agarrou meu queixo, virando meu rosto para encontrar seus lábios.

Ele iria me beijar?

Não precisei exigir uma resposta porque, com um movimento rápido, sua boca estava na minha. Ele não estava *apenas* me beijando. Tudo era muito urgente.

Para eles?

Para mim?

Ou para Jace?

Antes que eu pudesse me preparar para o ataque, ele deslizou a língua na minha boca. Eu o provei pela primeira vez e soube naquele momento que nunca seria capaz de me cansar do seu gosto. Isso estava fodendo com minha mente.

Ele estava fodendo com minha cabeça.

Eu não sabia dizer o que era fingimento ou o que era real. Eu queria desesperadamente acreditar que ele queria isso tanto quanto eu. Todo esse tempo, todos esses anos, pensei que o tinha superado.

Mais uma vez, levei um tapa na cara porque meus sentimentos por ele ainda estavam lá. Vivos e prósperos, tornando-se parte de mim.

Porra...

Isso não era justo.

Por que ele estava fazendo isso comigo?

Era para a missão, Cove. Nada mais nada menos.

Então por que parecia que meus sentimentos eram correspondidos?

Quanto mais Jace me beijava, me tocava, me fazia sentir como se fosse realmente sua, mais crescia minha paixão por ele.

Era tesão?

Uma paixonite?

Amor?

Eu não sabia e, naquele momento, não me importava porque estava nos braços dele e isso era bom o suficiente para mim.

— Eu vou... eu vou...

— Você vai gozar para mim, coelhinha?

— Sim...

Ficamos assim pelo que pareceu uma eternidade, apenas curtindo a sensação um do outro. Até que ele passou a mão em volta do meu pescoço e apertou levemente, me prendendo no lugar, me segurando na sua frente, não me permitindo mover um centímetro.

Jace estava no controle.

Exatamente como eu queria que estivesse.

Eu podia sentir minha umidade escorrendo por sua mão e ele não parou. Na verdade, ele manipulou meu clitóris com cada batida da música instrumental.

Mais rápido.

Mais intenso.

Eu ansiava por gozar.

— Isso mesmo... — ele provocou. — Assim... me dê o que eu quero...

E eu dei.

Eu gozei imediatamente, vendo estrelas.

Meu vilão.

Meu sequestrador.

Meu herói.

Agora havia se transformado em...

... meu amante que me fez gozar pela primeira vez na vida.

CAPÍTULO 16

JACE

O silêncio foi ensurdecedor no caminho de volta para a casa. Seu doce perfume ainda permanecia em meus dedos enquanto eu os esfregava em um movimento de vaivém sobre minha boca. Distraidamente, olhei pela janela, perdido em meus próprios pensamentos.

Estávamos sentados em lados opostos da caminhonete, saindo logo após nossa apresentação. Cove executou seu papel perfeitamente, e eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei perturbado com o quão incrível ela foi em meus braços. A maneira como voluntariamente entregou seu prazer como se pertencesse a mim não era algo que eu esqueceria tão cedo.

Seus gemidos.

Seu gosto.

A sensação de seu corpo.

Querendo ou não, agora isso fazia parte de mim.

O mundo que criei para mim estava agora em ruínas. Tudo por causa da coelhinha loira sentada na outra ponta do banco ao meu lado. Eu podia sentir suas emoções injetando vida em mim de uma forma que eu não experimentava há muito tempo.

Cove estava realmente fodendo com o controle do qual eu me orgulhava.

Eu não queria parar de tocá-la e tive que resistir à vontade de transar com ela ali mesmo, em uma sala cheia de estranhos, o que era muito diferente de mim. Eu sempre conseguia o que queria. Eu era assim. Fim da história.

Eu não aguentava mais esse silêncio idiota. Isso apenas desencadeou meus pensamentos imprudentes.

Desde o momento em que entramos na casa, ordenei:

— Pergunte.

Ela não vacilou.

— Por quê?

— Por que, o quê, coelhinha?

— Por que você me levou lá?

— Eu te disse. Tinha que fazer você se acostumar com meu toque.

— Em uma sala cheia de estranhos?

— Considere isso um curso intensivo.

— Ridículo!

— Quantas vezes eu tenho que te dizer que quanto menos você souber, melhor?

— É tarde demais para isso!

Em um passo, eu estava frente a frente com ela.

— Te dei permissão para gritar comigo?

Ela me empurrou e eu quase não vacilei.

— Vai se foder!

Sem hesitar, disparei:

— Prefiro foder você.

Ela arfou, recuando.

Nunca esperei confessar isso.

— Isso é o que você quer ouvir, certo? O quanto eu quero enterrar meu rosto entre suas pernas para fazer você gozar na minha boca? Que tal todas as maneiras que posso fazer você gritar meu maldito nome? Com meus dedos, minha boca, meu pau... Cove, as coisas que posso fazer fariam você se apaixonar por mim até o final da noite.

Ela engoliu em seco.

— Este é o seu plano? Me humilhar?

— Você não está prestando atenção, coelhinha. Não sou o homem que *you* pensa que sou.

— Talvez você não seja o homem que você pensa que é.

Eu estreitei os olhos para ela.

— O que você acha que está acontecendo aqui? Só porque quero te foder não significa que algum dia vou te amar.

Antes que a última palavra saísse da minha boca, ela me deu um tapa no rosto, e eu estaria mentindo se dissesse que não esperava que ela fizesse isso.

Cove ergueu a mão para me dar um tapa de novo, mas eu a peguei no ar.

— Eu deixei você me bater uma vez. Não vai acontecer de novo.

Ela tentou puxar a mão, mas foi inútil lutar. Eu não ia soltá-la.

— Esse era o seu plano? Me fazer desejar você e as coisas que você faz comigo?

— Não, isso foi apenas um bônus. Eu não fiz nada que você não quisesse ou precisasse.

— Seu idiota!

Ela deu uma joelhada nas minhas bolas, mas eu usei seu impulso contra ela, girando-a até que suas costas estivessem na minha frente. Não deixando que ela se movesse um centímetro, eu a segurei firmemente contra meu peito.

— Te odeio! — ela rugiu. — Você me ouviu? Eu. Odeio. Você!

Eu permiti que ela me desafiasse. Era o mínimo que eu poderia fazer depois do que a fiz passar esta noite.

— Eu fiz você gozar, não foi?

Ela arfou com desgosto. Sua respiração profunda saiu em ofegos irregulares enquanto seu peito subia e descia.

— Está tentando me fazer odiar você mais do que já odeio?

— Sua manipulação não funciona comigo, Cove. Se você me odiasse tanto quanto afirma, não estaria me esculachando agora.

— Isso não é verdade!

— O que não é verdade? Ah, é? Se eu colocasse minha mão em sua calcinha, ela não ficaria encharcada para mim?

— Seu babaca arrogante!

Com a mandíbula cerrada, zombei em seu ouvido:

— Você está certa. Eu sou um idiota. Eu sou um maldito babaca. Eu sou tudo que você precisa ficar longe. Não me entenda mal, Cove. O que aconteceu entre você e eu esta noite foi tudo um show. Meus inimigos estavam lá e precisavam saber que eu também estava.

— Então por que estou fingindo ser sua esposa?

— É a única maneira de mantê-la segura, mas não estrague isso. No final das contas, sou um homem. Você coloca um osso na frente de um cachorro e ele vai querer comê-lo.

— Então isso é tudo que sou para você? Uma boceta que você quer comer?

— Não. Você também é a melhor amiga da minha irmã mais nova e é a única razão pela qual estou mantendo você segura. Eu me recuso a deixá-la perder outra mulher que ela ama.

Eu a soltei, me afastando dela.

Quando Cove se virou, seus olhos se encheram de lágrimas.

— O que fez você ficar assim?

Eu rosnei.

— Me diga o que aconteceu? Eu posso ajudá-lo — ela insistiu.

Com pena.

Com dor.

— Não brinque comigo, Cove.

A resposta dela de "*sua mãe ficaria muito decepcionada com você*" me deixou tonto.

Foi só então que ela percebeu que não era uma pergunta sobre o quê.

E sim *quem*.

Balancei a cabeça, avisando:

— Não...

— Eu sei que o que você faz é perigoso. Sei que há uma razão para você ser assim. — Ela deu um passo à frente. — Eu sei o que é estar

sozinha, sentir que não tem ninguém ao seu lado. Estou aqui para você. Por que você não me deixa em paz? — ela murmurou, sua voz falhando no final.

Ela estendeu a mão para mim.

Eu não aguentaria muito mais.

Eu não queria a simpatia dela.

Nem a preocupação dela.

O amor dela?

— Não me toque, Cove. Você precisa ficar longe de mim — insisti, afastando suas mãos do meu corpo.

— Jace, por favor... por favor... apenas deixe-me... — ela implorou em um tom de puro desespero e tristeza.

— Não me toque, porra. Estou te avisando. O que é necessário para você perceber que não presto?! — gritei, passando as mãos pelo cabelo.

Ela não ouviu, continuou seu ataque, tentando tocar meu rosto, meus braços e meu peito. Suas mãos queimavam como se ela estivesse me tocando com fogo, me arrastando ainda mais para o inferno e vindo junto comigo. Suas mãos queimavam onde quer que ela as colocasse, onde quer que ela me tocasse, deixando cicatrizes mais profundas do que as que eu já carregava.

— Por que você simplesmente não me deixa entrar? Eu posso ajudar... podemos ajudar um ao outro. Por que você insiste em brigar comigo?

Agarrei seus pulsos com mais força do que pretendia, segurando-a no lugar antes de soltá-la abruptamente. Sem pensar duas vezes, me virei e saí, batendo a porta da frente atrás de mim.

Eu não conseguia mais olhar para ela.

Eu não conseguia ouvir seus apelos desesperados.

Eu não conseguia sentir seu toque delicado tentando curar o que estava quebrado dentro de mim.

Eu não fui longe. Eu tinha um trabalho a fazer e pretendia fazer exatamente isso. Não importava o que Cove dissesse ou fizesse; isso não mudaria o resultado da minha vida. Eu vivia e respirava este

mundo. Era a única maneira de continuar passando pelo inferno que passei.

Deixei-a lá sozinha por um motivo e apenas um motivo. Após esta missão, eu precisava descobrir o que seria necessário para livrá-la da minha mente.

Da minha vida.

Do meu futuro.

Antes de eu matá-la também.

CAPÍTULO 17

JACE

Passado: cinco meses após o funeral de Tony...

Querida Hope,

Quando recebi sua primeira carta após o enterro de Tony, jamais esperava desenvolver esse relacionamento com você e realmente comecei a aguardar ansiosamente por suas cartas. Você trouxe essa felicidade e luz do sol de volta à minha vida. Você sabe disso, não é? E o quanto eu me importo com você e seu filho. Penso em vocês dois com mais frequência. Quase parece que você entrou na minha vida por um motivo que eu não sabia que estava faltando.

Nunca fui o tipo de homem que confia no carinho de uma mulher, mas com você é diferente. A culpa que carrego porque você era noiva de Tony é outro demônio que não consigo eliminar. Não passa um dia sem que eu pense nele. Às vezes até sonho com ele.

Exceto que não era ele quem morria na linha de fogo.

Era eu.

Outras vezes, gostaria que fosse eu, mas depois penso na dor que isso teria causado à minha família. Eles não merecem perder outra pessoa que amam. A primeira vez foi bastante difícil. Sei que é egoísmo da minha parte orar pelas almas que levei, mas não consigo evitar de fazê-lo.

Muitas vezes penso sobre para onde irei quando morrer, porque não acredito há chances de eu ir para o céu. Isso não impede meu desejo de querer me libertar dos demônios que vivem dentro de mim.

Eu não mereço isso.

É por isso que não oro por perdão. Na verdade, rezo para que Deus me castigue. Talvez seja por isso que perdi minha mãe? Não consigo impedir minha mente de ir para lá.

A morte dela foi meu castigo?

Ou a do Tony?

Nunca compartilhei esses pensamentos com ninguém, mas com você é diferente. É fácil. Quase como se estivéssemos destinados a nos encontrar. Você tem sido uma lufada de ar fresco em minha vida, e eu não poderia imaginar você não estando nela.

Você é parte de mim agora. Vocês dois são.

Mal posso esperar para ver você no próximo mês. Te abraçar. Sentir você. É o que me faz passar a maioria das noites. Eu sei que também não mereço você, mas não consigo me conter. Vejo um futuro com você e seu filho, e isso me assusta mais do que tudo. Nunca me senti assim por ninguém antes, Hope. Prometi a Tony que cuidaria de vocês dois, mas vocês são muito mais do que uma promessa para mim.

As noites em que estou em missão são alguns dos momentos mais solitários da minha vida. Não tenho nada com que me distrair. Não importa o quão exausto eu esteja ou o quanto eu force meu corpo física e mentalmente, o sono nunca é fácil para mim.

Minhas lembranças sempre estiveram lá.

Os ruins sempre superaram os bons.

Houve momentos em que não consegui me livrar deles tanto quanto tentei. Eles não me deixavam ir, me estrangulando até que eu não conseguisse respirar. Como um laço em volta do meu pescoço, sugando minha vida.

Às vezes eu recebia bem esse sentimento.

Pelo menos então eu sabia que ainda estava vivo.

Desde que você entrou na minha vida, estou ansioso por um futuro com vocês dois. Nenhum treinamento poderia ter me preparado para as coisas que vi e fiz. Minha mentalidade de matar ou morrer me deixou sozinho, apenas com meus pensamentos e memórias.

Porque a verdade é...

Estou me apaixonando por você e por seu bebê e sei que você sente o mesmo.

Com todo o meu amor,

Jace

CAPÍTULO 18

COVE

Presente: dois dias depois...

Dizer que fiquei irritada com as últimas quarenta e oito horas seria um eufemismo. Estávamos brincando de recém-casados por toda a ilha. De uma ponta à outra, fingimos estar apaixonados. Para quem estava de fora, éramos casados e felizes, mas assim que ficávamos a portas fechadas, Jace mal falava comigo.

Apesar de dormirmos na mesma cama, ele não me tocou desde a noite da festa BDSM. Não que eu não quisesse que ele fizesse isso.

Uma coisa era certa, Jace não dormia muito. O homem parecia sobreviver com duas, talvez três horas de sono por noite. Quando finalmente se deitava, seu sono era agitado. Ele se revirava na maior parte do tempo, e eu queria desesperadamente saber com o que ele estava sonhando. Eu ansiava por saber o que o assombrava mesmo durante aqueles momentos.

Não importava o quanto eu queria que Jace se abrisse comigo, eu sabia que não faria isso. Ele se recusava a me deixar entrar e comecei a me perguntar se algum dia faria isso ou se essa seria nossa dinâmica para sempre.

O que aconteceria depois que voltássemos para casa? Deveríamos apenas fingir que isso nunca aconteceu? Meus pais perceberam que eu tinha ido embora? Eles estavam procurando por mim? Alguém estava?

Haven ainda estava no exterior com o namorado e não conversávamos muito antes disso acontecer. Ela estava aproveitando o tempo com ele e eu não queria interrompê-los. Entendi que eles precisavam desse tempo para se reconectarem e fiquei feliz por terem tido essa oportunidade.

Eu não estava com meu celular, então não sabia se meus pais estavam tentando entrar em contato comigo. Embora isso fosse bastante improvável. Eles sempre viveram suas próprias vidas. Eu não ficaria surpresa se eles nem percebessem que eu estava ausente, o que me deixou triste.

Eu realmente não tinha ninguém que me amasse ou se importasse comigo além da minha melhor amiga. Se ela soubesse que eu tinha sido tecnicamente sequestrada, estaria procurando por mim no inferno e no fundo do mar. Disso eu tinha certeza.

A família de Jace certamente não sabia de sua vida dupla. Acho que ninguém conhecia o homem por trás do uniforme, e isso me deixou incrivelmente triste por ele. Eu sabia como era estar sozinha. Se eu não tivesse Haven ou sua família, ficaria muito sozinha diariamente, mas não importava o quanto eu tivesse a amizade de Haven, eu ansiava pelos meus pais.

Jace veio atrás de mim, passando os braços em volta da minha cintura.

— Eu já te disse o quão linda você fica com esse vestido?

Sorri, encostada na grade do Coco Beach Club.

— Não disse, mas tenho certeza que você poderia me compensar de alguma forma.

Em todos os lugares que íamos, parecia que todos os olhos estavam voltados para nós. Eu não sabia se eram seus inimigos ou apenas parecíamos bem juntos e chamávamos a atenção para nós mesmos. Era difícil dizer a diferença.

Jace desempenhou seu papel de marido amoroso e afetuoso como se tivesse nascido para isso. Ele era atencioso, amoroso e sempre colocava as mãos em mim de uma forma ou de outra. Mesmo

quando estávamos comendo, a mão dele estava no meu colo ou o braço em volta da minha cadeira.

Esta ilha francesa tinha trinta e sete praias, e provavelmente visitamos metade delas, fazendo o papel de estarmos perdidamente apaixonados o tempo todo. Tínhamos ido a todos os lugares — ao cassino onde ele ganhou alguns milhares de dólares jogando poker, às festas diurnas na piscina onde Jace realmente não tirava as mãos de mim já que eu estava de biquíni, às casas noturnas e tomando café da manhã, almoçando, e jantando nos restaurantes mais deslumbrantes.

Não havia nada em que Jace Beckham não fosse bom. O homem era tão talentoso quanto encantador. A maneira como as mulheres tropeçavam nas palavras quando conversavam com ele ou como não conseguiam afastar o olhar quando ele entrava em qualquer recinto. Como eu já disse, era mais do que irritante.

Jace me virou em seus braços e, sob a lua cheia e as estrelas.

— Não consigo tirar os olhos de você — ele declarou antes de me beijar.

O bom e o mau.

Seu céu e inferno.

Prazer e dor.

Tudo agora se misturava.

O vilão não estava mais presente, ele foi substituído pelo meu herói, simplesmente aumentando todas as minhas emoções conflitantes que causavam estragos ao meu redor. Eu acordei a fera adormecida e ela finalmente saiu para brincar.

De uma forma doentia e distorcida, eu queria isso.

Seu controle.

Suas mãos.

Seu corpo.

Eu ansiava por cada parte dele.

Jace beijou meus lábios com tanta urgência que eu poderia ter gozado sozinha. Quando sua língua tocou a minha, eu inadvertidamente gemi.

Isso estava acontecendo.

Jace se tornou meu fingimento “felizes para sempre”, e eu estava impotente para não cair em sua maldade.

Quando saímos do restaurante que virava balada depois das dez, já era quase meia-noite. Jace estacionou o carro esporte Audi que alugou para aquele dia no estacionamento mais longe do estabelecimento porque não conseguimos encontrar lugar para estacionar. O local que ele encontrou também estava lotado, mas agora estava completamente vazio.

Levando-me até o carro, Jace abriu a porta do passageiro e eu entrei. Assim que ele estava no banco do motorista, tudo aconteceu num piscar de olhos. Embora ainda parecesse que tudo acontecia em câmera lenta pelo que parecia ser a centésima vez em apenas alguns dias.

Jace acelerou o motor com força e rapidez quando as balas começaram a atingir a traseira do nosso carro, quebrando o para-brisa traseiro. Em segundos, minha adrenalina bombeou descontroladamente em minhas veias enquanto ronronava ganhando vida. Senti todas as respostas de luta ou fuga conhecidas pelo homem em um curto espaço de tempo.

— Ai, meu Deus! — gritei.

— Abaixе a cabeça e aguente firme! — Jace ordenou.

Mudando rapidamente a marcha, ele disparou pelas ruas antes de mudar novamente enquanto as balas continuavam a ressoar atrás de nós.

Oitenta quilômetros por hora.

Cem.

Cento e vinte.

Ele disparou pela estrada, levantando terra em nosso rastro. Observei com espanto quando ele reduziu a marcha para a primeira, derrapando para outra estrada aberta, onde quase causou uma colisão com um caminhão de lixo. Os únicos sons que podiam ser ouvidos eram o guincho dos pneus dos veículos de todos e os tiros sendo disparados, quebrando mais janelas e metais em nosso carro.

Jace respondeu ao fogo, estourando os pneus de um dos carros que nos perseguia.

— Porra, Cove! Estou sem munição! Tem mais embaixo do banco! Eu preciso que você pegue para mim!

Mais balas ricochetearam em nosso carro esportivo enquanto eu pegava a bolsa no banco de trás e tirava duas armas. A adrenalina que corria em minhas veias controlou minhas ações enquanto minhas mãos tremiam incontrolavelmente, mas agi por puro impulso e rapidamente agarrei o volante.

— Cove, o que você está...

— Você precisa se concentrar! Pode deixar que eu faço isso!

Ele relutantemente assentiu antes de vários tiros serem disparados no ar.

Mais balas atingiram o metal.

Mais vidros se estilhaçaram ao nosso redor.

Mais.

Mais.

Mais.

Me guiando o melhor que podia, segui por puro medo. Mantendo-se abaixado, Jace disparou pela janela enquanto se esquivava do vidro quebrado.

— Quantos carros? — gritei em meio ao caos, ouvindo um dos carros girando fora de controle.

— Três!

— Nós vamos...

— Foda-se essa merda!

Observei com horror Jace se inclinar para fora da janela, atirando em todas as direções nos outros para-brisas.

— Agora só faltam dois — ele anunciou, recostando-se no banco.

Enquanto Jace recarregava, eu entrava e saía das ruas. Graças a Deus não havia outros carros além de nós. Eu me sentiria horrível se outra pessoa se machucasse.

Como Jace fez isso? É por isso que ele era tão incrivelmente quebrado?

Meu olhar se concentrou quando vi a cena se desenrolando diante de nós. Todo o ar em meus pulmões parou quando meu olhar intenso se concentrou nos sinais de trânsito indicando que estava fechado.

— Jace...

Antes que eu pudesse terminar meu aviso, ele reduziu a marcha no último segundo, arrancando o volante de minhas mãos para fazer uma curva fechada à direita. Nosso carro derrapou, furando os sinais de trânsito, mas o carro atrás de nós não teve tanta sorte e bateu.

A próxima série de balas disparou, raspando em minha cabeça por poucos centímetros. No entanto, o ombro de Jace foi atingido. Ele nem piscou; ele não se incomodou com a bala que atingiu sua pele.

Ele acelerou ainda mais o motor, engatando a quarta marcha. Nossas endorfinas dispararam, me levando ao meu maldito ponto de ruptura. Ele tomou conta de cada centímetro do meu corpo.

— Jace, você foi atingido! — exclamei, pensando que ele não estava sentindo.

Só quando ele puxou o freio de mão e pisou no freio é que entendi o que ele estava pensando. Ele simultaneamente virou o volante para a esquerda, fazendo com que meu pequeno corpo fosse jogado em direção à porta do passageiro enquanto nosso carro girava.

Isso era além de surreal. Era como uma perseguição em alta velocidade que você veria em um filme de operações especiais, onde o carro fica paralelo perfeitamente à janela do inimigo, exatamente como ele sabia que aconteceria. Os olhos do inimigo se arregalaram quando percebeu que Jace estava com a arma apontada para o centro do rosto. Diretamente entre seus olhos. Em menos de um segundo, Jace liberou sua fúria de uma forma que eu nunca tinha visto antes. Tiro após tiro irrompeu de sua arma, levando o inimigo a tremores convulsivos com as balas que atingiram todo o seu corpo.

— Jace! Ele está morto! Pare!

Jace atirou nele mais algumas vezes, sendo implacável e impiedoso.

— Ele quase matou você, Cove! Foda-se ele!

Jace não pararia.

Era como se ele tivesse entrado no modo soldado. Novamente, eu nunca antes tinha visto nada parecido. Isso não era um filme e Jace não era ator. Ele era o homem por quem eu tinha uma queda desde os oito anos de idade.

Eu sabia que ele não iria parar — Jace estava longe demais. Estendendo a mão, agi por instinto, colocando minha mão em seu antebraço para trazê-lo de volta para mim.

Só então seu olhar mudou para o meu abraço antes de fixar os olhos nos meus. Entretanto, não era para o olhar de Jace que eu estava olhando. Era de uma outra pessoa.

Eu não conhecia esse homem.

Ele não era familiar.

Eu nem o reconheci.

Naquele momento, Jace era um completo e absoluto estranho.

Tanta coisa passou por sua expressão atormentada, e ele não tentou esconder isso de mim como sempre fazia. Em questão de segundos, Jace me mostrou o quão realmente quebrado estava. Ele podia estar sentado ali comigo, mas sua mente estava em outro lugar.

— Ei... — eu insisti, acariciando a lateral de seu rosto. — Estou bem, Jace... estou bem.

No segundo em que toquei sua pele, ele se acalmou.

Afastando-se do meu toque, ele engatou a primeira e nos levou para longe de lá.

Meu peito se agitou, tentando recuperar o fôlego enquanto apontava o óbvio.

— Você foi atingido.

— A bala me acertou de raspão. Estou bem.

Mais uma vez irritada, afirmei:

— Você não pode continuar fazendo isso. Você não pode continuar me afastando. Posso ser jovem, mas não sou tão ingênua. Vejo as sombras que você está tentando desesperadamente esconder de mim, mas ainda não entendo por quê. Você pode confiar em mim. Não sei como posso provar isso mais do que já fiz.

Jace não disse uma palavra, e a viagem de volta foi tranquila, mas o silêncio não ajudou meu estado de espírito irritado.

Talvez tenha sido a experiência de quase morte.

Ou o medo.

Ou a desesperança.

Ou talvez tenha sido meu interminável processo de pensamento sobre o que ainda estava por vir.

Eu não tinha controle, não tinha voz, nada. Assim que atravessamos a porta da frente para a sala de jantar, minha paciência acabou desesperadamente.

Incapaz de me conter, perguntei a ele:

— Quanto tempo mais você espera fazer isso comigo?

Eu tinha plena consciência de que isso não terminaria bem e, pela primeira vez...

... eu não dava a mínima se isso acontecesse.

CAPÍTULO 19

COVE

— Coelhinha...

— Não me venha com coelhinha, G.I. Joe! Estou de saco cheio dos seus

jogos doentios! Você é esquentado, você é frio, e todas as suas múltiplas personalidades estão me dando nos nervos!

— Agora. Não.

Ele se virou abruptamente e eu não vacilei. Agarrando o vaso de vidro da mesa e atirei-o em direção à cabeça dele. Sendo o soldado que era, Jace se abaixou e o vaso bateu na parede logo atrás.

Ele se virou, rosnando:

— Você vai jogar coisas em mim como uma maldita criança?! Você precisa aprender a controlar suas birras, coelhinha! Estou farto de você me enchendo constantemente com nada além de besteira!

Meus olhos se arregalaram, inclinando a cabeça para o lado.

— Ah, seu idiota! Vou te mostrar o que é um acesso de raiva! — Estendi a mão para tudo o que estava à vista, arremessando-os em sua direção com todas as minhas forças. — Seu filho da puta egoísta! Suas mãos se fecharam ao lado do corpo.

— Chega! — ele ordenou.

Nossos peitos se agitaram em sincronia um com o outro. Nossas emoções acaloradas estavam correndo soltas.

Eu podia sentir o ódio vindo dele.

Mas eu também podia sentir sua proteção e sua preocupação para comigo. A barricada que cercava seu coração era uma bomba-relógio, contando os minutos até explodir.

Seria barulhento.

Desastroso.

Caótico.

Isso derrubaria tudo ao seu redor, como um tornado. Isso despertou dentro de mim sentimentos que nunca pensei serem possíveis, emoções que ninguém deveria experimentar.

Senti cada respiração.

Senti toda a sua dor.

Senti sua angústia.

Sua angústia era por mim.

E era por isso que ele estava irritado. Quase me machuquei sob seu comando. Se as balas viessem alguns centímetros para a esquerda, eu teria morrido instantaneamente porque eles atiraram em minha cabeça.

Nada disso aconteceu, mas Jace não conseguia se perdoar por isso. Tentei manter meus sentimentos sob controle, mas eles confundiam minha mente, me obrigando a continuar, a seguir em frente.

Eu não poderia desistir de Jace.

Eu me recusava.

Sua mãe não iria querer que eu fizesse isso.

Eu precisava de uma reação dele, então disse a única coisa que me veio à mente, gritando:

— Eu te odeio!

Jace veio até mim antes mesmo que eu percebesse, enquanto eu repetia:

— Eu odeio voc...

Com uma mão no meu pescoço, ele bateu minhas costas contra a parede atrás de mim, rosnando contra meus lábios:

— Você bem que gostaria de me odiar, porra.

E então colou sua boca na minha.



JACE

Minhas mãos cavaram em seu cabelo e as dela agarraram meu peito.

Foi poderoso.

Foi particular.

Foi tudo.

Ela reespondeu cada empurrão e puxão que eu dei, agarrando os lados do meu rosto enquanto minha língua devorava seus lábios carnudos e perfeitos.

Sua língua macia.

Seu cheiro.

Com seu corpo pressionado contra o meu, eu gemi, me perdendo na sensação dela.

Não há nada comparado a isso.

A ela.

Cove Noel era minha criptonita, e eu sabia disso mais do que tudo.

Ela agarrou com força a frente da minha camisa, me puxando para mais perto como se já não estivéssemos perto o suficiente. Tentando nos moldar em uma só pessoa, ela me beijou como se sua vida dependesse disso. Gemendo em minha boca, ela mexeu meu pau para se contorcer nas minhas calças.

— Porra... Cove... — Agarrei seu cabelo pela nuca, puxando-o para trás. Colocando a distância necessária entre nós, eu perguntei com a voz rouca: — O que você está fazendo comigo, coelhinha?

Ela ofegou, tentando freneticamente se recompor do meu aperto forte. Nossos corpos tremiam de desejo inegável. Cada parte da minha determinação martelava ao nosso redor.

Eu podia ouvir em meus ouvidos.

Eu podia sentir profundamente em meus ossos.

Rompendo as paredes que eu havia erguido quando se tratava dela. Cada parte do meu sistema nervoso estava quebrando, se desligando, tornando difícil ver, quanto mais ficar de pé.

Eu não sabia se foi a perseguição de carro. A discussão entre nós.
Ou o fato de ela quase ter morrido que me fez sentir vivo pela primeira vez no que pareceram décadas.

Era emocionante.

Era cativante.

Eu sabia que vinha dela.

Tinha tudo a ver com ela.

Cove se debateu sem forças um pouco mais, ignorando a dor em sua cabeça e a dor em seu coração que eu estava causando. Eu a segurei com mais força contra meu peito, nós dois com falta de ar.

Ela gritou irritantemente, e eu não sabia se era pelo que eu disse ou por saber que era a verdade. Ou possivelmente por saber que ela não iria a lugar nenhum a menos que eu permitisse. Fechando os olhos, Cove tentou controlar sua respiração e seus pensamentos.

Afrouxei meu aperto, lentamente roçando meus lábios nos dela. Vi memórias passando por seus olhos, atacando sua mente rapidamente.

— Me diga...

— Não.

— Coelhinha...

— Não.

Ela virou o rosto para longe do meu, mas agarrei seu queixo, forçando-a a olhar para mim. Eu queria um momento para acariciá-la.

Para olhar para ela.

Para abraçá-la.

Para senti-la.

Nós nos encaramos pelo que pareceram horas, ambos perdidos em nossos próprios pensamentos.

Em nossos próprios demônios.

Esfreguei seu lábio inferior com o polegar, me deleitando com a sensação de sua pele aveludada.

— Eu te odeio, porra — ela ofegou antes de colar sua boca na minha.

Rosnei, separando seus lábios com minha língua enquanto minhas mãos deslizavam para a costura de seu vestido apertado, subindo até

seus quadris enquanto eu a levantava para montar em minha cintura. Ela estremeceu com a perda do meu toque quando a coloquei na beirada da mesa, mas não desapareceu por muito tempo.

Incapaz de lutar por mais tempo, cedi à tentação que era essa mulher, sem nem tentar. Sem pensar duas vezes, caí de joelhos entre suas pernas, precisando prová-la.

Querendo chupá-la.

Desejando foder sua boceta com minha língua.

Não havia nenhuma maneira no inferno de eu não devorá-la com a boca. Eu era um desgraçado ganancioso. Inalei seu perfume inebriante, beijando suavemente suas dobras. Ela arfou quando sentiu minha língua em seu calor enquanto eu a deslizava na abertura de sua boceta.

Ela era rosada.

Ela estava molhada.

Ela era malditamente perfeita.

E tinha gosto de tudo que eu sempre quis.

— Ah, Deus — Cove gemeu enquanto eu colocava suas coxas em meus ombros. Suas mãos instantaneamente se fecharam em meu cabelo, puxando a ponto de doer.

Eu conhecia seu corpo melhor do que ela mesma. Nos últimos dias, não consegui manter minhas mãos afastadas. Como um homem em uma missão, peguei o que caçava.

Olhando para ela, acariciei seus seios. Chupando seu clitóris em minha boca, movi a cabeça em um movimento de um lado para o outro e para frente e para trás.

— Ah! — ela gritou, tentando se orientar.

Seu peito pesava com cada manipulação precisa dos meus lábios e língua. Minha boca literalmente a comeu viva. Observando enquanto eu dava a ela o que realmente queria desde o momento em que acordou nesta casa.

Eu a lambi uma última vez e então parei, provocando:

— Me diga que você quer, coelhinha. Porra, me implore por isso.

— Por favor — ela gemeu.

Rosnei e voltei a lambar sua boceta, fazendo-a enlouquecer de tesão. Eu sabia que esses eram sentimentos que só eu poderia extrair dela. Em segundos, eu estava fazendo ela gozar forte e rápido. Cove tremeu o tempo todo enquanto eu a deixava gozar contra minha boca antes de soltá-la com um estalo. Eu não me incomodei em enxugar sua excitação do meu rosto, atacando sua boca em vez disso.

Com minha mão na sua nuca para mantê-la perto de mim, era exatamente onde eu queria que ela estivesse. Cove provou cada pedacinho de si mesma, amando o quanto eu era um desgraçado sacana.

Sendo o idiota que eu era, provoquei:

— Sua boceta não me odeia. Isso tem gosto de ódio para você? — De repente, agarrei um punhado de seu cabelo.

Ela gritou com a intrusão inesperada em seu couro cabeludo.

— Não é mesmo?

Com força, puxei sua cabeça ainda mais para trás, segurando seu rosto e apertando sua mandíbula. Eu precisava que ela visse que não iria vencer essa luta pelo poder entre nós.

Isso estava longe de terminar.

Na verdade, era apenas o começo.

Eu a soltaria a qualquer momento, porque se não o fizesse... eu tiraria sua virgindade e a foderia de qualquer forma.

Para o inferno com as malditas consequências.

CAPÍTULO 20

COVE

Senti sua presença antes de realmente vê-lo. Seu perfume masculino imediatamente agrediu meus sentidos. Ele estava deitado de costas, sem camisa, com um braço definido e tonificado debaixo do travesseiro, atrás da cabeça.

Eu estava debaixo dos lençóis enquanto ele estava deitado em cima deles na cama ao meu lado. A posição em que ele estava desmaiado acentuou seu abdômen esculpido e seu peito nu, deixando pouco para a imaginação.

Não pude deixar de olhar para seu short de ginástica. Seu pênis protuberante também estava orgulhosamente entre suas pernas. Ele nem estava duro e ainda parecia enorme através do fino tecido de algodão.

Rolei para o lado do meu corpo, olhando para ele por alguns minutos apenas para admirá-lo, observando cada centímetro do físico musculoso desse homem. Ele realmente era uma obra de arte. Ser tão bonito deveria ser um pecado. Mesmo durante o sono, ele exalava domínio.

Eu não conseguia tirar meu olhar hipnotizado dele.

Depois que ele terminou de me atacar, provavelmente fiquei deitada naquela mesa sabe-se lá por quanto tempo. Jace, é claro, saiu pela porta da frente assim que terminou, batendo-a atrás de si como se estivesse chateado com o que aconteceu entre nós.

Por outro lado, eu não sabia o que dizer ou sentir. Tudo que eu sabia era que minhas emoções estavam à flor da pele quando se tratava de Jace, e o que ele fez comigo naquela noite simplesmente intensificou tudo dez vezes mais. Foi a primeira vez que alguém fez isso comigo, e tudo que eu queria era ligar para Haven e contar a ela, mas não consegui, e essa foi provavelmente uma das pílulas mais difíceis de engolir.

Esta foi a primeira vez que não pude contar à minha melhor amiga o que estava acontecendo na minha vida, e isso me atormentou. Eu queria pedir o conselho dela. Haven era a melhor pessoa para conversar sobre qualquer coisa e não ter esse apoio era tão difícil quanto o que quer que estivesse acontecendo entre nós. Eu era jovem e ingênua, e ele era um homem, afinal. No entanto, a idade era apenas um número, apesar de termos vinte anos de diferença.

Tomei um banho antes de ir para a cama, encostando a testa no azuleijo de cerâmica para deixar a água escaldante escorrer pelas minhas costas, acolhendo bem a o calor. Meu corpo ansiava fisicamente por um pouco de descanso, um pouco de sono, alguma coisa, qualquer coisa que fizesse minha mente parar de correr solta como um hamster girando na porra de uma roda.

Fiquei lá até a água esfriar e depois saí. Vestindo uma das camisas de Jace que ainda cheirava a ele, escovei os dentes, gargarejei um pouco de enxaguante bucal e deitei na cama.

Meu plano era esperar por ele acordada, mas no final o sono rapidamente venceu. Eu não tinha ideia de quando ele veio para a cama, mas tudo o que importava era que ele estava lá comigo agora. Meus olhos se voltaram para o relógio na mesa de cabeceira e vi que marcava quatro da manhã.

Desejei silenciosamente que ele me pegasse nos braços e me dissesse o que estava sentindo, embora soubesse que ele nunca o faria. Esta noite foi um turbilhão de emoções. Eu estava com medo e nervosa com o que estava por vir e não saber o que poderia ser simplesmente tornou tudo muito mais difícil do que provavelmente

precisava ser. Eu não conseguia me preparar para nada. Eu estava apenas seguido o fluxo e esperando a vida passar.

Com esperança.

Rezando.

Que talvez ele sentisse o mesmo que eu.

Tudo isso só estava me fazendo sentir mais próxima dele, eu queria estar com ele agora mais do que nunca. Era como se seu lado sombrio estivesse me atraindo, a atração que Jace exercia sobre mim era palpável e eu não conseguia mais resistir aos meus sentimentos por ele. Quanto mais tempo eu ficava ali, mais percebia que era aqui que eu pertencia.

Com ele.

Em sua cama, dormindo ao lado dele todas as noites e acordando com ele todas as manhãs. Eu não queria mais ficar sozinha, e uma grande parte de mim sabia que ele também não.

Meus dedos deslizaram pelos lençóis, sentindo o tecido macio sob meu toque. Com cuidado para não acordá-lo, levantei meu corpo para deitar ao lado dele enquanto finalmente me sentia em paz com sua presença ao meu lado.

Sua respiração estava se acalmando, pedindo que eu o tocasse.

Tudo aconteceu tão rápido, exatamente como aconteceu desde a noite em que ele matou Deacon. Decidi que era hora de retribuir o favor, surpreendendo-o com um boquete para ver que tipo de efeito eu causava nele.

Em um minuto, minha mão estava no ar, tentando puxar o cós de seu short de ginástica, mas no instante em que toquei suavemente a borda, ele me virou bruscamente de costas com a mão sobre meu pescoço.

Arfei alto, pega de surpresa e chocada. No entanto, essa não foi a pior parte.

Isso foi mínimo em comparação com a arma repentinamente pressionada ao lado da minha cabeça, bem na minha têmpora. Seu corpo pairava em cima do meu, seu peso estava diretamente em cima do meu pequeno corpo. Seu rosto estava a centímetros do meu

quando ele abriu os olhos escuros e dilatados, vazios de qualquer vida.

Meu peito se agitou.

Minha respiração acelerou.

Meu coração bateu forte no peito.

Jace não retirou o controle ou a arma enquanto olhava para mim com algo que não consegui identificar em seu olhar assassino. Mais uma vez, era como se ele estivesse lá comigo, mas, ao mesmo tempo, estava em outro lugar completamente diferente. Isso não impediu que as emoções saíssem de mim e caíssem nos lençóis atrás do meu corpo. Eles se amarraram entre nós. Senti como se visse seu passado e presente colidindo com uma força provocada por mim. Nada do que pensei que aconteceria, aconteceu.

Nem uma única merda.

A verdade estava no caos que ele criou em minha mente. As peças do seu quebra-cabeça continham tantas perguntas sem resposta que ainda pairavam à distância entre nós.

Meu coração estava partido por ele.

Só que desta vez, senti que não aguentava mais. Seus demônios estavam me puxando para baixo, me arrastando ainda mais para o chão e para o inferno que ele criou para si mesmo. Suas verdades estavam me queimando viva em sua fogueira.

Eu estava tentando salvá-lo e, pela primeira vez, entendi que talvez ele estivesse tentando não me destruir no processo. Através da suave iluminação da lua, a escuridão caiu sobre nós através das cortinas ligeiramente abertas.

Em um momento de fraqueza, me rendi ao poder que Jace tinha sobre mim, e não estava falando sobre seu atual domínio sobre meu pescoço.

Fui a primeira a quebrar a conexão entre nós, fixando meu olhar na arma apontada para minha têmpora.

— Você quer que eu mate você, Cove?

Minhas mãos trêmulas agarraram os lençóis. Tinha tanta coisa que eu queria dizer, e fiquei abrindo a boca, só para fechá-la várias vezes,

sem saber o que iria sair.

Eu não sabia por onde começar ou em que pé estávamos.

Meus lábios estavam inchados de sono enquanto meu rosto estava vermelho, o suor brilhava nas laterais das minhas têmporas. Eu temia que ele me machucasse mais do que já havia feito naquele momento. Nunca quebrando nosso olhar intenso, ele lentamente começou a deslizar a arma pela lateral do meu rosto, pescoço, e parando no meu peito, sobre o meu coração.

Minha respiração engatou.

— O que você achou que aconteceria se você me acordasse assim?

Minha boca se fechou, engoli em seco enquanto lambia meus lábios.

— Depois de tudo o que aprendeu sobre mim nos últimos dias. Acha que sou um homem que você pega de surpresa? Não importa aonde eu esteja, durmo com uma arma na mão debaixo do travesseiro. Fui treinado para matar, Cove. Então vou perguntar de novo... — Ele não vacilou, falando com convicção: — Você quer que eu te mate?

CAPÍTULO 21

COVE

Nada em sua confissão me surpreendeu. Nada sobre os sentimentos que eu tinha por ele também. Finalmente estava em seus braços, sentindo sua pele contra a minha, amando o jeito que ele olhava para mim. Minha mente ficou fora de controle o dia todo, e isso só aumentou o tsunami de emoções que percorriam meu corpo.

Eu o queria mais do que a razão.

Mais do que o que estava certo ou o que estava errado. Eu o queria mais do que tudo.

Não havia como voltar atrás, apenas seguir em frente. Mesmo que isso significasse que ele continuaria me arrastando para o inferno onde ele vivia e respirava.

— Me diga, coelhinha. Você gosta de estar à minha mercê?

Antes que eu pudesse responder, Jace esfregou seu pau agora duro contra minha boceta. Atingindo meu clitóris e me deixando louca. Estremeci embaixo dele, gemendo com cada impulso de seus quadris. Minha umidade vazou pela seda da minha calcinha.

Eu choraminguei quando ele levantou seu corpo do meu, levando sua camisa com ele. Ele levantou-a para expor meus seios e barriga antes de continuar a deslizar a arma pelo meu torso, deixando um rastro de desejo em seu caminho.

Agora, por que isso estava me excitando era uma outra história... Provavelmente uma que eu eventualmente contaria a um terapeuta

um dia, porque essa merda não era normal.

Quem se excitaria com uma arma que poderia literalmente matar você?

Eu deveria estar apavorada, querendo fugir dele e nunca mais olhar para trás, mas não estava.

Eu queria isso.

Chamando-me, ele brincou com confiança:

— Você gosta disso, Cove?

Eu corajosamente balancei a cabeça.

Quando ele passou a arma pela borda da minha calcinha, minhas coxas apertaram.

— Seu corpo dói por mim, me implorando para tocá-lo.

Gemi em resposta quando ele deslizou minha calcinha para o lado com sua arma, me fazendo tremer quando o ar frio entrou em contato com minhas dobras nuas.

Ele realmente iria fazer isso?

Na tentativa de convencê-lo a continuar, sorri. Com o cano da lateral de sua arma, ele começou a esfregar meu clitóris para cima e para baixo com o metal frio.

— Você confia em mim tanto assim?

Este era outro teste?

Outro jogo?

Acendendo seu fósforo, concordei com uma palavra.

— Sim.

Nossos olhos permaneceram conectados e, por um momento, vi um olhar possessivo familiar passar por sua expressão, sabendo que eu estava falando sério. Meu olhar cheio de luxúria mostrou-lhe tudo o que ele precisava ver e saber. Eles falaram muito por mim.

Ele inclinou a cabeça para o lado, deslizando-a mais rápido e com mais força contra o meu clitóris.

— Você está tão molhada.

Ele não precisou receber nenhuma confirmação. Ele sabia o que estava fazendo. Cada vez mais rápido.

— Porra — gemeu, desejando a mesma coisa que eu.

— Ah, Deus... — Eu estava à beira de desmoronar.

Meu corpo tremeu.

Minhas pernas tremeram.

Minhas costas arquearam para fora da cama.

— Jace! — gritei, chegando ao clímax tão forte que meus olhos reviraram antes de me derreter no colchão, pesada, saciada, consumida com seu controle sobre mim.

Meus olhos estavam serenos.

Meu corpo relaxado.

Minhas bochechas coradas.

Eu juro que poderia ter gozado de novo só de observá-lo levantar a arma e lambe meus sucos na lateral do cano.

— Você é a porra do meu prato favorito — ele declarou em um tom áspero e pesado.

Com isso, Jace jogou a arma na mesa de cabeceira. Peguei seu short de ginástica novamente, puxando o elástico para trás para agarrar seu pau, mas ele me impediu de retribuir o favor.

— Não, coelhinha — ordenou com uma voz calma, olhando profundamente em meus olhos. Minhas sobrancelhas se estreitaram, confusa com a reação dele.

— Mas eu...

— Eu sei o que você quer, mas não vai rolar.

— Por quê? Não é justo que eu não lhe dê nada em troca.

— Confie em mim, Cove. Você está me dando mais do que suficiente.

Incapaz de resistir, questionei:

— Você já fez isso antes?

— Qual parte?

— Você sabe o que eu quero dizer...

Ele sorriu diabolicamente.

— Eu ainda quero ouvir você dizer.

— Se eu soubesse o que dizer, já teria dito.

Jace deu uma risada.

— Sua arma na minha — eu balancei as sobrancelhas —, você sabe...

— Sua doce bocetinha?

Tentei puxar o cobertor sobre o rosto de vergonha.

— Jace...

— Acabei de fazer você gozar com minha arma em sua boceta e agora você está sendo tímida?

Eu ri.

— Você obviamente queria que eu confiasse em você. Passei em outro de seus pequenos testes estimulantes?

— Não há nada de pequeno em mim, coelhinha.

— Jace, eu estava brincando...

— Está tarde. Você precisa dormir um pouco.

Ele estava prestes a sair da cama, mas foi a minha vez de impedi-lo.

Agarrei seu braço, deixando escapar:

— Por favor, não vá embora. Não gosto de me sentir usada.

— É isso que você acha que estou fazendo?

Dei de ombros.

Pela expressão em seu rosto, pensei que ele fosse me deixar de novo, mas em vez disso, Jace se deitou e me trouxe com ele, colocando-me em seu peito. Surpresa por ele ter cedido às minhas exigências, eu me enrolei em seu abraço, acariciando seu torso com um braço estendido.

— Pare de pensar, coelhinha. Apenas vá dormir.

— Você vai dormir?

— Eu não preciso dormir muito.

— Percebi — afirmei persistentemente, morrendo de vontade de que ele me deixasse entrar um pouco. — Existe uma razão para isso?

— Você não consegue ser sutil, não é?

— Quer dizer... eu quase não sei nada sobre você, e já te deixei entrar na minha calcinha, então... que tal me dar uma colher de chá?

Ele não respondeu pelo que pareceu uma eternidade, até que finalmente compartilhou:

— É uma combinação de coisas. Algumas delas são militares e outras são...

— Estresse pós-traumático?

— Algo parecido.

— Você já conversou com alguém sobre isso?

— O que você acha?

— Sim... — Hesitei por um segundo. — Bem... você sempre pode falar comigo.

Novamente, nada além de silêncio, como se ele estivesse debatendo se iria compartilhar mais, até que acrescentou:

— Não gosto muito de conversar. — Ele começou a esfregar minhas costas.

— Acredite ou não, eu sou do mesmo jeito. Haven tem que arrancar as coisas de mim na maior parte do tempo.

— Haven tem esse efeito nas pessoas. Ela é como nossa mãe.

Sorri, desenhando círculos preguiçosos em volta de seu peito.

— A primeira lembrança que tenho da sua mãe foi do Halloween. Eu não tinha fantasia. Meus pais sempre se esqueciam de coisas assim. Lembro que nosso motorista me deixou na sua casa porque sua mãe ia nos levar para pedir doces ou travessuras. Haven correu para me cumprimentar, e ela estava vestindo uma fantasia completa de princesa com uma super coroa. Assim que sua mãe me viu sem fantasia, ela simplesmente soube. Uma hora depois, ela entrou no quarto de Haven com meu próprio vestido de princesa. Era até minha cor favorita.

— Azul esverdeado.

Eu recuei, olhando para ele.

— Como você sabe disso?

— O quarto de Haven é ao lado do meu, lembra?

— Certo... não sei como sua mãe comprou aquilo em tão pouco tempo, mas...

— Ela fez o vestido.

Arqueei uma sobrancelha, esperando que ele explicasse.

— Tive que sair correndo e comprar mais tecido para ela.

— Você está mentindo.

— De todas as coisas para mentir para você, acha mesmo que eu começaria por aí?

Minhas emoções aflitivas agitaram-se ao nosso redor.

Consumindo-me.

Ele.

Nós?

— Eu não tinha ideia de que você havia feito isso por mim. Aquilo significou muito para mim, Jace. Obrigada.

Enquanto eu estava ali deitada com seus braços em volta de mim, me perdi no que ele tinha acabado de confessar abertamente, e foi nesse momento que percebi que eu estava realmente ferrada porque estava começando a me apaixonar pelo irmão da minha melhor amiga...

... que também foi contratado para me matar.

CAPÍTULO 22

JACE

Passado: um mês depois...

— Para onde estamos indo? — Hope perguntou, sentando ao meu lado no avião.

Ontem de manhã, voei até o estado dela para vê-la pela terceira vez desde que Tony morreu. Minha segunda visita foi curta; fiquei lá apenas alguns dias. Durante o jantar de ontem à noite, mencionei casualmente que estávamos tirando férias muito necessárias. Eu não conseguia me lembrar da última vez que tirei uma.

Ela praticamente pulou no meu colo no minuto em que eu disse que a estava sequestrando. Ela beijou todo o meu rosto, expressando muita alegria sincera. No mês passado, ela se mudou para o novo apartamento que eu estava pagando para ela. Havia muitas lembranças de Tony e da vida que eles nunca teriam onde ela morava antes.

O lugar era um prédio de três quartos e três banheiros com vista para a cidade de Miami. Eu estava ganhando dinheiro mais do que suficiente para ajudar financeiramente ela e seu filho ainda não nascido. Prometi a Tony que cuidaria deles e pretendia seguir com o plano.

Nos últimos seis meses, provavelmente escrevemos centenas de cartas um para o outro. Às vezes parecia que eu a conhecia melhor do que a mim mesmo.

— Você me perguntando a cada cinco minutos não vai mudar minha resposta.

— Achei que estávamos de férias, Jace. — Ela acenou com a cabeça para o meu laptop. — Por que você ainda está trabalhando?

— Tenho que cuidar de algumas coisas antes de pousarmos.

— E onde seria esse pouso?

Olhei para ela.

— Boa tentativa.

Sorri, sentindo como se fosse um homem diferente quando estava com ela. Meu passado ficou para trás e tudo que eu precisava fazer era me concentrar no futuro. Nós nos unimos pela dor de perder Tony. Foi o que nos uniu para começo de conversa.

Parecia que meus demônios estavam dormindo quando eu estava perto dela. Eles diminuía, deixando-me respirar por um minuto. Algo em nosso relacionamento estava faltando em minha vida e eu não poderia estar mais grato por tê-la.

Hope era tão linda, com esse lindo garoto crescendo dentro de seu corpo. Ela era adorável, com barriga de grávida e tudo, de macacão. A gravidez lhe caía bem.

Apesar de termos sentimentos intensos um pelo outro, não fizemos sexo. Simplesmente não conseguíamos cruzar essa linha. Eu estava contente por tê-la dormindo em meus braços. Era o suficiente para mim.

Ela me deixou terminar meu trabalho pelo resto do voo enquanto eu esfregava sua barriga. Assim que pousamos, agarrei a mão dela e a levei para fora do avião e desci as escadas para pegar nossa bagagem. Um SUV com motorista nos esperava no aeroporto para nos levar até a casa particular que aluguei por uma semana.

— Ahhh! Estamos em Saint Martin! — ela exclamou no segundo em que percebeu onde estávamos no caminho para a propriedade.

Viramos por um caminho isolado com palmeiras de cada lado e dirigimos por cerca de dez minutos. Lindas árvores tropicais misturadas com uma vegetação luxuriante ocupavam as laterais da

estrada. Não dava para ver nada atrás das paredes paisagísticas enquanto nos aproximávamos do nosso destino.

Teríamos privacidade total. Era o que eu queria. Nosso pequeno oásis longe de tudo e de todos. A entrada para a casa ficava a cerca de cem metros, levando a uma rotatória onde o motorista estacionou. Segurei a mão dela antes de abrir a porta e sair para o pavimento de pedra calcária que circundava a propriedade privada.

Eu podia sentir o cheiro da brisa salgada vindo da água enquanto nos levava até a casa enquanto o motorista trazia nossa bagagem atrás de nós. Abri as portas do pátio e digitei o código para revelar grandes escadas angulares que nos levaram para dentro de uma casa com temática costeira.

Seu queixo caiu, girando em um círculo completo para observar o ambiente. A luz do sol entrava por todas as janelas da sala aberta, iluminando o espaço. Paguei ao motorista e agradei, fechando a porta atrás dele depois que ele saiu.

— Eu não posso acreditar que você fez isso! Este lugar é lindo, Jace. Eu sorri, beijando seus lábios.

— Eu faria qualquer coisa por você.

Eu a segui até a varanda, apoiando os cotovelos no corrimão enquanto respirava fundo, olhando para o sol refletido na água. Era realmente de tirar o fôlego, tudo era.

Incluindo ela.

Senti Hope vir atrás de mim, querendo abraçar o homem quebrado na frente dela com seu filho entre nós.

— Nunca vi uma propriedade tão incrível em toda a minha vida. Mal posso esperar para explorar esta ilha com você.

Nos dias seguintes, fizemos exatamente isso. Passamos nossos dias relaxando, conversando e nadando na piscina ou passeando pela ilha. Onde quer que ela quisesse ir, eu fazia questão de levá-la até lá. Passamos as noites deitados juntos na espreguiçadeira do pátio, olhando para as estrelas brilhantes.

Hope estava em meus braços. Olhamos para o céu noturno, observando a lua cheia no horizonte e acima da água. Às vezes

conversávamos e outras vezes não. Não havia necessidade de palavras, pois nossa conexão falava por si.

Ela desmaiava na minha cama todas as noites, e eu tentava encontrar um sono que nunca vinha para mim. Eu a observava descansar. A maneira como seu peito subia e descia a cada respiração, ou como seus lábios carnudos se abriam e seu cabelo caía em cascata por todo o rosto.

Ela estava tão contente.

Feliz.

Era pitoresco pra caralho.

Fiquei muito feliz por saber que eu era a causa daquilo.

Tarde da noite, eu saía do quarto, deixando-a sozinha. Eu saía para a varanda e via minha vida se desenrolar diante de mim, tentando encontrar paz neste paraíso. Esperando silenciosamente que a alma de Tony estivesse descansando e ele estivesse satisfeito por eu cuidar de sua garota e não rolar no túmulo por causa disso.

Eu não conseguia ter intimidade com ela. A culpa era muito pesada.

Todas as manhãs o sol nascia e Hope acordava sabendo onde eu estava. Ela deitava comigo, colocando a cabeça no meu colo enquanto eu passava os dedos por seus cabelos castanhos e macios.

Ela era apenas um anjo na casa comigo.

Esta noite, estávamos mais uma vez deitados na espreguiçadeira, ambos perdidos em nossos próprios pensamentos enquanto a cabeça dela descansava no meu peito enquanto eu acariciava a lateral do seu braço.

— Você quer ter seus próprios filhos? — ela perguntou do nada.

— De onde veio isso?

— Estava só pensando.

— Você sabe que vou cuidar de vocês dois, Hope.

— Eu sei... mas você não me tocou esse tempo todo e já estamos aqui há quatro dias.

— Estou tocando você agora mesmo.

— Você sabe o que eu quero dizer. É Tony, não é?

Eu não respondi.

Nem precisava.

— Ele te amava, sabe? Ele tinha você como um irmão.

— O que só torna o que está acontecendo entre nós muito mais difícil.

— Eu sei.

— Sinto muito, não posso te dar o que você quer.

— É difícil para mim também, Jace, mas se não fosse por você, não sei onde estaria depois de perdê-lo. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Sinto falta dele todos os dias. Às vezes acordo e penso que ele ainda está vivo, e então lembro que o perdi.

Balancei a cabeça, entendendo como ela estava se sentindo. Eu também sentia isso.

— Você era o mundo dele, Hope.

— Onde isso nos deixa?

Não hesitei em admitir:

— Estamos apenas vivendo o momento. É tudo que me resta para lhe dar.

Ela assentiu em compreensão.

Eu não pude deixar de me perguntar se ela ainda sentiria o mesmo por mim se soubesse...

... que matei o noivo dela.

CAPÍTULO 23

JACE

Presente: na manhã seguinte...

Ela acordou com o cheiro de bacon e café, entrando na cozinha enquanto eu preparava o café da manhã.

— O que você está fazendo? — perguntou.

Me virei para encontrar seu cabelo bagunçado.

Seus lábios carnudos e rosados estavam inchados de sono.

Ela ainda estava vestindo minha camisa, fazendo meu pau se contorcer ao vê-la.

Não havia como tirar meus olhos de sua beleza. Ela estava deslumbrante, parada ali com seu cabelo loiro que brilhava nos raios de sol que entravam pela janela saliente. Sua pele macia e sedosa era perfeita.

Ela parecia um sonho.

Meu sonho ou estava mais para meu pior pesadelo.

Ela ficou ali, perdida em seu próprio mundinho. Um mundo do qual eu queria desesperadamente fazer parte, mas sabia que nunca conseguiria.

Olhei para seu lindo rosto, desejando ficar onde estava e não tomá-la em meus braços novamente. Ela dormiu no meu peito a noite inteira enquanto eu esfregava suas costas e cabelos.

— Feliz aniversário, Cove.

Ela engasgou com lágrimas imediatas transbordando de seus olhos azuis.

— Como você sabia...

— Coelhinha, eu te conheço desde que você tinha quatro anos.

— Mas com sua carreira, você nunca estava por perto.

— E quando eu estava, você praticamente morava na nossa casa.

— Certo... — Ela estremeceu. — Lembro que isso te incomodava.

Dei a ela uma expressão questionadora.

— Do que você está falando?

— Deixa para lá. — Ela balançou a cabeça. — Isso significa que você preparou café da manhã no meu aniversário?

Sem recuar, avisei:

— Não gosto de me repetir. Eu te fiz uma pergunta e espero uma resposta.

— Não quero estragar este momento entre nós trazendo o passado à tona.

— Pare de brincar, Cove. Estou esperando.

— Tudo bem. Você é tão mandão. — Ela suspirou. — O funeral da sua mãe, lembra? Eu segui você até o riacho atrás da sua casa.

Eu estreitei meus olhos para ela, absorvendo o que ela estava dizendo.

— Eu não deveria ter invadido seu espaço pessoal. Eu era apenas uma garotinha estúpida tentando fazer você se sentir melhor.

Abri a boca para responder, mas fui interrompido pelo meu celular tocando no bolso da minha calça jeans.

Eu atendi:

— Sim?

— *Como vai?* — uma voz familiar perguntou.

Segurando minha mão sobre o bocal do meu telefone, acenei para Cove.

— Eu preciso atender isso. Coma o que quiser. Fiz para o seu aniversário.

Ela não escondeu o sorriso que tomava todo o seu rosto antes de eu me virar e sair pela porta dos fundos, fechando-a atrás de mim para

ter alguma privacidade.

Falei em código:

— O coelho tem sido um pé no saco, mas nada que eu não possa lidar.

— *Você é o melhor por um motivo. Foi uma performance e tanto aquela que você fez naquela festa.*

— Estou apenas fazendo meu trabalho.

— *Ela era a bela do baile. Você tem dois dias até que sua lua de mel termine. Tenho certeza de que você está começando a encerrar as coisas, certo?*

— Sim.

— *Ótimo. Eu odiaria que você perdesse seu voo para casa, Jace.*

— Nunca perdi um voo antes, William.

— *É por isso que você é o melhor marido.*

Ele desligou abruptamente e eu respirei profundamente, tentando aliviar o estresse dele em cima de mim e não querendo que Cove visse isso.

Quando voltei para a cozinha, ela estava comendo na mesa de jantar. Levei um minuto para observá-la. Pude ver tantas coisas em seus olhos.

A dúvida.

A insegurança.

A tristeza por mim.

Tudo o que compartilhei ontem à noite continuou pesando em sua mente. Era uma das razões pelas quais eu excluía as pessoas. Meus fardos eram só meus para carregar.

Não havia nada pior.

Eu queria me lembrar do jeito que Cove olhou para mim ontem, e não do jeito que estava me olhando agora. Eu não tinha ideia de para onde iríamos a partir daqui. Cove estava se tornando minha maior fraqueza e, ao mesmo tempo, minha maior força.

Tantas hipóteses passaram pela minha mente.

Tantas consequências e cenários que poderiam acontecer. Tantas escolhas que podem ser certas ou erradas.

Incapaz de me conter, estendi a mão e acariciei o lado de seu rosto, e ela se inclinou em meu abraço como se estivesse esperando que eu fizesse isso desde o segundo em que voltei para a cozinha.

Seus olhos se fecharam, derretendo ao meu toque.

O cheiro e a sensação dela estavam ao meu redor, me fazendo queimar de desejo de reivindicar cada centímetro dela. Eu queria capturar esse momento e mantê-lo o máximo que pudesse. Eu queria lembrar dela assim.

Para mim.

— Você me faz querer ser um homem melhor, coelhinha.

Seus olhos se abriram com tanta emoção que quase me derrubou quando ela olhou profundamente nos meus olhos. Sua respiração ficou presa quando meu polegar puxou seu lábio inferior.

Dentro de um segundo, minha mão de repente se moveu para agarrar sua nuca e eu a trouxe em minha direção.

— Falei com Haven esta manhã.

— Eles estão voltando da viagem, certo?

Assenti com a cabeça.

— Ela sabe sobre nós?

— Ela sabe que você está desaparecida.

— Ela sabe que estou com você?

— Ela sabe que estou procurando por você. Fiz isso só para ela não chamar a polícia para denunciar o seu desaparecimento.

— E os meus pais? Eles não...

— Não.

Ela inclinou a cabeça.

— Pois é...

— Olhe nos olhos e pergunte, Cove.

Ela perguntou.

— O que vai acontecer? Você disse que tinha uma semana e esse tempo está quase acabando. Se você não resolver as coisas nas próximas quarenta e oito horas, onde isso me deixa?

— Hoje não há nada além do seu aniversário, coelhinha.

— O que isso significa?

— Você vai se vestir e vamos sair para comemorar.

— Você está falando sério?

Sorri, tentando diminuir a tensão.

— Como uma bala na cabeça.

— É a sua cara usar isso como metáfora.

Eu sabia que não havia como voltar atrás, mas foda-se, joguei a cautela pela janela. Era o aniversário de Cove e eu queria tornar o dia o mais memorável possível. Esta semana tinha sido um inferno para ela. Era o mínimo que eu podia fazer depois do que a estava fazendo passar.

Gemendo contra sua boca, eu disse asperamente:

— Vou beijar você agora. — Seus lábios se separaram para dizer alguma coisa. — Eu não estou pedindo. Estou informando.

Antes que ela pudesse responder, eu a beijei, fazendo sinal para que seus lábios se abrissem para mim. Eles fizeram isso, soltando um gemido suave quando ela sentiu minha língua em sua boca. Sempre fui um homem de poucas palavras. Para mim, as ações sempre falaram muito mais alto e claro do que qualquer frase poderia fazer.

No entanto, lá estava eu, beijando-a como se ela fosse minha.

— Jace... — ela sussurrou contra meus lábios. — O que vai acontecer entre nós depois disso?

— Cove, você já sabe a resposta para isso.

— E se eu não aceitar?

— Não importa.

— Então o que eu quero mais uma vez não importa? — Ela empurrou meu peito. — Minha vida inteira não importou para as pessoas que mais deveriam importar. Agora terei que adicionar você a essa lista também?

Eu respondi com a única coisa que pude:

— Vamos aproveitar seu aniversário hoje, ok?

Eu precisava de um minuto para pensar, querendo organizar meus pensamentos. Minhas emoções. Os impulsos que ela me fazia ter.

Toda a minha vida foi construída em torno de controle.

Um cronograma.

Uma rotina.

Pela primeira vez na vida, eu não tinha nenhuma dessas coisas quando se tratava da melhor amiga da minha irmã mais nova.

Assim que recuperei minha sanidade, ordenei:

— Vá se arrumar. Temos um longo dia pela frente.

Ignorando meu pedido, ela respondeu:

— É meu aniversário, certo? Isso significa que posso ganhar o que quero?

Intrigado sobre onde ela queria chegar com isso, mordi sua isca.

— Algo do tipo.

— Tudo bem, então tenho um pedido.

Arqueei uma sobrancelha, curioso para saber onde ela queria chegar com isso. Eu gostaria de poder dizer que esperava o que ela disse em seguida, mas eu nem imaginava.

Nem por um segundo.

De uma só vez, ela ordenou, quase me derrubando...

— Eu quero que você tire minha virgindade.

CAPÍTULO 24

COVE

Por que eu esperava que ele realmente me respondesse foi provavelmente um dos meus pensamentos mais idiotas desde que ele matou Deacon. Para um homem por quem eu deveria estar loucamente apaixonada, mal pensei nele nos últimos dias em que estive com Jace.

Eu não conseguia acreditar como as coisas mudaram tão rapidamente, o quão rápido tudo se intensificou entre nós e o quanto eu não queria que isso acabasse. Este não era um homem que acabei de conhecer — eu o conhecia há quase toda a minha vida.

Ele foi minha primeira paixão e agora estava se tornando meu primeiro tudo. Acho que ele estava recuperando o tempo perdido fixando residência completamente na minha cabeça. Meus sentimentos intensos por Jace não se comparavam ao que eu sentia por qualquer que fosse seu nome verdadeiro.

Não havia comparação entre os dois.

Depois que terminei de me vestir, decidi que era hora de resolver as coisas com minhas próprias mãos. Se eu quisesse fazê-lo tirar minha virgindade, então eu precisava dar a ele bolas azuis na pior das hipóteses.

Pegando um short jeans, cortei basicamente para torná-los bem curtos e fiz o mesmo com minha regata. Depois de olhar a roupa extremamente reveladora no espelho de corpo inteiro, decidi não

usar sutiã com minha blusinha totalmente branca. Sorrindo para mim mesma no espelho, peguei as sandálias do armário para acentuar minhas pernas longas e finalizei meu look com uma maquiagem leve.

— Ok! Estou pronta! — anunciei, entrando na sala e encontrando Jace sentado no sofá.

Ele imediatamente respondeu:

— Que porra você está vestindo?

— O quê? — Eu banqueei a inocente, girando para ele. — Você não gostou da minha roupa?

— Que roupa? Você não está vestindo nada.

— É meu aniversário. Eu posso fazer o que eu quiser.

Ele rosnou, alimentando minha satisfação.

— Você acha que tem tudo planejado, não é?

Assenti com a cabeça, orgulhosa pra caralho.

— Coelhinha, o que vou fazer com você?

— Bem, para começar... quero ir a uma loja de biquínis.

Achei que ele fosse me beijar de novo e esperei dolorosamente para sentir seus lábios contra os meus.

Ele não fez isso.

Em vez disso, ele caminhou em minha direção e cada passo era mais determinado que o anterior.

— Algo que você quer de mim? — ele provocou.

Idiota.

— Não — pronunciei bem a palavra, espelhando sua expressão.

— Vamos — ele zombou, estendendo a mão para mim, mas eu fui mais rápida. Corri em direção ao carro e bati a porta na cara dele.

— Você vai pagar por isso mais tarde, Cove.

Me inclinei na janela, olhando profundamente em seus olhos.

— Mal posso esperar.

Nas horas seguintes, ele me tratou como uma rainha enquanto desfrutávamos da companhia um do outro até a hora do almoço.

Do nada, deixei escapar:

— Isso é um encontro?

Ele se recostou na cadeira, inclinando a cabeça para mim.

— Parece um encontro. — Pisquei para ele. — A propósito, um encontro muito bom.

Era óbvio que ele estava lutando contra suas emoções pelo que achava que era certo ou errado entre nós. Não importava o que eu dissesse, mas estava começando a parecer que uma grande parte dele só queria sofrer.

Sentir dor.

Como se ele estivesse se punindo por algo que não conseguia confessar para mim. Jace estava vivendo no passado, e eu não tinha ideia de como tirá-lo disso ou como libertá-lo das coisas que o atormentavam. Era uma batalha interminável e eu estava longe de ganhar.

Ele estava muito cauteloso.

Muito teimoso.

Muito tudo.

— Eu sei o que você está pensando. — Largando meu garfo, continuei, precisando expressar meu ponto de vista: — Já passei por muita coisa por ter apenas dezenove anos. Eu sei que você é vinte anos mais velho que eu. Você viveu uma vida inteira antes mesmo de eu nascer, mas isso não significa que não consigo entender o que você passou. O que ainda está passando. Tenho certeza de que você viu e fez coisas das quais não se orgulha, mas todos nós passamos por isso. Isso é apenas a vida, como você continua me lembrando que a vida não é justa. Você não pode continuar afastando as pessoas ou acabará sozinho, e eu sei que, no fundo, você não quer isso.

— Cove...

— Você tem ideia do quanto sua família te ama? Você se coloca em risco com o que está fazendo. E se algo der errado e você não conseguir sair vivo? Você realmente quer fazê-los passar por isso de novo?

Ele não disse uma palavra.

— Você não estava lá para ver como era para eles viver sem sua mãe. Ela era tudo para todos, e perder alguém tão importante

destruiu sua família por muito tempo. Eles não merecem que você coloque sua vida em risco porque está em alguma cruzada para provar algo a si mesmo. Quando isso será suficiente para você? Você não quer viver uma vida normal?

— E o que é normal para você, Cove?

— Uma família, uma esposa, talvez até filhos?

— Com você?

— Não seria a pior ideia.

— Tenho certeza que Haven ia adorar isso.

— Na verdade, ela ia mesmo. Ela sempre quis que eu namorasse um de seus irmãos. Isso nos tornaria uma família de verdade e seríamos irmãs. Eu nem sei te dizer quantas vezes ela tocou nesse assunto, esperando que isso acontecesse. Na noite em que você me carregou para fora do bar, antes de sairmos com vocês. Ela estava falando sobre você e eu, e eu não conseguia acreditar que ela pensava que algo poderia realmente acontecer entre nós. Era como se ela sentisse isso.

— Jesus, coelhinha... — ele respirou. — Você tem dezenove anos; tem toda a sua vida pela frente. Você é muito jovem para sequer considerar essas coisas comigo ou com qualquer outro homem.

— É aí que você se engana. Se não fosse pela sua família, honestamente não sei onde eu estaria. Eu criei a mim mesma. Como você sabe, meus pais não dão a mínima pra mim. Tudo que eu sempre quis foi ter minha própria família. Mal posso esperar para começar uma vida com alguém.

— E a faculdade?

— Vou para a faculdade no outono. — Dei de ombros. — Mas eu sou de uma família abastada. O dinheiro nunca foi um fator na minha tomada de decisão. Foi a única coisa que meus pais fizeram por mim. Gosto de pensar que é porque eles estão tentando amenizar a culpa por não serem pais de verdade para mim, mas sou ótima sozinha.

— Você é impulsiva.

— E você também é. Você é esse quebra-cabeça que estou tentando desesperadamente montar.

— E por que isso?

Eu realmente iria contar a ele?

Essa foi a única coisa que me restava para dizer a ele. Eu colocaria meu coração em risco mais do que já havia feito. Rezei silenciosamente para que fosse o suficiente.

Respirando fundo, admiti pela primeira vez em voz alta para ele:

— Sempre foi você, Jace. Estou me apaixonando...

— Isso se chama Síndrome de Estocolmo — ele me interrompeu.

— Ah é? — argumentei. — Então como você explica ter sido minha primeira paixão quando eu tinha oito anos?



JACE

Poucas coisas na vida me chocaram.

Eu tinha visto e experimentado tudo.

Mas isso...

Eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei surpreso com a confissão dela.

Cove estreitou os olhos brilhantes para mim com uma atitude desafiadora. Embora sua vulnerabilidade não me impedisse de observar o brilho de sua pele macia e bronzeada, a forma como seu cabelo continuava caindo ao redor de seu rosto, ou até mesmo o rubor rosado de suas bochechas.

Sua preocupação.

Sua tristeza.

A compreensão em seus olhos.

Cove pode ser jovem, mas eu podia me ver nela. Não ter pais a fez crescer rápido, e eu não poderia estar mais orgulhoso da mulher que tinha se tornado. Ela era forte, resiliente e não aceitava as merdas de ninguém.

Eu precisava saber, então perguntei:

— O que aconteceu com aquela paixão?

Ela escondeu um sorriso, amando o efeito que estava causando em mim.

— Ficou adormecida até alguns dias atrás.

Nenhum de nós disse nada por um minuto, até que ela acrescentou:

— Você vai ficar sentado e fingir que não sente nada por mim também? Porque eu não acredito nisso, Jace Beckham. Se isso fosse verdade, você não teria me tocado desde o momento em que me deixou sozinha.

— Quer dizer, levar você para uma festa BDSM? Isso é amor para você?

Eu era puro.

Inocente.

Ingênuo.

Ela era o completo oposto de mim e isso fazia parte de seu fascínio. Eu corrompi o anjo em minha escuridão. A pior parte é que não tive nenhum problema em fazer isso. Eu não estava mais sozinho — eu a tinha. Com o diabo ao meu lado, eu a faria minha, se pudesse.

Se isso fosse um sonho, eu nunca iria querer acordar. Nem agora, nem nunca. Seus olhos continham muita emoção e sua expressão sincera era quase difícil de acompanhar. Sempre estive tão sintonizado com o que seus olhos compartilhavam comigo e, naquele momento, tudo que pude ver foi seu amor.

Sua devoção.

Sua sinceridade.

Meu coração doeu ao vê-la. Não havia confusão da parte dela, e isso causou estragos nos pedaços que sobraram de mim. Eu podia sentir fisicamente suas emoções e queria mantê-las para sempre. Eu a senti muito mais do que jamais poderia imaginar. Meu controle se foi e eu não tinha certeza se o havia entregue a ela ou se ela o havia roubado de mim.

Isso importava?

Olhamos nos olhos um do outro, vendo nossas verdades refletidas em nós.

Eu não cederia.

Eu não podia.

Não quando eu acabaria quebrando ela.

Ou pior...

... eu a mataria.

CAPÍTULO 25

COVE

— Prometo ser uma garota muito boazinha se você me disser para onde estamos indo — provoquei.

— Por mais que eu adorasse ver até onde você levaria essa promessa, ainda não vou lhe dizer nada.

O resto do nosso almoço foi tranquilo, e eu sabia que Jace estava pensando principalmente em tudo que eu compartilhei abertamente com ele. Este homem era um paradoxo de reações. Desde suas palavras até seu toque, até como ele estava se esforçando para tornar meu aniversário especial para mim. Eu não tinha ideia do que ele havia planejado para o resto do dia, mas isso não impediu minha empolgação com o que estava por vir.

Quando caminhamos pela praia de Mullet Bay, havia uma colcha inteira para nós, cobertores, travesseiros, um refrigerador e uma cesta de piquenique, tudo perfeitamente posicionado com uma rede.

— Eu não posso acreditar que você fez isso.

Ele encolheu os ombros.

— Eu só queria fazer algo de bom para você, então fiz.

Houve muita reflexão por trás de suas ações hoje, e notei cada uma delas.

— Isso é muito gentil da sua parte.

— Você torna tudo mais fácil, coelhinha.

Assim que nos sentamos, eu reconheci:

— Obrigada por me deixar dirigir seu luxuoso carro esportivo até aqui.

— Ainda não consigo acreditar o quanto temo pela minha vida quando você está no banco do motorista.

— Jace! — Eu bati em seu peito. — Sou apenas uma motorista cautelosa.

— Você bateu em um meio-fio no caminho até aqui.

— Aquele meio-fio surgiu do nada.

— Diga isso para todos os meios-fios que você bateu toda vez que dirigiu o carro de Haven.

Eu ri.

— Como você se lembra disso?

— Lembro de muitas coisas.

— É isso que vamos fazer hoje? Uma caminhada pela estrada da memória?

— É isso que você quer?

Eu balancei a cabeça.

— Que tal você me contar uma de suas lembranças favoritas?

— Você realmente quer ir para lá?

— Com certeza.

— Cove...

— É meu aniversário. Você tem que fazer o que eu quero. Essas são as regras. Não fui eu que as inventei.

— Que conveniente para você.

Deitei de lado com o braço apoiando a cabeça, esperando ansiosamente pela resposta dele.

— Se eu te contar, isso não vai acabar bem para nós.

— Tente.

— Você está muito mandona hoje.

— Você está me contagiando.

— Cove, não é...

— Não! Sem desculpas. Apenas me diga. — Eu fiz beicinho. — Por favor.

Ele suspirou, cedendo.

— Era a noite do seu baile de formatura.

Minha boca se abriu, nunca esperando que ele dissesse isso.

— Você estava descendo as escadas com um vestido amarelo claro.

Acho que parei de respirar.

— Você prendeu o cabelo na lateral do rosto e usou mais maquiagem do que eu já tinha visto. Lembro de pensar que não parecia você. Você parecia tão crescida, tão linda. Eu estava tão acostumado a ver você como a melhor amiga da minha irmã mais nova e, pela primeira vez, não te reconheci.

Meu coração acelerou e minha respiração ficou presa.

— Tentei não pensar muito nisso, mas então meu pai me pediu para tirar uma foto de vocês três, e só me lembro de olhar pelas lentes e hesitar por um segundo. Eu não conseguia tirar os olhos de você.

— Eu lembro disso. Você parecia irritado antes de entregar a câmera para Reid. Apenas achei que você estava taciturno como sempre. — Precisando que ele fosse direto ao ponto, questionei: — Por que essa é uma de suas lembranças favoritas?

Meu estômago embrulhou quando ele declarou:

— Foi a primeira vez que parei de ver você como a melhor amiga de Haven e te vi como uma mulher.

Arfei levemente, tentando manter minhas emoções sob controle.

— É por isso que entreguei a câmera para Reid. Eu não conseguia me esconder disso, o que é meio irônico, considerando que parece que tenho me escondido de todo mundo nos últimos vinte anos. Ninguém sabe quem eu sou, Cove. Ninguém sabe as coisas que fiz ou do que sou capaz.

— Isso não é verdade — afirmei. — Eu conheço você.

— Você não sabe tudo sobre mim.

— Então me diga. Do que você está se escondendo?

Ele desviou o olhar, quebrando nossa conexão.

— Vamos aproveitar seu aniversário.

Eu relutantemente deixei passar porque ele agarrou minha mão e me levou até a rede. Em um movimento rápido, ele me deitou em seu peito para brincar com meu cabelo e costas.

Era perfeito.

Ele era perfeito.

Ficamos lá por um tempo. Nenhuma palavra foi necessária. Cerca de uma hora depois, ele declarou:

— Tenho uma última surpresa para você.

— Posso ter uma dica? — Quando senti sua respiração em meu pescoço, senti meu corpo todo formigar.

Em uma respiração rápida, ele disse asperamente:

— Vou deixar você molhada.

Minha respiração engatou e minhas coxas apertaram. Claro, ele percebeu. Ele sorriu contra minha pele com meu coração batendo de repente a mil por hora na antecipação do que viria dele.

Especialmente depois do que pedi naquele dia.

Ele iria me dar o que eu queria?

Ele me puxou da rede e nos levou até um cais onde havia um jet ski.

— Você não fez isso!?

Ele sorriu maliciosamente, e essa estava se tornando minha expressão favorita dele. Este homem era frustrante e encantador ao mesmo tempo.

— Você quer dar uma volta?

Assenti com a cabeça fervorosamente enquanto a animação tomava conta de todo o meu corpo. Este não era o “molhada” que eu queria, mas era um começo.



JACE

Eu estava fazendo isso por ela, mas também por mim mesmo. Pela primeira vez desde Hope, me senti feliz. Dadas as nossas circunstâncias, não fazia sentido, mas eu estava começando a entender que talvez precisássemos um do outro mais do que eu gostaria de admitir. A expressão no rosto de Cove valeu tudo o que fiz por ela naquele dia.

O mais louco disso tudo era que eu daria a ela de bom grado tudo o que quisesse para ver aquela expressão pelo resto da minha vida.

O que estava acontecendo comigo?

Com ela?

Com nós dois?

Afastei as emoções, concentrando-me em dirigir o jet ski. Dirigimos por horas, rindo.

Sorrindo.

Vivendo verdadeiramente o momento.

Quando estávamos perto da ponte, subi na areia.

— Eu quero dirigir.

Antes que eu pudesse dizer não, ela montou no meu colo.

— Achei que você queria dirigir.

— Eu quero.

De forma atrevida, ela começou a balançar sua boceta contra meu pau, e eu não vacilei. Agarrando sua nuca, eu a beijei enquanto ela continuava a me foder no jet ski.

Nunca, em um milhão de anos, esperei o que aconteceu a seguir.

Ela me empurrou para trás, pulando rapidamente do meu colo e correndo para baixo da ponte, rindo.

— O que você está fazendo?

— Conseguindo o que eu quero como você deveria fazer.

Antes que eu pudesse pensar no que ela queria dizer, Cove se virou de costas para mim e começou a desamarrar a blusa.

De uma forma agradável e lenta.

No começo, pensei que ela estava brincando comigo. Mostrando prontamente o quão errado eu estava. Pouco a pouco, caí no chão enquanto ela revelava mais de sua pele nua e macia. Devorei cada centímetro de sua pele enquanto ela se expunha para mim. Dar-lhe o controle foi meu primeiro erro.

Tentei não ficar boquiaberto, mas porra... não pude evitar.

Pela parte de trás de suas coxas, eu a absorvi enquanto ela deixava cair a blusa na água arenosa sob a ponte. Sua cintura estreita e fina era igualmente excitante, me deixando sem palavras. Fiquei

consumido pelo fato de ter sido o primeiro homem a vê-la dessa maneira.

Apenas me fazendo desejá-la muito mais.

Ela sacudiu o longo cabelo loiro, que caiu em cascata pelas costas. Lambi meus lábios quando minha boca de repente ficou seca. No minuto em que ela segurou seus seios, eu sabia que estava acabado. Não haveria como voltar atrás.

Dela.

De nós.

Seus tentadores olhos azuis brilhantes olharam para mim por cima do ombro, e eu não consegui pensar. Cove estava deslumbrante, com o cabelo solto em volta do rosto lindo. Embora tenham sido os olhos dela que mais chamaram minha atenção. Eu tinha visto Cove em todas as formas.

Uma garota.

Uma mulher.

Agora lá estava ela, provando que conseguiria o que exigia. Eu não tinha ideia de como as coisas pioraram tão rapidamente. Seu comportamento assumiu uma personalidade totalmente diferente, mostrando um lado dela que eu não sabia que existia.

Seus olhos vidrados com um fascínio inebriante. Parecendo viva e vibrante, prosperando em minha direção. Minha cabeça girava pensando onde ela iria chegar com isso, mas por mais que isso me pegasse desprevenido, isso me excitou pra caralho.

Com um olhar aquecido, observei suas mãos deslizarem pela cintura em câmera lenta para desamarrar a parte de baixo do biquíni. Nem uma vez seu olhar deixou o meu, adorando a reação que ela propositalmente provocava dentro de mim.

Na minha mente até a porra do meu pau.

CAPÍTULO 26

COVE

Agarrei o cordão da minha parte de baixo, afrouxando uma antes do outro. Seus olhos se arregalaram, percebendo o que eu estava prestes a fazer.

— Coelhinha — ele disse em um tom que me deixou louca, alimentando meu desejo de mostrar a ele que havia mais em mim do que aparentava ou o pedestal em que ele estava inflexível em me manter.

Esta era a oportunidade perfeita para mostrar a ele do que eu era capaz. Sem pensar duas vezes sobre isso, eu a joguei provocativamente em sua direção. Estávamos sozinhos, sem ninguém à vista, como se esse momento fosse para ser aqui.

Eu nunca fui a garota que queria que sua primeira vez fosse gentil e certinha na cama. Talvez essa fosse outra razão pela qual nunca pareceu certo com Deacon ou seja lá qual fosse o nome dele.

Sempre soube que queria que minha primeira vez fosse selvagem.

Aventureira.

Completamente espontânea.

E Jace era o homem que poderia me dar todos os três.

Inclinei a cabeça para o lado, lançando-lhe um olhar provocador. Sua respiração ficou presa, me dando o que eu desejava.

Seu desejo.

Sua necessidade.

E seu pau.

Só para mim.

Com um olhar faminto e ganancioso, ele me envolveu com um único olhar. Um olhar me levou à beira da insanidade quando direcionei suas mãos sobre mim.

— Coelhinha... — ele avisou em tom trêmulo. — Você não sabe o que está fazendo.

— Sei exatamente o que estou fazendo. Eu te disse o que queria de aniversário. É você, Jace. Sempre foi você.

Em três passos, ele estava na minha frente e agarrou minhas pernas para envolver sua cintura. Num piscar de olhos, minhas costas estavam apoiadas em um dos postes da ponte.

Eu estava ofegante.

Ele estava ofegante.

Estávamos perdidos um no outro.

Fechamos os olhos, percebendo de repente a posição comprometedoras em que rapidamente nos encontramos.

Meus mamilos estavam encostados em seu peito. Meus braços estavam em volta do pescoço dele.

Minha boceta molhada estava contra seu pau duro, me fazendo suspirar.

— É isso que você quer, Cove?

— Sim...

Ele tocou seus lábios nos meus. Nossas bocas se moviam uma contra a outra, tomando o que o outro desejava num frenesi de paixão e desejo.

— Porra... — ele exclamou contra minha boca. — Isso não está certo. Eu não deveria estar fazendo isso. Você não pertence a mim.

— Apenas fique comigo, Jace. Vou implorar se for preciso. Eu sei o quanto você adora me ter à sua mercê.

Ele riu, deslizando a língua pelos meus lábios.

A força.

A atração.

Era inevitável.

Não havia mais razão para negar isso.

O barulho da água tornando tudo muito mais intenso entre nós. Saboreei seu gosto e a sensação dele entre minhas pernas.

Nossos peitos se roçavam.

Nossas emoções estavam fora de controle, mas de alguma forma, elas ainda estavam em sincronia.

Seus olhos escuros e assustadores lançavam um olhar apaixonado e enlouquecido. O homem na minha frente não era o Jace que eu conhecia. Este homem havia perdido todo seu controle para mim, e eu não poderia estar mais emocionada por ter vencido esta batalha.

Ele se rendeu.

Sua bandeira branca estava hasteada.

E eu sabia o quão difícil isso deve ter sido para ele.

— Você é tão doce. — Ele encostou a testa na minha. — Eu não mereço isso. Eu não mereço você.

— Talvez esse seja o nosso objetivo. — Eu o beijei. — Estamos aqui para curar as pessoas quebradas dentro de nós.

Seus olhos se arregalaram, absorvendo o que eu estava expressando de todo o coração. Eu não tinha para onde ir.

Eu mal conseguia me mover.

Meu corpo estava em chamas.

Não havia um centímetro de mim que não pulsasse por ele, que não doesse por ele, que não o quisesse ou precisasse dele.

Eu ansiava por seu toque. Suas palavras.

Seu amor mais agora do que nunca.

Me beijando profundamente, ele gemeu:

— Eu quero você mais do que jamais quis qualquer coisa neste mundo.

Eu sorri quando ele mais uma vez tomou posse da minha boca. Naquele momento, naquele segundo, o tempo parou para nós. Não faltavam dois dias desta semana. Sem inimigos. Sem família. Sem passado.

Éramos só nós.

— Você me quer, coelhinha?

Assenti ansiosamente, meu sexo se contraindo. Nervosa e animada ao mesmo tempo.

— Aqui? Assim?

— Sim.

Ele fez um barulho do fundo da garganta, adicionando combustível às chamas que queimavam dentro de mim.

Em segundos, meu corpo reagiu. Comecei a rebolar meus quadris em seu pau, o que me rendeu mais um rosnado e só aumentou meu desejo por ele. Mais e mais alto, até que finalmente ele perdeu todo o controle.

Me dando tudo o que eu queria.

Tudo estava prestes a mudar entre nós novamente, e eu não poderia estar mais preparada para isso.

Ele era meu.

Eu era dele.

Fim da história.



JACE

— Ainda posso sentir o gosto da sua doce boceta na minha boca.

Em um movimento rápido, coloquei os pés dela na areia aquosa e caí de joelhos. Agarrando suas coxas, empurrei sua boceta em direção à minha boca.

Cove ofegou uma respiração inebriante.

Demorei um pouco, saboreando a sensação de suas coxas sedosas contra meus lábios e rosto com a barba por fazer. Centímetro por centímetro, fiz ela ofegar acima de mim enquanto caminhava em direção à sua boceta, deixando-a frenética.

Beijando.

Lambendo.

Mordendo.

Inalei seu cheiro viciante de excitação misturado com o cheiro doce de sua boceta. Finalmente, terminei a porra da minha tortura para nós dois e beijei seu clitóris, lutando contra a vontade de chupá-lo com minha boca e enterrar meu rosto entre suas pernas.

— Implore, coelhinha — rosnei. — Implore-me para fazer você gozar. Continuei atacando todos os pontos sensíveis, exceto onde nós dois queríamos mais minha língua.

— Por favor, Jace... por favor, me faça gozar...

Enfiei a minha língua na abertura da sua boceta.

— Jace... — ela ronronou, colocando a mão no meu cabelo.

Deslizei minha língua até seu clitóris e chupei-o em minha boca faminta, dando-lhe uma lambida suave antes de olhar para ela novamente com um olhar voraz.

— Você quer que eu te foda com a minha língua?

— Sim...

E eu fiz exatamente isso.

Seus olhos se fecharam e sua cabeça caiu para trás, movendo seus quadris em um movimento de vaivém contra meus lábios e língua. Devorei sua boceta por dentro e por fora. Sua mão agarrou meu cabelo com força novamente, quase como se ela estivesse tentando arrancá-lo. Fazendo meu pau latejar com tanta força contra meu calção de banho. Lambendo seus sucos, aumentei sua umidade com cada volta da minha língua.

Deixando-a bem e pronta para receber meu pau.

— Ah, Deus...

Ela gozou com tanta força, que escorreu pelo meu queixo. Eu não parei. Eu era um homem louco. Eu a fiz gozar na minha boca até que ela gritou meu nome, implorando por misericórdia.

Uma e outra vez.

Quando suas pernas cederam devido à minha busca incessante por seu gozo, levantei-me e levei-a comigo para mais uma vez envolver suas pernas em volta da minha cintura. Apoiando-a contra um dos postes, abaixei meu short, beijando-a longa e profundamente enquanto segurava meu pau. A água espirrou em nossos pés.

De repente, a claridade me atingiu forte e rápido.

Ela deve ter notado porque revelou:

— Eu tomo anticoncepcional.

Soltando um suspiro de alívio por ela tomar contraceptivos, falei com convicção.

— Eu vou arruinar você.

— Promete?

Eu a prendi com meus braços em volta de seu rosto, agarrando sua nuca, não querendo perder nossa conexão.

— Não feche os olhos. Quero que você olhe para mim enquanto eu te fodo pela primeira vez.

Cove gemeu em resposta.

Eu não queria machucá-la. Eu deveria ter tocado ela primeiro para acostumá-la com a sensação de algo dentro dela, mas eu era um idiota egoísta. Queria senti-la pela primeira vez no meu pau.

— Eu não sei ser gentil, Cove.

— Eu não quero gentileza. Eu só quero você da maneira que você quiser me ter. Tome posse de mim. Deixe sua marca em mim. Me faça lembrar deste momento pelo resto da minha vida, Jace. Fique comigo como quiser.

Não precisei ouvir duas vezes. Com um impulso forte e exigente, eu estava profundamente dentro dela.

Ela arfou em algum lugar entre a dor e o êxtase.

Ela estava quente.

Molhada.

Apertada pra caralho.

— Jesus Cristo, coelhinha, vou quebrar você.

Acendendo meu fogo, ela repetiu:

— Promete?

— Juro.

Seu olhar continha tantas emoções que eu não conseguia descrever. Seus braços me seguraram com mais força quando comecei a empurrar para dentro e para fora dela. Ela me fez sentir inteiro e

completo pela primeira vez na minha vida. Eu não poderia estar mais errado sobre Hope.

Era Cove.

Ela era minha.

Mas eu era dela?

A expressão em seu rosto foi minha ruína. Abaixei-me e comecei a esfregar o seu clitóris excessivamente sensível com os meus dedos, e a sua boceta apertou-se à volta do meu pau. Percebi que ela estava começando a gostar do que eu estava fazendo.

Fiz amor com ela da única maneira que sabia, nunca sentindo isso com ninguém antes. Senti cada centímetro dela enrolado em mim enquanto nossos corpos se enroscavam contra o poste.

Eu apreciei cada som. Cada toque.

Cada sensação que ela despertou em meu coração e no que restou de minha alma.

Eu a beijei, saboreando nosso contato pele com pele. Ela era tudo que eu sempre quis e não sabia que poderia ter.

— Porra — eu gemi, girando meus quadris.

Eu me perdi dentro dela pelo que pareceram horas, sabendo que isso não seria suficiente. Ela estava latejando, desmoronando.

Nós dois estávamos prestes a gozar e eu queria fazer isso juntos.

Meus dedos esfregaram mais rápido e com mais força, manipulando seu clitóris.

— Sim, coelhinha... assim mesmo... goze para mim... dê tudo para mim.

Ela fez exatamente isso, escorrendo pelas minhas bolas.

Mais duas estocadas e eu estava gozando com ela. Rosnando de dentro do meu peito, eu enfiei meu gozo dentro dela.

Sabendo imediatamente que eu estava me apaixonando por ela...

... e o que eu tinha que fazer a seguir.

CAPÍTULO 27

COVE

Acordei na manhã seguinte com Jace ordenando:

— Você precisa se vestir.

Ele já estava parado na porta do quarto, vestindo suas roupas.

— Bom dia para você também — eu cumprimentei, imediatamente pegando seu tom. Em um piscar de olhos, ele voltou ao homem frio e calejado. Era como se o que aconteceu entre nós ontem fosse uma ilusão. Por um segundo, pensei ter imaginado a noite passada, mas a dor no meu sexo e no meu corpo provava o contrário.

— Vamos para algum lugar? — perguntei em um estado de espírito cheio de ansiedade.

— Sim — ele respondeu.

Nossos olhos nunca se desviavam um do outro, cativados pelo olhar um do outro.

— Está tudo bem?

— Nunca está nada bem.

— Nós vamos...

— Eu sou um assassino, Cove. Quanto mais cedo você perceber isso. Mais fácil será tudo entre nós.

— Você quer dizer que será mais fácil para você?

— Coelhinha, eu sei quem eu sou. É você quem não sabe.

Pensando nisso por um segundo, eu disse asperamente:

— Por favor, não seja assim. — Eu estava à beira das lágrimas.

— Cove — ele falou severamente. — Vista-se. Estarei esperando por você lá embaixo.

Ele se virou para sair, mas parou quando eu declarei:

— Você é melhor que isso, Jace.

Ele ficou congelado onde estava, sem se preocupar em se virar.

O que só me deu mais munição para continuar.

— E se eu dissesse que estou apaixonada por você? Você ainda continuaria tentando me afastar?

Eu não sabia o que esperar dele, mas ainda doía muito quando ele não dizia nenhuma palavra.

Nenhuma resposta.

Nenhuma emoção.

Nada.

Tudo o que ele fez foi se afastar de mim com meu coração aberto por ele.

Fiquei ali, racionalizando a mudança abrupta em seu comportamento.

O homem que estava comigo ontem já havia partido há muito tempo e em seu lugar estava o assassino contratado que eu bem conhecia.

Tentei descobrir para onde ele estava me levando e o que aconteceria a seguir antes de pular da cama. Não pude deixar de lembrar que dormi em seus braços ontem à noite e agora ele estava fingindo que nada do que aconteceu ontem importava mais.

Depois que tomei banho e escovei os dentes, me senti muito mais à vontade. No entanto, eu sabia que o que quer que acontecesse a seguir não seria fácil de forma alguma. Apesar de dormir em seus braços, isso não mudou seu comportamento. Ele era novamente o soldado, escondido atrás do uniforme.

Vesti short jeans, regata e sandálias, deixei meu cabelo solto, passei rímel, blush e brilho labial. Eu sabia que demorei mais do que ele provavelmente esperava, mas ele não disse nada quando entrei em sua sala, pronta para sair.

Ele nos conduziu em um silêncio constrangedor enquanto eu desejava que ele colocasse a mão na minha coxa como fez no dia anterior. Ansiava que ele me confortasse com um toque, um gesto,

desejando que o que aconteceu na noite passada tivesse mudado o resultado desta manhã.

De uma coisa eu tinha certeza: sabia que ele não me machucaria, pelo menos não fisicamente. Agora, emocional e mentalmente, a história era muito diferente. Ele apenas olhou pelo para-brisa, esfregando os dedos nos lábios, perdido em seus próprios pensamentos, em seus próprios demônios. Em seu próprio mundo como eu nunca tinha visto antes.

A viagem de carro poderia ter durado um minuto, uma hora ou alguns dias. O tempo parecia ter parado novamente, mas não como ontem. Parecia que cada segundo que passava entre nós era outro momento para ele. Parecia que eu era o inferno em que ele vivia constantemente.

Sem pensar, estendi a mão e coloquei minha mão na dele, entrelaçando nossos dedos antes de lhe dar um aperto tranquilizador. Seus olhos rapidamente se voltaram para meu gesto gentil, como se estivesse esperando por algo que eu não entendia. Sua mão permaneceu relaxada e ele não retribuiu meu sentimento. Depois de alguns segundos, ele olhou para cima, sem dar mais atenção ao meu afeto.

Muitos pensamentos atormentadores o consumiam, o que me assustava de uma forma que ainda não havia acontecido. O que quer que estivesse prestes a acontecer iria doer muito e não havia como negar as emoções que estavam causando estragos ao nosso redor.

Dirigimos até o que parecia ser um parque cercado por belas árvores e vegetação. Meu coração acelerou quando nos aproximamos do nosso destino final. Árvore após árvore chicoteada pelas janelas pretas, causando sombras em nosso caminho enquanto elas começavam a se desfocar no fundo e desaparecer na distância.

Jace não afatou minha mão, mas também não deu muita atenção. Meu coração batia forte no peito e eu juro que ele podia ouvir, sentir. Assim que estacionou o carro, ele abriu a porta e saiu. Fiquei sentada por mais um momento, tentando me orientar para o que ainda estava

por vir. Ele sabia que eu tinha perguntas atacando minha mente rapidamente, mas não tentou me confortar nem um pouco.

Ontem me provou uma coisa, e apenas uma coisa. Eu era sua fraqueza e ainda não sabia se isso era bom ou ruim. Decidi que precisava colocar minha fantasia de menina crescida e ignorar a dor em meu peito tentando me dominar. Inspirando profundamente, saí do banco do passageiro, imediatamente olhando para ele. Procurei em seus olhos as respostas que procurava desesperadamente, mas ele não me mostrou nada do homem que foi tão atencioso, amoroso e atento no dia anterior.

Era óbvio que ele não queria me proporcionar qualquer tranquilidade ou segurança. Não era disso que se tratava, era exatamente o oposto, e eu entendi que instantaneamente, com seu olhar ameaçador e postura dura pra caralho, ele estava me puxando.

— Vamos — ordenou, abrindo caminho para o interior do jardim. Ele caminhava como um homem em missão.

Como um homem no corredor da morte.

Quase como se ele estivesse caminhando pelo vale da sombra da morte, e eu estivesse simplesmente acompanhando o passeio, passando pela vida. Uma vida que eu ainda queria com ele. O resultado de hoje não mudaria meu amor por ele.

Ele caminhou até que não houvesse mais passos a dar.

Até que a dúvida e o medo estavam vivos e presentes, ao nosso lado.

— Jace, o que está acontecendo? — perguntei, incapaz de conter minha preocupação. — Porque estamos aqui?

Ele não vacilou, acabando com a fantasia que eu havia criado na minha cabeça.

— O nome dela era Hope.

Estreitei os olhos, ouvindo atentamente o que ele estava prestes a compartilhar, com o coração na garganta.

— Ela era noiva do meu melhor amigo. — Ele fez uma pausa para deixar suas palavras serem absorvidas. — Antes de eu matá-lo.

Eu recuei.

— O quê?

— Você me ouviu.

Estremeci, respirando fundo.

— Esta é a minha vida, Cove. Pessoas morrem ao meu redor, algumas delas pelas minhas próprias mãos, enquanto outras pela minha arma e rifle. Minhas mãos estão cobertas de sangue. Estou surpreso que você não consiga ver, mas sei que pode sentir.

Dei um passo em direção a ele, mas ele recuou.

— Eu sei que o que você faz é perigoso, mas também sei que há uma razão para isso, então me conte o que aconteceu. Eu quero a história toda.

Ele compartilhou abertamente:

— Ele salvou minha vida no cumprimento do dever e, antes que eu pudesse agradecê-lo, eu o matei. Que tal isso para uma história?

— Jace...

— Eu a trouxe aqui. Para o local exato em que você está agora.

— Por quê?

— Ela foi a única que entendeu o que era perdê-lo. Ela também foi a única que entendeu o que era me perder no processo.

— Isso significa que vocês estavam juntos?

— Não de uma forma íntima, mas isso não importava para mim.

— Então de que maneira vocês se relacionavam?

— Começou como cartas e se transformou em algo totalmente diferente. Contei a ela coisas que nunca contei a ninguém. Ela era fácil de conversar, e eu nunca tive isso antes. Perdi minha mãe um ano antes e nunca chorei por ela. Eu não lamentei sua morte. Em vez disso, me perdi em minha carreira até que um dia ela me escreveu e começamos nosso relacionamento.

— Então, o que aconteceu?

— Eu cuidava e mandava dinheiro para ela. Até consegui um apartamento para ela e seu filho ainda não nascido.

Eu respirei levemente.

— Ela estava grávida?

— Sim. Ele estava tão animado para ser pai. Ele falava sobre Hope o tempo todo. Ele estava quase se aposentando, Cove. Já estava quase

na hora de ele viver uma vida normal com a família que sempre quis.
Engoli em seco.

— Sinto muito, Jace.

— Ele me implorou para matá-lo, implorou para que eu tirasse sua vida. Ele queria morrer com honra e era a única coisa que eu poderia fazer por ele no momento. Prometi cuidar de Hope e de seu filho, e assim o fiz. Eu segui em frente e, no processo, pensei ter me apaixonado por ela.

Eu estremei. Essa foi a parte mais difícil de ouvir.

— Mas não era amor. Era apenas uma ligação traumática. É exatamente a mesma razão pela qual você sente que está apaixonada por mim.

— Não! — gritei com mais força do que pretendia. — Isso não é justo. Meus sentimentos não são como os seus. Esta não é a mesma situação.

— Eu não te amo, Cove! Está me ouvindo? Você não é nada além da melhor amiga da minha irmã mais nova! Você não significa nada para mim! Está me entendendo? Você pode me ouvir pelo menos uma vez?

— Pare com isso! Não faça isso!

— Fazer, o quê? Te contar a verdade? — Ele sorriu maliciosamente. — Mas vou te dizer uma coisa: sua boceta virgem e apertada foi legal de foder.

Dei um tapa no rosto dele o mais forte que pude. Minha mão doeu, mas não chegou nem perto do que meu coração sentiu com sua declaração brutalmente cruel.

Eu não me contive.

Fui pra cima dele.

Empurrando.

Batendo.

Esmurrando meus punhos em seu peito.

Não me importei com a dor latejante que atravessava minhas mãos e rasgava meu corpo ao mesmo tempo. Minha mente me incentivava a continuar. No entanto, meu coração me implorava para parar.

— Você não sente isso de verdade! Eu sei que você não sente!

Ele não tentou lutar comigo. Jace me deixou atacá-lo sem bloquear nenhum dos meus avanços. Quase como se soubesse que merecia por tentar me machucar de propósito, me arruinando e me quebrando como prometeu.

— Por que você é assim?! Por que você não pode simplesmente me deixar entrar?!

Ele agarrou meus pulsos, me segurando na sua frente e eu não parei. Eu não consegui.

— Você quer que eu te odeie? — disparei, com minhas emoções levando vantagem sobre mim. — Bem, então aqui! Eu vou dizer isso! Eu te odeio, Jace Beckham! Eu te odeio tanto! Eu odeio o jeito que você me faz sentir! Eu odeio o jeito que não consigo parar de pensar em você! — Lágrimas encheram meus olhos. — Eu odeio que você tenha quebrado meu coração de oito anos de idade! Fiz aquele bolo com minha babá, seu idiota! Sabia que era o seu favorito! E tudo que você fez foi me tratar como uma merda! Exatamente como você está fazendo agora!

As lágrimas escorreram pelos lados do meu rosto; também não havia como controlá-las.

— Eu te dei meu coelhinho! Era meu bichinho de pelúcia favorito e eu dei para você! Só para você jogar fora como se não significasse nada quando significava tudo para mim!

Eu me debatia, tentando me libertar do domínio que ele tinha sobre mim. Eu não conseguia respirar, me afogando ainda mais em meu desespero. Era uma das minhas piores lembranças, e eu estava revivendo tudo de novo por causa dele e de seu egoísmo.

Me inclinei em direção a ele, a centímetros de seus lábios, para ouvir:

— Você quer saber por que não posso deixar você entrar? Eu vou te contar! A última mulher que deixei entrar na minha vida estava onde você está agora... feliz, esperançosa, tão cheia de vida!

Suas palavras me sufocaram, me estrangulando com mais força, mais rápido, a tal ponto que parecia que eu não sobreviveria. Achei que sabia tudo sobre ele, mas não poderia estar mais errada.

Naquele exato momento, ele revelou:

— Ela foi baleada por um dos meus inimigos! Você me entende agora? Está ouvindo? Foi a porra de um atirador de elite que venho procurando desde então! Era isso que você queria ouvir? Ela morreu exatamente onde você está. Você consegue senti-la? Porque eu com certeza consigo!

Eu me lembraria dessa fração de segundo pelo resto da minha vida. De todas as vezes que quis que ele me contasse a verdade, nunca esperei que isso também acabasse comigo.

— Ela morreu na porra dos meus braços, Cove!

Arfei, tropeçando para trás assim que a última palavra saiu de sua boca. Só que não foi pelo que ele finalmente me confessou depois de todo esse tempo.

Não.

Eu tropecei por causa da bala...

... que me atingiu no peito.

CAPÍTULO 28

JACE

— NÃOOOO! — Ouvi o desespero em minha voz, revivendo meu pior pesadelo novamente.

Observei uma bala se alojar no peito de Cove, o que só poderia ser a marca de um atirador habilidoso em algum lugar escondido mais uma vez.

Ela cambaleou para trás antes de cair em meus braços, tossindo sangue.

— Não! Não! Não! Não! Não!

Eu não conseguia respirar.

Eu não conseguia respirar, porra.

Cove não estava sorrindo.

Ela não estava rindo.

Ela estava sangrando profusamente.

Minha visão se afundou. Todo o sangue foi drenado do meu rosto enquanto o dela encharcava minha pele, meu coração e o que restava da porra da minha alma.

Nossos olhos se encontraram enquanto eu me despedaçava de culpa, de dor, sem nada além de ódio pelo homem que me tornei.

— Alguém me ajude! — gritei alto o suficiente para quebrar vidros. — Alguém, por favor, me ajude! Cove, Cove, Cove... fique comigo, coelhinha. Fique comigo, porra...

Respirei fundo, tirando meu celular do bolso para ligar para a emergência.

Um homem começou a correr em nossa direção, já ao telefone, gritando com eles sobre nossa localização e como ela estava sangrando e morrendo em meus braços.

— Você está bem, coelhinha... está tudo bem...

O sangue dela se derramava pelos meus dedos, encharcando minhas mãos, meu corpo, todo o meu ser. Não importava quanta pressão eu aplicasse, não conseguia fazer parar.

Tanto sangue...

Meus olhos procuraram freneticamente por algo para aplicar mais pressão no buraco do tiro. Minhas mãos não eram suficientes para controlar o sangramento que escorria dela.

O estranho que estava nos ajudando de repente estava acima de mim.

— Aqui, cara!! — Ele tirou a camisa, oferecendo-a para mim.

Sem hesitar, agarrei-a e apliquei o máximo de pressão que pude próximo ao coração dela. Lutei para manter minha calma, mas minha sanidade, meu coração, cada parte de mim se despedaçava ao nosso redor, misturando-se com o sangue de Cove.

Ela estava tossindo.

Engasgando.

Seu corpo se contraía incontrolavelmente a cada respiração forçada que escapava de seus lábios.

— Cove... fique comigo... só fique comigo... ouça minha voz... fique com minha voz... ok? — eu insistia com lábios trêmulos e olhos e postura instáveis.

Meu corpo tremia tanto quanto o dela.

— Tudo bem. Você vai ficar bem, coelhinha. Está me ouvindo? Você vai ficar bem. A ambulância está chegando. Você precisa ficar comigo. Por favor, fique comigo. — Respirei desesperado. — Basta olhar para mim, Cove. Estou bem aqui. Estou aqui com você e não vou a lugar nenhum. Por favor... por favor, não faça isso comigo... estou te implorando... — Seus olhos trêmulos de repente prenderam

meu olhar. Cove me mostrou o quanto ela de fato me amava. Pela primeira vez no que pareceu uma eternidade, lágrimas caíram dos meus olhos e eu orei...

— Por favor, Deus... por favor, não faça isso comigo... por favor... — eu tremi, fraquejando, minha voz embargada.

— Jace... eu... vou... morrer?

— Shhh... economize seu fôlego. — Incapaz de conter o medo em minha voz, ordenei: — Fica comigo! Está me ouvindo? Você me entendeu? Fica comigo, Cove!

Ela choramingou de dor enquanto eu segurava seu corpo pequeno, que parecia ainda menor naquele momento.

Eu a abracei mais apertado.

Com mais força.

Eu forneci o único conforto que pude.

Com minhas palavras.

Meu toque.

Todo o meu ser estava morrendo junto com ela.

— Você é durona, Cove. Você sempre foi uma mulher forte.

Ela sugou o ar que não estava disponível para ser respirado.

— Lute! Lute por mim! Por nós! Você é minha família, coelhinha.

Você sempre foi minha família.

Ela assentiu lentamente.

— Por favor... diga aaa eles que eu os amooo...

— Eu não vou dizer nada a ninguém! Você fará isso! Você vai ficar bem. Eu prometo. Por favor, lute por mim!

— Eles estão a um minuto de distância — o estranho informou.

Assenti com a cabeça, nunca tirando os olhos dela.

— Eu não posso perder você. Você está me ouvindo, Cove? Eu não posso perder você também!

Minhas lágrimas caíram em seu rosto.

Nossa dor se misturou como uma só, entrelaçadas pelo passado e pelo presente. O bom, o ruim.

Minha escuridão, sua luz.

Fechei os olhos, sufocando os soluços, mas abrindo-os com a mesma rapidez, não querendo perder um segundo com ela.

De nós.

— Eeu... amo... vocêê... G.I. Joeeee...

— Não! Não! Não! Não faça isso! Não diga adeus para mim! Isto não é um adeus! Assim não! Não me deixe! Não se atreva a me deixar! Não serei capaz de sobreviver desta vez! Eu não vou!

Soluços de cortar o coração escaparam da minha garganta, do tipo que eu não sabia que existiam, como se estivesse sangrando lágrimas. Eu a segurei mais perto do meu coração, esperando que ela ouvisse bater por ela.

— Você entende o que eu estou dizendo? Você me ouve?

Eu desabei, meu peito travando, hiperventilando de tanto chorar. Meus olhos ficaram turvos com lágrimas, mal me permitindo ver seu lindo rosto enquanto meus pulmões desabavam sobre mim. Eu estava sufocando nela.

Em tudo o que ela sempre significou para mim.

— Estou te implorando... não me deixe...

Meu peito pesava, subindo e descendo a cada respiração rígida, a cada batida do meu coração, a cada palavra que escapava dos meus lábios. Eu a abracei, tentando me apegar às nossas vidas juntos, às nossas memórias, ao futuro que eu queria com ela mais do que tudo. Eu tive que fechar os olhos.

Meu peito queimava muito.

Eu não sabia se conseguiria respirar novamente.

Seu corpo começou a convulsionar. Desta vez pior do que antes. O sangue gorgolejou de sua boca, afogando-se lentamente em sua angústia enquanto seus olhos tremulavam para permanecer abertos e manter seu foco em mim e em minha angústia.

— NÃOOOO! Olhe para mim, coelhinha! Olhe para mim, Cove! Não feche os olhos! Por favor, não feche os olhos! Você precisa ficar comigo. Por favor, Cove! Apenas fique comigo, porra!

Parecia que o fim dela estava próximo e outro dos meus piores pesadelos estava prestes a se tornar realidade. Seus olhos

começaram a revirar enquanto uma expressão aterrorizada marcava seu lindo rosto.

Eu temia por tudo naquele momento, mas principalmente, temia pela vida que talvez nunca teríamos juntos.

— Ah, Deus! Não! Por favor, Deus, não! Por favor! Não faça isso comigo! — Agarrei sua nuca e foquei em seu rosto. — Olhe para mim! Porra, olhe para mim, Cove!

Ela fez isso com olhos nebulosos e distantes.

Não hesitei em contar a verdade a ela. Todas as minhas verdades.

— Eu te amo, Cove! Eu te amo, porra! Sou seu! Você está me ouvindo? Você pode me sentir? Eu te amo com cada parte de mim. Por favor... por favor... não faça isso comigo... Lute por mim... lute por nós... lute pela minha família...

Seu corpo relaxou e seus olhos reviraram uma última vez.

— NÃOOOO! NÃO! NÃO! — gritei até minha garganta queimar e meu peito doer. Gritando ao ponto de uma dor imensa. — NÃO! NÃO! NÃO! POR FAVOR, DEUS, NÃO!

Antes que eu pudesse realizar os primeiros socorros, seu corpo foi levantado no ar e longe de mim.

— Senhor, você precisa se mover — um dos paramédicos exigiu. Eu nem os ouvi se aproximar. — Precisamos ajudá-la!

O resto prosseguiu em câmera lenta pelo que pareceu ser uma eternidade. Os paramédicos preencheram o espaço. Juro que pisquei e as pás do desfibrador estavam tentando trazer Cove de volta à vida.

— Um, dois, três, já.

Seu peito sacudiu.

— Um, dois, três, já.

Seu peito pulou novamente.

— Um, dois, três, já.

Eu estava lá, mas não estava.

Eu estava tendo uma experiência fora do corpo. Minha mente estava se protegendo das consequências das minhas escolhas. Fiquei ali

observando minha vida passar diante dos meus olhos até que eles disseram as únicas palavras que eu realmente temia ouvir.

— Vou anunciar — o paramédico disse.

Tudo ficou escuro ao meu redor porque Cove Noel...

... morreu às 11h35.

CAPÍTULO 29

JACE

— Foda-se essa merda!

Arranquei os eletrodos do desfibrilador das mãos do paramédico. Eu já tinha visto isso acontecer várias vezes, já que estive no exército e constantemente na zona de guerra.

— Senhor! O que você está fazendo? — o paramédico questionou.

Não hesitei por um segundo. Aumentando a voltagem do choque na máquina, coloquei os eletrodos do desfibrilador no peito de Cove e dei um choque antes de verificar seu pulso.

Nada.

— Senhor! Você não pode...

— O caralho que eu não posso! — Colocando minha boca na dela, comecei a reanimação cardiopulmonar já que tive treinamento para isso. Depois de duas respirações, comecei trinta compressões torácicas com as mãos no centro do peito dela.

Dez.

— Vamos, Cove!

— Senhor — o paramédico retrucou. — Por favor...

Quinze.

— Não faça isso comigo, Cove!

Vinte.

Alguém tentou me agarrar e, com um olhar em sua direção, eu disparei:

— Toque em mim de novo e eu mato você, porra.
Ele levantou os braços no ar em um gesto de rendição.

Vinte e cinco.

— Vamos, coelhinha. Haven precisa de você!

Trinta.

— Eu preciso de você, porra!

Peguei os eletrodos, chocando-a novamente. Com a bile subindo no fundo da minha garganta, verifiquei seu pulso ao mesmo tempo em que a máquina dizia:

— *Ritmo detectado.*

Enquanto eu anunciava simultaneamente:

— Ela tem pulso! — Respirando fundo, beijei todo o seu rosto. — Porra, coelhinha... nunca mais faça isso comigo.

Meu alívio indescritível foi imediato. Meu coração começou a bater forte contra meu peito enquanto outra sensação perturbadora revirava meu estômago. Algo neste ataque não parecia certo para mim. Isso não fazia sentido e não fui tolo o suficiente para pensar que não era um trabalho interno.

Meus olhos procuraram por algo no rosto de Cove, olhando-a de cima a baixo. Lutei essa batalha interna para não quebrar.

Para não desmoronar.

A agonia estava tomando conta de mim.

Me concentrei no alívio por ela ainda estar viva, recobrando minhas forças para me controlar e descobrir a verdade sobre quem estava por trás disso e por quê. Uma guerra se alastrou dentro de mim. No final disso, eu ainda teria Cove, e foi a única coisa que me ajudou a passar o resto do dia.

Nas horas seguintes, saímos direto do inferno. Após a cirurgia, eles a transferiram para a UTI. O médico queria mantê-la sedada até que se estabilizasse, o que só aconteceria dentro de um ou dois dias.

Quando dei por mim, eu estava sentado no quarto dela, recostado na cadeira com a cabeça apoiada na parede. Minhas pernas estavam abertas na minha frente e meus braços cruzados sobre o peito.

Maldita espera.

A cadeia de eventos nos últimos meses me trouxe a este lugar no tempo, e logo, o momento da verdade estaria batendo na minha porta, pronto para invadir, quer eu quisesse ou não.

Deixei a equipe cuidar do protocolo, respondendo às perguntas necessárias. Como ela era um alvo, eu tinha todos os seus prontuários médicos e agradeço a Deus por isso. Eles foram capazes de fazer qualquer protocolo que precisassem para que ela acordasse.

Eu não conseguia acreditar que os pais dela não tenham chegado imediatamente quando o hospital ligou para eles com a notícia. Minha mente estava impressionada com o quanto eles realmente não davam a mínima para Coven. Acho que eles estavam satisfeitos o suficiente com o fato de que eu estava lá para ajudá-la e que meu pai e Haven estavam chegando.

Minha mente quase enlouqueceu com pensamento após pensamento sobre quem poderia estar por trás disso e por que eles estavam me fazendo passar por isso duas vezes.

No mesmo local.

Com o mesmo ataque.

Exceto que com este, eles não tiraram duas vidas desta vez.

Eu quebrei minha cabeça sobre como isso foi sincronizado. Em quais peças do quebra-cabeça Cove preenchia.

Por que ela?

Por que Hope?

Minha vida inteira passou diante dos meus olhos como um maldito filme que eu não conseguia pausar ou parar. Parecia que eu estava sentado ali há dias, mas foram apenas algumas horas. Pensei no que aconteceu, repassando em minha mente como um disco riscado repetidamente.

Eu nunca seria capaz de esquecer o sangue dela em minhas mãos.

Suas palavras.

Sua dor.

Sua morte.

Saí da cadeira algumas vezes, andando de um lado para o outro no quarto. Tentei me livrar dos demônios que afligiam minha mente.

Corria com pensamentos contínuos, com culpa e com a vergonha de toda a merda que fiz as pessoas que mais amava passarem.

Quanto mais eu pensava nisso, menos fazia sentido para mim. Todas as memórias desapareceram quando ouvi passos vindo pelo corredor. Então, de repente, o homem que eu menos esperava entrou no quarto de Cove vindo do nada.

Eu recuei, observando-o.

— Ela é mais bonita pessoalmente. — Ele acenou com a cabeça para sua forma adormecida na cama do hospital.

— O que você está fazendo aqui, William?

— Vim ver a donzela em perigo.

Estreitei os olhos para ele, confuso com o rumo dos acontecimentos.

— Nós precisamos conversar. Vamos para a cobertura e deixar a Bela Adormecida descansar.

Quando estávamos sozinhos, perguntei:

— Que porra você está fazendo aqui?

— Que tom é esse?

— Você nunca apareceu em nenhuma das minhas missões, então vou perguntar novamente. Que porra você está fazendo aqui?

Ele deu uma risada.

— Eu só queria ver como estava meu melhor assassino. Isso é um crime?

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— Como você sabia que estávamos aqui?

— Eu tenho olhos em todos os lugares, Jace.

— Você nunca ficou de olho em mim.

— Cove é diferente de qualquer outro alvo que você já teve no passado.

— Você não sabe de nada, William.

— Eu sei que você ficou amolecido por ela.

— Mais uma vez, você não sabe de nada.

— Se você não fizesse isso, não teria salvado a vida dela. Especialmente porque seu tempo com ela está quase acabando e ainda não descobriu quem está atrás de você. Já se passaram quase

onze anos desde Hope. O tempo está passando. Você se lembra daquele dia, não é?

Com ele parado ali na minha frente, minha mente voou de volta para outro lugar e tempo, e eu não tinha controle sobre isso.



Estava chovendo enquanto eu estava diante do túmulo recém-enterrado de Hope. Seu funeral foi naquela tarde e eu não conseguia sair do lado dela. As memórias do enterro da minha mãe surgiram como se estivesse acontecendo novamente.

— Eu sinto muito, Hope. Não sei o que mais posso dizer para lhe garantir paz, mas rezo para que você esteja com Tony. Que vocês três estejam juntos novamente, e eu fui apenas o trampolim para levá-los até ele. Espero que vocês finalmente sejam uma família, aquela que vocês dois sempre quiseram.

Curvando-me, peguei um pouco de terra e derramei em seu túmulo.

— Eu sinto muito.

Eu nem o ouvi se aproximar quando uma voz desconhecida perguntou:

— Você quer vingança?

Olhei para cima, fixando os olhos em um homem que nunca tinha visto antes.

— Porque posso te dar isso e muito mais.

De uma só vez, respondi:

— Estou ouvindo.

— Estou na presença do melhor atirador do mundo. Sua reputação o precede.

— O que isso importa para você?

— Eu sei quem você é, Jace Beckham. Forças de Elite, Navy SEAL, número de identificação militar 417-85-0212 EF. É um prazer finalmente conhecer você.

Eu me concentrei nele.

— O que você quer?

— Você na minha equipe.

— Que diabos isso significa?

— Isso significa que posso abrir para você um mundo totalmente novo que ninguém precisa saber e, em troca, você pode conseguir o que realmente deseja e não pode dizer em voz alta.

— E o que seria?

Com uma palavra, ele me deu o futuro que eu ansiava desesperadamente.

— Vingança.

— Como?

— Você vem trabalhar para mim. Tenho contatos, informações, conexões com as quais você nem poderia sonhar.

— Trabalhar com o quê?

Ele sorriu.

— Como um assassino de aluguel.

Nada de bom poderia resultar disso, mas eu não me importei.

Eu estava quebrado.

Machucado.

Nocauteado.

Ele estava certo. Tudo que eu queria era vingança contra quem matou Hope e seu filho ainda não nascido. Eu não conseguiria descansar até encontrar o atirador dela. Eu precisava desesperadamente saber por que ela...

Por que eu?

Quem eu sacaneei?

Fiz tantos inimigos durante minha carreira que não conseguia imaginar quem iria querer que eu pagasse pelos pecados contínuos que cometi.

Minha vida se transformou em uma grande devastação.

A verdade é que, quem quer que fosse seu atirador, eles não me queriam morto.

Não.

Tudo o que eles queriam era...

... minha ira.

CAPÍTULO 30

JACE

Sempre havia aquele momento na vida em que você tinha um segundo de clareza. Quando tudo que você podia ver era a verdade escondida à vista de todos. Eu tentei encontrar o assassino de Hope nos últimos dez anos e acabei de mãos vazias.

Porque agora?

Por que hoje?

Por que Cove?

Foi só quando William prosseguiu:

— É irônico, você não acha?

— O quê?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Coelhinha e docinho serem baleadas no mesmo lugar.

BUM!

Minha vida se clareou em total transparência, me preparando para o que estava por vir desse encontro. Tentei manter a calma, mas mal conseguia ficar de pé.

Eu vi todos os seus segredos mais obscuros.

Toda a dor que ele infligiu.

Minha mão se fechou ao meu lado.

— Como você sabia o apelido de Tony para Hope, William?

Ele nem piscou.

Não houve movimento.

Nenhuma reação.

Nenhuma emoção.

Pela primeira vez, no que pareceu uma eternidade tentando descobrir a verdade, eu vi através dele.

— Jace... — ele avisou, plenamente consciente de que eu já havia sacado tudo. — Não deixe suas emoções tomarem conta de você. Eu treinei você melhor do que isso.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Eu te disse. Eu tenho olhos em todos os lugares. Você mais do que ninguém sabe disso.

— Besteira! Seu filho da puta! Você não teria como ter informações como essa! — Me movendo no piloto automático, caminhei em direção a ele. — Você tem um minuto para me dizer a verdade, ou vou atirar bem no meio dos seus olhos.

— Jace, você está sendo impulsivo, filho.

— Eu não sou a porra do seu filho.

— Eu. Fiz. Você.

— Quarenta segundos.

— Você não seria nada sem mim.

— Trinta e cinco.

— Eu te ensinei tudo que você sabe! Tudo! Olhe para esta vida que eu te dei!

— Vinte e cinco.

— Você não está pensando direito. Você está exausto e não está vendo a razão.

— Quinze.

— Chega de drama! Como você ousa me questionar? Quem diabos você pensa que é?

— Cinco. Quatro. Três. Dois. Um.

Antes de eu falar o último número, nós dois tínhamos nossas armas apontadas para a testa um do outro, mas eu era mais rápido e mais jovem. Meu punho colidiu com sua mandíbula em um movimento rápido, e sua cabeça foi para trás, levando metade de seu corpo com ele.

William tropeçou e eu usei seu próprio impulso contra ele. Rapidamente, tirei a arma de sua mão e apontei as duas para sua cabeça.

Com a mandíbula cerrada, eu disparei:

— Não brinque comigo, velho.

Ele engoliu em seco, me olhando de cima a baixo.

— Agora me diga a verdade. Por quê?

Apesar da apreensão em seus olhos, ele respondeu:

— Tony era meu irmão.

Eu recuei com o impacto de sua confissão.

— No começo, eu queria me vingar de você por deixá-lo morrer sob sua supervisão, mas depois... eu só queria você. Você é o melhor e não demorei muito para descobrir isso. Hope foi a única maneira de conseguir você, e Cove foi a única maneira de mantê-lo.

— Seu filho da puta!

— Foda-se, Jace! Você não seria nada sem mim!

— Por que você não estava no funeral dele?

— Nosso pai se casou novamente e me deixou para trás porque eu era muito mais velho que Tony. Além disso, eu sempre fui a ovelha negra. Tony era o soldado. Eu não estava lá, mas isso não significa que eu não o amasse!

Tentei desesperadamente acalmar minhas emoções, mantendo minha raiva sob controle.

Precisando saber, gritei:

— Hope até faz sentido, mas Cove não. Ela mal esteve na minha vida. Para começar, por que você iria atrás dela?

— Ela não era inicialmente meu alvo. Sua irmã era.

Minha visão ficou vermelha.

Vermelha. Pra. Caralho.

— Mas então ela ficou com o namorado e havia muitas camadas para cobrir, então esperei até que surgisse outra oportunidade para chamar sua atenção. Quando percebi que ela tinha uma melhor amiga e o quão próxima Cove era de sua família, mudei o plano. Eu

implantei Deacon em sua vida. Ele estava o tempo todo trabalhando para mim.

— O que ele sabia?

— Eu disse a ele que achava que você era um traidor e precisava de informações.

— Você armou para mim. Você me disse que Deacon era um dos meus inimigos que eu precisava eliminar!

— Era a única maneira de você pegar Cove. Eu tive que prepará-la para parecer uma missão e o próximo alvo para você. Foi a única maneira de trazê-la aqui com você.

— Meu Deus... como eu não vi isso?

— Você não queria, porra!

— Tudo isso porque eu queria sair?

— Você é o melhor, Jace, e farei qualquer coisa para mantê-lo nessa.

— Seu filho da puta!

Eu não vacilei. Agarrando a frente de seu paletó, bati suas costas contra a parede de concreto atrás dele. William bateu com força, ficando sem fôlego por um segundo. Jamais tirei meus olhos dos dele enquanto estava deitado sobre ele.

Ele merecia cada golpe em seu corpo. Cada soco em seu rosto.

Cada ferimento que eu queria desferir nele.

Nenhum dano poderia se comparar ao que ele me fez passar ou ao que perdi no processo de tentar me encontrar. Por causa dele. Esse merda fez da minha vida um inferno.

— Seu merda! — rosnei, socando-o no estômago e depois novamente nas costelas.

Outro golpe na lateral do rosto.

Um soco em sua mandíbula, fazendo-o sentir instantaneamente o gosto de sangue.

Joguei seu corpo pelo ambiente, deixando apenas destruição em meu caminho.

— Por que você não está revidando, hein?

Ele cambaleou e limpou o sangue do rosto com as costas do braço. Isso foi o suficiente para eu chegar até ele em dois passos, socando-

o no rosto novamente.

— Eu te odeio, porra! — Bati na lateral da sua barriga. — Você achou que eu não teria descoberto? Seus ataques foram muito pessoais e isso fez você se descuidar! Todo o seu treinamento... Todo o seu conhecimento... Todos os seus malditos contatos não podem salvá-lo de mim!

Dei mais alguns golpes em suas costelas. Ele se inclinou, com falta de ar. Eu o peguei de volta, batendo-o contra outra parede atrás dele. Eu segurei seu corpo relaxado, empurrando-o com mais força contra ele.

Ele riu.

— Você não pode me matar e sabe disso. Se você fizesse isso, faria mais inimigos para si mesmo. Sou intocável, Jace. É o que faz de mim a porra do seu chefe.

— Me escute porque só vou dizer isso uma vez, filho da puta. — Ele se empurrou contra a parede. — Você está ouvindo?

William assentiu fracamente.

— Eu estou fora.

Seu olhar arregalou.

— Você me ouviu? Estou fora. Esta é a última vez que verei seu rosto. Não me procure. Não pergunte sobre mim. Eu não existo mais para você ou qualquer pessoa como você.

— Você precisa de mim.

— Eu não preciso de merda nenhuma. Eu já consegui o que queria.

— E daí? Você vai desistir de tudo pela boceta de uma garota de dezenove anos?

Eu o golpeei com a arma, segurando-o novamente.

— Se você chegar perto de mim, dela ou da minha família, juro por Deus que vou matar você e qualquer pessoa que seja importante para você. Eu não me importo com quais guerras terei que entrar. Você sabe do que sou capaz. Faça alguma merda e descubra. Me entendeu? Estou sendo claro?

— Você vai voltar. Vocês sempre voltam.

Eu o soltei e ele caiu no chão.

— É aí que você se engana. Eu tenho tudo que sempre quis. Eu queria acabar com você, e a sua façanha de hoje provou isso. — Eu chutei ele no estômago. — Eu não preciso te matar para te machucar, William. Eu ir embora é o suficiente.

Com isso, me virei e saí.

Por mais que eu quisesse colocar uma bala na cabeça dele, a morte era boa demais para William. Em vez disso, saí confiante sabendo que esta parte da minha vida havia acabado e agora eu poderia me concentrar em um futuro que achava que não poderia ter.

Tudo por causa da minha...

... inimiga perfeita.

CAPÍTULO 31

JACE

— Jace! — Haven gritou na manhã seguinte, correndo pelo estacionamento até a entrada do hospital, onde eu esperava por ela e meu pai.

Não fiquei surpreso em ver Hayes com ela também.

Ela pulou em meus braços e eu a abracei forte.

— Cove já acordou?

Eu me afastei, balançando a cabeça.

— O que os médicos disseram?

— Em breve.

Abracei meu pai e apertei a mão de Hayes.

— Mas ela vai ficar bem, certo?

— Ela vai ficar bem.

— Ah, meu Deus, Jace. Como você a encontrou tão rapidamente?

— Vamos. Vamos para o quarto de Cove, para que vocês possam vê-la.

Assim que Haven a viu, ela começou a chorar. Apreciei que Hayes estivesse lá para ajudá-la. Eu não tinha condições de confortar mais ninguém agora. A equipe teve a gentileza de mudar Cove para um quarto maior e privado, com um sofá onde eu pudesse dormir, então passei a noite no hospital. Voltei para a casa para me lavar e trocar de roupa, mas não fiquei lá por muito tempo.

Eu precisava voltar para minha garota.

Depois que Haven teve um pequeno colapso, ela me perguntou novamente:

— Como você a encontrou?

Olhei para Hayes, que rapidamente entendeu.

— Vou para o refeitório e pegar um café para vocês. — Ele beijou a cabeça de Haven e saiu, fechando a porta atrás de si.

Meu pai insistiu:

— Você está me assustando, Jace. O que está acontecendo?

— Vocês dois precisam se sentar.

Eles fizeram isso nas cadeiras bem na minha frente.

— Não sei como dizer isso, então vou simplesmente dizer. Nos últimos dez anos, fiz muitas coisas das quais não me orgulho.

— Na Marinha? — Haven perguntou.

— Não.

— Não estou entendendo.

— Para resumir, perdi um amigo muito próximo, e foi logo depois que nossa mãe morreu. Eu estava perdido e uma coisa levou à outra, e alguns meses depois, perdi alguém que era muito importante para mim. Ambos morreram em meus braços.

Haven arfou.

— Ah, meu Deus. Por que você nunca disse nada?

— Não sei. Agora, olhando para isso de outra perspectiva, eu gostaria de ter falado com alguém.

Meu pai perguntou:

— No que você estava envolvido, Jace?

— Não importa. Não estou mais nisso e já queria sair há um tempo.

— O que Cove tem a ver com isso?

— Há muitas lacunas que não posso preencher para nenhum de vocês. Apenas saibam que Cove está segura agora e eu também.

Eles se entreolharam por um segundo.

— Eu amo muito vocês dois. Por favor, saibam que eu nunca colocaria suas vidas em perigo.

— Cove sabe o que aconteceu?

— Ela sabe de algumas partes.

— Ela sabe quem a sequestrou? — Haven implorou com os olhos. — Podemos encontrá-los?

Suspirei, compartilhando:

— Eu a sequestrei. — Eles recuaram, pegos de surpresa. — Eu estava tentando mantê-la segura.

— Jace, nada disso faz sentido.

— Eu sei, pai. Por favor... só preciso que você confiem em mim quando digo que acabou. Eu prometo.

Haven encolheu os ombros.

— Então o que vai acontecer agora?

Não hesitei em responder:

— Ela vai para casa comigo.

— Espera... — Haven fez uma pausa. — O quê?

— É isso que você ouviu.

— Por que ela voltaria para casa com você?

Eu podia ver isso nos olhos dela. Tudo o que Cove disse sobre minha irmã e nós estarmos juntos estava certo. Haven queria isso entre Cove e eu. Estava escrito em seu rosto.

Dei a ela a única resposta honesta que pude, dizendo:

— Estou apaixonado por Cove.



COVE

Eu imaginei Jace dizendo que me amava?

Não. Meus olhos estavam abertos.

Eu estava alucinando?

Como se ele me sentisse do outro lado do quarto, o olhar de Jace se conectou com o meu. Ele sorriu antes de falar:

— Ela está acordada.

Haven imediatamente se virou, vindo até mim. Ela cuidadosamente pegou minha mão e a beijou.

— Estou tão feliz em ver você, Cove.

O sinal sonoro do monitor cardíaco desviou minha atenção para as máquinas no lado esquerdo do meu corpo. O som sibilante rítmico do ventilador ecoou ao meu redor.

Imediatamente entrei em pânico, mas minha boca estava seca demais para falar. Jace saiu rapidamente do quarto, e eu quase caí em lágrimas por ele ter ido embora de repente.

O que está acontecendo? Por que estou no hospital?

Haven deve ter lido minha expressão abalada.

— Você está bem — ela insistiu, apertando minha mão com um pouco mais de força.

Segundos depois, uma enfermeira entrou correndo no quarto com Jace atrás dela. O alívio instantâneo que senti por ele estar de volta ao meu espaço me confortou e diminuiu o choque de acordar em um quarto de hospital com máquinas ligadas ao meu corpo.

— Bem-vinda de volta, Cove — a enfermeira me cumprimentou com um sorriso gentil.

Ela checkou meus olhos com uma lanterninha, mediu meus sinais vitais e pegou um copo de água gelada com um canudo para molhar minha garganta para que eu pudesse falar. Depois que ela começou a me fazer perguntas e mais perguntas sobre o que eu lembrava ou não, e como me sentia, ela encerrou seus protocolos e finalmente me deixou sozinha com minha família e Jace. Parecia que aquilo havia durado uma eternidade.

Haven agarrou minha mão novamente.

— Eu estava tão preocupada que nunca mais veria você.

— Eu estava com seu irmão. Eu sempre estive segura.

— Sim... foi o que ele disse.

Eu queria falar com Jace, mas sabia que Haven estava morrendo de vontade de ouvir tudo. No entanto, eu não queria mandá-la embora. Minha melhor amiga era igualmente importante para mim.

— Vocês podem nos dar um minuto?

— Estou feliz que você esteja bem, Cove. — O pai dela beijou minha cabeça. — Você nos deu um grande susto.

— Obrigada, sr. Beckham.

Ele sorriu amorosamente para mim, sussurrando em meu ouvido:

— Tenho a sensação de que você não vai mais me chamar assim muito em breve.

Nós nos entreolhamos por um momento. Acho que essa foi a bênção dele... Depois que eles foram saíam, Haven fechou a porta.

— Pode começar a falar. Tudo — Haven ordenou.

Durante os vinte minutos seguintes, eu a coloquei em dia com tudo o que aconteceu entre nós.

— Ai, meu Deus! Você deu sua virgindade para Jace!

— Shhh!

Suas mãos voaram para a boca.

— Eu sabia!

— Haven, eles vão ouvir você.

— Eu te disse. Eu sabia disso.

— Sim, você sabia. Você é uma médium.

— Havia muita paixão entre vocês dois quando ele te carregou para fora do bar e então começou a te chamar de coelhinha. Era tão óbvio que vocês dois estavam apaixonados.

Dei de ombros, confessando:

— Na verdade, tenho uma queda por ele desde que eu tinha oito anos.

Sua boca se abriu.

— O quê?

— Eu sei... não fique brava. Eu deveria ter te contado, mas naquela época pensei que você ficaria chateada, e ele é vinte anos mais velho que eu, então nada poderia acontecer quando eu era tão jovem. As coisas são diferentes agora.

Ela balançou a cabeça, sorrindo.

— Eu não consigo acreditar. Isso é simplesmente louco, mas incrível ao mesmo tempo.

— Você não está brava?

— Quer dizer, estou chateada por você nunca ter me contado nada disso. — Ela sorriu. — Mas estou animada demais para não te perdoar.

— Caramba, valeu.

— Você acha que vocês vão se casar?

— Acho que você está indo rápido demais. Mal consigo fazer com que ele diga que gosta de mim.

— Bem, ele acabou de nos dizer que ama você e que você vai para casa com ele.

Meus olhos se arregalaram.

— Não era minha imaginação?

Ela sorriu, levantando-se da cadeira em que estava sentada ao lado da minha cama.

— Vou começar a planejar seu casamento, então você precisa melhorar.

— Haven...

— O quê? Ele está chegando aos quarenta. Jace não vai ficar mais jovem.

Meu coração acelerou.

— Talvez possamos engravidar ao mesmo tempo!

— Você precisa desacelerar. Além disso, pensei que você queria terminar a faculdade antes de se casar e engravidar.

— Interessante. — Ela mexeu as sobrancelhas. — Você mencionou a mim e não a si mesma?

Eu corei.

— Ahhh! Seremos irmãs!

— Haven, pare de gritar.

— Eu não consigo evitar. Estou muito animada.

— Você está se adiantando demais.

— Mas tem uma coisa, você é uma ninfeta. Jace vai querer trancar você. Ele sempre foi muito possessivo com suas coisas e com você não será diferente.

Mudei de assunto.

— Você conversou com meus pais?

— Meu pai falou com eles.

— Eles vão vir me ver?

Ela franziu a testa.

— Sinto muito, Cove.

— Sim... — eu respondi.

Agarrando minha mão novamente, ela se sentou.

— Eles não importam mais. Você sempre fez parte da minha família e agora Jace vai tornar isso oficial.

Eu contemplei o que ela estava afirmando com tanta certeza. Desde que me lembro, eu queria ter meus pais. Pela primeira vez na minha vida, não senti que precisava deles.

Porque eu tinha uma esperança silenciosa...

... de que Haven estivesse certa.

CAPÍTULO 32

JACE

Puxei a cadeira para mais perto de seu lindo rosto. Alcançando a mão dela em seguida, levei-a à boca e beijei sua palma.

— Trate de nunca mais morrer.

— Ainda não consigo acreditar que isso aconteceu.

— Você estava sendo honesta com a enfermeira? Você realmente não se lembra do que aconteceu?

— Não lembro de nada depois de dizer que te odiava no jardim. Não me lembro de ter levado um tiro, Jace, e acho que sou grata por isso. Não quero me lembrar disso.

Eu balancei a cabeça.

— Você pode me ajudar a colocar algumas peças que faltam?

Balancei a cabeça novamente.

— Quem foi? Você sabe quem atirou em mim?

— Sei sim.

— Ok...

— Eu já cuidei disso.

— É só isso que você vai me dizer?

— Coelhinha, você está segura. Isso é tudo que precisa saber.

— Tudo bem. — Ela se mostrou deprimida por um segundo. — E você?

— Eu também estou seguro.

— E sua família?

Beijeí sua mão novamente.

— Você não precisa se preocupar com nada. Eu cuidei de tudo.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que finalmente estou livre.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Livre quanto?

— Já que você não se lembra de ter levado um tiro, imagino que também não se lembre de mais nada depois disso.

Ela balançou a cabeça.

— Bem, essa parte eu posso te contar. — Respirando fundo, me preparei para o que tinha a dizer a ela. — Não vou florear nada para você, coelhinha.

— Eu não esperaria nada menos. Você não nunca foi lá muito sutil, mas eu ainda quero saber.

— Você morreu, Cove. — Ela arfou ligeiramente. — Foi o minuto mais assustador da minha vida.

Seus lábios se separaram.

— Eu não sei o que dizer. Como eu...

— Eu mesmo fiz os primeiros socorros e dei um choque em você.

Ela franziu a testa.

— Eu não entendo.

— O paramédico anunciou sua morte e eu simplesmente reagi. Lutei por você e graças a Deus consegui.

— Puta merda, você salvou minha vida.

— Eu não teria conseguido sem você. Eu não podia perder você, coelhinha.

— Você está falando sério?

— Com todo o meu ser.

Mesmo com todo o rosto inchado, ela ainda era linda pra caralho. Eu queria estender a mão e colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha e beijar cada imperfeição que marcava sua pele impecável. Em vez disso, me recostei e admirei Cove de longe. Seus olhos estavam tão cheios de vida, olhando para mim como se eu fosse tudo para ela.

— Você queria saber as peças do quebra-cabeça e eu te contei. Você se lembra do que aconteceu antes de levar um tiro?

Ela inclinou a cabeça, deixando-me saber que sim.

— Lamento que você tenha passado por isso duas vezes, Jace. Só posso imaginar como foi para você, especialmente depois que perdeu Hope e o bebê. Perder alguém que você ama é sempre difícil, não importa as circunstâncias.

Sem hesitar, expressei:

— Eu não estava apaixonado por ela. Hope nunca foi minha, coelhinha. Nosso vínculo veio simplesmente da perda de Tony. Ela sempre foi apaixonada por ele. Até nas cartas dela eu via o quanto ainda queria estar com ele. Éramos apenas duas almas perdidas que se encontraram, e foi reconfortante sentir que tinha alguém que entendia o que eu estava passando. Era fácil conversar com Hope porque eu estava escrevendo cartas para ela. Quase como se eu estivesse escrevendo em um diário. Nada do que compartilhei com ela foi cara a cara. Você entende o que eu estou dizendo?

— Entendo. É um saco se sentir sozinho.

— Você não está sozinha. Você tem Haven, minha família e, acima de tudo, você me tem. Você sempre me terá.

— O que você quer dizer com eu tenho você?

Afastando o cabelo de sua bochecha, deixei meus dedos permanecerem e olhei profundamente em seus olhos.

— Eu te amo, Cove Noel. — Seu sorriso iluminou todo o seu rosto. — Eu disse que te amava quando você estava morrendo em meus braços, e direi isso repetidamente, se isso for necessário para mantê-la em minha vida.

Lágrimas encheram seu olhar.

— Por favor, não chore.

— São lágrimas de felicidade.

Incapaz de resistir, me inclinei para a frente e beijei suas lágrimas enquanto elas deslizavam pelas suas bochechas.

— Estou tão apaixonado por você, Cove. Você é a primeira mulher por quem me apaixonei, coelhinha. Eu prometo que nunca mais vou

te machucar.

— Eu também te amo — ela sussurrou, passando os braços em volta do meu pescoço. — Você é a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Cove fechou os olhos, repetindo o que eu estava confessando. Beijei sua boca, precisando provar o paraíso novamente. Quando sua frequência cardíaca acelerou no monitor, eu me afastei relutantemente.

— Eles vão me expulsar se não pararmos.

Ela riu.

— Quando posso sair?

Mais uma vez, não vacilei:

— Assim que você tiver alta, você irá morar comigo.



COVE

Eu sorri, provocando:

— Não me lembro de você me perguntar sobre isso.

— Não estou perguntando, estou informando.

— E se eu disser não?

— Vou ter que sequestrar você de novo.

— Você pode me sequestrar quando quiser.

Fui pega de surpresa quando ele acrescentou:

— Tenho algo para você.

— O quê?

Foi só então que percebi que havia algo saindo de seu bolso. Ali, diante do meu olhar brilhante, estava um bichinho de pelúcia que nunca pensei que veria.

Minha boca se abriu.

— Você ainda tem o meu coelho?

— Eu o tenho desde que você me deu. Viajou por todo o mundo comigo.

Meu coração estava partido da melhor maneira possível quando ele me entregou.

— Eu estava tão bêbado naquela noite que você me seguiu até o riacho. Foi depois do funeral da minha mãe e eu não aguentava que mais uma pessoa me desejasse condolências. Fiquei com tanta raiva que comecei a beber. Era a única coisa que podia entorpecer a dor.

— Eu entendo. Eu não deveria...

— Não, coelhinha. Eu é que não deveria ter tratado você daquela maneira. Mal me lembrava de nada até você me dizer no jardim. Sinto muito por ter tratado você dessa maneira. Eu nunca teria feito aquilo se estivesse sóbrio. Descontei minha frustração na pessoa errada e, se pudesse voltar atrás, mudaria tudo em relação ao seu gesto gentil.

— Quanto você se lembra?

— O suficiente para voltar lá na manhã seguinte e ver seu coelhinho caído no chão. Eu deveria ter devolvido para você, mas por algum motivo, isso me deu conforto em um momento em que eu precisava de tudo que pudesse ter. De certa forma, você esteve ao meu lado desde então.

Sorri, amando o efeito que tive nele.

— Por que você nunca tocou no assunto?

Dei de ombros.

— Não sei. Fiquei envergonhada, e o cara por quem eu tinha uma queda partiu meu coração. É por isso que eu te odiei tanto.

Ele assentiu.

— Tudo faz sentido. — Eu podia ver nos olhos dela. — Pode perguntar, Cove.

— É por isso que você me chama de coelhinha?

— Sim.

— Ah. E seus sentimentos por mim... há quanto tempo você os tem?

Ele sorriu, recostando-se na cadeira.

— Eu sabia que você ia me perguntar isso.

— Bem, você é o G.I. Joe afinal de contas.

— Deixe-me explicar para você, coelhinha. Naquela noite no bar, eu poderia ter matado aquele filho da puta só porque ele estava dançando com você.

— Então você estava com ciúmes?

— Não tanto quanto eu estava quando encontrei você e Deacon.

— Eu sabia.

— Eu sempre torturei meus inimigos para obter informações antes de qualquer coisa. Deacon foi o primeiro homem que matei à queima-roupa sem descobrir nada. Desde o segundo que o vi em cima de você, eu perdi o controle. Eu não estava planejando acabar com ele tão rápido ou fazer isso na sua frente, mas a simples visão de você prestes a dar a ele sua virgindade era muito real. Agi por puro impulso e o matei só por sua causa.

— Uau — suspirei. — Eu não esperava que você dissesse isso.

Jace se inclinou para frente apoiado nos cotovelos.

— Acostume-se com isso. Sou cheio de surpresas quando se trata de você.

— Estou ansiosa para isso.

— Pela primeira vez na minha vida — Jace me beijou —, estou ansioso pelo meu futuro com você.

— Eu te amo, Jace.

— Eu te amo pra caralho, Cove.

Eu sempre soube...

... que o vilão acabaria sendo meu herói.

CAPÍTULO 33

COVE

Um ano depois...

Palavras não poderiam descrever os últimos doze meses da minha vida. Eles eram os melhores, e eu sabia que era por causa de Jace. Passamos todo o nosso tempo juntos. Desde que se aposentou, ele não tinha emprego para o qual se reportar e tudo que eu tinha eram aulas na faculdade. No meio tempo, estávamos juntos fazendo coisas normais como qualquer casal.

A família dele era tudo para mim. Haven ficou emocionada por estarmos em um relacionamento. Eu nunca a tinha visto tão feliz antes com Hayes em sua vida e Jace e eu juntos. Tudo entre nós parecia certo.

Eu não via meus pais desde que saí do hospital. Nem mesmo quando fui para casa e arrumei minhas coisas com Jace. Eles nunca sequer tentaram me ver, mas isso não importava. Eu nunca precisei deles. Eles podiam ter um ao outro.

Depois de morar no apartamento de Jace, decidimos que queríamos ter algo juntos. Passamos meses procurando nossa casa perfeita.

— O que fazemos agora? — provoquei, abrindo as pernas nas escadas da nossa casa.

Naquela tarde havíamos acabado de fechar negócio com nossa casa de mais de mil metros quadrados, quatro quartos, quatro banheiros e um escritório.

— Tenho algo em mente.

— Eu também. — Arqueei uma sobrancelha. — Fique de joelhos, soldado.

Ele não precisou ser informado duas vezes. Em um momento, ele me despiu. Quando senti sua língua na minha boceta ela estava quente, molhada, macia, e gemi de excitação. Ele empurrou a língua o máximo que pôde na abertura do meu núcleo, fazendo com que minhas costas arqueassem e minha cabeça girasse.

Balancei meus quadris contra sua boca e ele deslizou os lábios até meu clitóris.

— Sim — ofeguei, pensando que iria desmaiar de desejo de senti-lo dessa maneira.

Jace era extremamente talentoso em tudo que fazia, mas quando se tratava de mim, ele era um especialista habilidoso com meu corpo. Ele chupou meu clitóris, passando sua língua para cima e para baixo e de um lado para o outro, cantarolando. Isso tornou tudo muito mais intenso para mim. Ele era sempre focado no meu prazer, não importa o que acontecesse, eu sempre vinha em primeiro lugar.

— Não pare... por favor, continue — implorei descaradamente.

Ele estendeu a mão e segurou meus seios, esfregando e provocando meus mamilos. Eu não aguentava mais e quando ele agarrou meus quadris para movê-los mais rápido e com mais força, comecei a tremer e minha visão começou a ficar embaçada. A sala ficou quente e não pude evitar os ruídos que saíam da minha boca.

Finalmente me senti desmoronar e gozei com tanta força que minha cabeça inclinou para trás em um dos degraus. Jace instantaneamente me beijou e senti meu sabor em sua boca. O que só aumentou o meu desejo de querer seu pau dentro de mim.

Nos beijamos, devorando a boca um do outro, tentando capturar cada sentimento, cada gosto que permanecia entre nós. Me levantando, ele se sentou antes de me virar de costas para sua frente.

Ele mordeu meu ombro.

— Ai! O que foi isso?

Suavemente, ele beijou a marca da mordida, sem dizer uma palavra, e deu mais alguns beijos ao longo dos meus ombros e pescoço. Então ele me mordeu novamente.

— Ai! O que você está fazendo? — Tentei me afastar, mas ele me segurou com mais firmeza. Eu podia senti-lo sorrindo, embora ele ainda não dissesse nada. Ele repetiu o processo mais algumas vezes, deixando marcas de mordidas de um ombro ao outro e depois beijou com ternura cada uma delas, deixando um rastro de beijos de volta até minha orelha.

— Minha coelhinha...

Eu sorri, balançando a cabeça.

— Você sabe o que eu quero?

— Uhm...

— Eu vou te foder nessas escadas.

Olhei para ele e ele beijou meu queixo.

— Me diga, Cove. Onde você está agora? — ele questionou com uma certa curiosidade em seu tom.

— Estou no seu pau, pronta para você me foder sem sentido.

— Onde mais você está?

Olhei de volta para ele, sabendo o que ele queria.

— No meu lar.

Rebolei meus quadris em seu pau duro enquanto ele puxava minha cabeça para trás pelo cabelo, me fazendo gemer em resposta. Descansando minhas mãos em suas coxas, abri ainda mais minhas pernas. Ele aceitou meu apelo silencioso e seus dedos deslizaram até meu clitóris.

— Você está tão molhada para mim — ele gemeu em meu pescoço.

Jace usou a palma da mão e os dedos para manipular meu clitóris, e eu movi meus quadris na direção oposta que ele estimulou. Meu clitóris ficou excessivamente exposto desse ângulo, e não demorou muito para que minha umidade voltasse.

— Isso é bom?

Havia algo animalesco em sua voz que eu adorei. Eu suguei meu lábio inferior e ele soltou meu cabelo, movendo-se para agarrar

minha nuca. Seus dedos deslizaram rapidamente pela minha abertura e minha cabeça quis cair para trás em seu ombro. Ele me segurou firme no lugar, onde ele podia ver meu rosto desmoronar enquanto ele fodia meu ponto G com os dedos como um homem em uma missão.

Minha boca se abriu.

Minha respiração ficou mais rápida.

Meus olhos começaram a revirar.

Quando eu estava prestes a gozar, ele ordenou:

— Puxe meu pau para fora.

Depois que eu fiz isso, ele me sentou em seu pau antes mesmo que eu percebesse, e ele estocou violentamente dentro de mim.

Eu gozei ali mesmo.

Meu corpo tremia e meu gozo escorria por suas bolas. Ele não me deu tempo para me recuperar enquanto virava nossos corpos para ficar de pé e agarrar o corrimão da escada.

— Incline-se para frente — ele ordenou com voz rouca.

Fiz o que me foi dito e ele agarrou meus quadris.

Com força.

Eu sabia que haveria marcas por todo o meu corpo quando ele terminasse de fazer o que queria comigo, e eu adorava isso. Agarrando meu cabelo pela nuca, ele me puxou para trás novamente. Jace estava basicamente me fodendo estilo cachorrinho, só que estávamos de pé.

— Porra... sua boceta foi feita para mim.

Ele afastou seu pau, fazendo-me sentir sua ausência, mas rapidamente agarrou minha perna e colocou-a no corrimão. Comecei a tremer daquele ângulo estranho.

— Estou te segurando, você não vai cair — Jace afirmou, lendo meu corpo.

Assenti e com um impulso profundo, ele estava de volta dentro de mim, entrando e saindo. Meus ruídos ficavam cada vez mais altos quanto mais perto eu chegava de gozar. Ele me fodeu com mais força e mais rápido, estocando em mim impiedosamente.

Jace e eu éramos tão perfeitos juntos. Eu não gostava de suave ou gentil, adorava quando ele me fodia assim. Sempre parecia que estava me marcando e tomando posse de mim de uma forma tão primitiva.

— Isso... ordenhe meu pau com sua boceta apertada que eu não me canso...

O som de batidas do nosso contato pele com pele ecoava pela sala.

— Sim... sim... sim! — gritei.

Meu corpo estremeceu e quase perdi o equilíbrio devido ao orgasmo intenso e avassalador. No entanto, Jace me manteve em pé. Tentei manter o ritmo dele, mal terminando um quando outro atingia.

— Eu te amo pra caralho — ele rosnou do fundo de seu peito.

Caí para frente, convulsionando em volta do seu pau, e ele fez um som estridente quando gozamos juntos.

Nós dois ofegamos profusamente, tentando nos orientar, e ele beijou todo o meu rosto, sem sair de dentro de mim.

— Bem-vinda ao lar, Cove.

E ele realmente quis dizer aquilo.

Eu não poderia estar mais feliz, e tinha tudo a ver com o homem por quem eu estava perdidamente apaixonada.



JACE

Depois que tomamos banho juntos, coloquei um short de ginástica enquanto ela estava deitada no colchão no chão.

— Mal posso esperar que todos os nossos novos móveis cheguem amanhã!

— Eu sei, você falou sobre isso o dia todo.

— Acho que quero colocar papel de parede na parede dos fundos onde ficará nossa cama.

— Como você quiser.

— Que cor você acha melhor?

— Eu não ligo. A que você quiser.
— Jace, você quer azul ou turquesa ou talvez até lilás?
— Coelhinha, qualquer uma que te faça feliz.
— Tá bom. Que tal rosa?
— Menos rosa. Você pode deixar isso para o quarto da nossa menina.
— Menina, é? Não é assim que funciona. Você sabe, primeiro vem o casamento, depois vem o bebê, então estamos pulando um passo.

Eu sorri.

— Por que você está olhando assim para mim?

Em três passos, eu estava sentado na beirada do colchão e segurando uma caixa de anéis. Não havia dúvida em minha mente de que ela seria minha para sempre. O último ano de nossas vidas foi realmente o melhor de todos para mim. Eu não conseguia acreditar que minha alma gêmea tinha sido a melhor amiga da minha irmãzinha esse tempo todo. Simplesmente provando que fomos feitos para ficar juntos.

Não havia razão para esperar mais.

Não há mais inimigos.

Não há mais demônios.

Somente ela.

Sempre Cove.

Eu não dei a ela a chance de responder antes que minha boca estivesse na dela, beijando-a gentilmente e com adoração.

Eu saboreei cada toque.

Cada empurrão e puxão.

Cada movimento dos meus lábios trabalhando contra os dela.

Foi um acúmulo gigante de meses querendo esse momento entre nós. Eu a beijei mais profundamente, com mais força e com mais determinação. A paixão que irradiava dela, causando espasmos pelo meu corpo. Deitei-a de costas na cama, pairando acima enquanto agarrava sua mão.

Eu não deixei de beijar sua boca enquanto deslizava o diamante em seu dedo anelar.

— Eu te amo — murmurei entre beijos.

— Eu também te amo — ela murmurou, sem quebrar nossa conexão.

— Quero você.

— Você me tem — eu gemi. — Você sempre me teve, porra. —
Apoiando minha testa na dela, olhei profundamente em seus olhos.

— Case comigo.

Ela sorriu.

— Eu...

— Não estou pedindo. Estou mandando.

Ela riu, jogando os braços em volta do meu pescoço.

— Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo! — Estendendo a mão por trás de mim, ela gritou: — Ai, meu Deus! É enorme!

Eu sabia que ela estava falando sobre seu anel, mas ainda assim afirmei:

— Não há nada de pequeno em mim.

Ela riu, beijando meu pescoço.

Passei o resto da noite fazendo amor com ela...

... como minha futura esposa.

EPÍLOGO

COVE

Três meses depois...

— Você precisa parar — eu repreendi enquanto Jace me levava até seu antigo quarto na casa de seu pai.

— Você sabe que isso só vai me fazer continuar.

— Toda a sua família e amigos estão lá embaixo. Não podemos transar agora — murmurei.

— Por que você está sussurrando? — Ele fechou a porta atrás de si.

— Não sei. — Sorrindo, decidi entrar na dele. — Sempre faço isso quando os caras me levam para seus quartos.

Ele inclinou a cabeça para o lado, sorrindo.

— Você piscou.

— Merda! Eu realmente preciso aprender a mentir melhor.

— Você vai pagar por isso.

— Jace, não ouse...

Ele me levou para sua cama e eu gritei alto, rindo ao mesmo tempo.

— Não sei como devo punir você. — Ele pairou acima de mim, me prendendo com os braços em volta do meu rosto. — Com meu pau na sua boceta ou na sua bunda?

Arqueei minhas sobrancelhas. Ele possuía todos os meus buracos.

— Isso não parece muito castigo para mim.

— Eu não disse que deixaria você gozar.

Eu fiz beicinho.

— Isso é muito rude.

— Garotas más não podem gozar, coelhinha.

Eu o beijei.

— Mas você adora quando sou uma garota muito má.

— Isso é só quando você está montando meu pau.

— Você é horrível.

— E você adora.

Sorri, esfregando meus lábios nos dele.

— Seu pai vai nos matar se não descermos e nos misturarmos com todo mundo.

— Não estou preocupado com isso. Todos os meus irmãos estão lá e Haven também, com seja qual for o nome dele.

— Jace... você sabe que o nome dele é Hayes.

Embora Haven estivesse perdidamente apaixonada por Hayes, e eles também estivessem noivos, Jace ainda estava louco. Ele desempenhava para sempre o papel do irmão protetor mais velho.

— Espero que nosso filho seja igual a você com a irmã mais nova.

— Você não dizia isso no ano passado.

— Isso é porque eu queria brigar com você para chamar sua atenção.

— Você estava apenas fingindo ser minha inimiga perfeita?

— Não tanto quanto você — cantarolei.

Ele mordeu meu pescoço.

Eu ri, encolhendo os ombros, tentando tirá-lo de lá.

— Vamos, precisamos ir.

Ele gemeu.

— Seus irmãos querem ver você. Alexander está na cidade apenas pelo fim de semana, ele tem um novo filme estreando na semana que vem.

Seus irmãos nunca questionaram Jace sobre o que ele fazia, mas sabiam que ele estava fora daquela vida. Eles estavam felizes por tê-lo por perto novamente. Desde que partiu para o serviço militar aos dezoito anos, Jace tinha muitos anos para compensar.

— Mal posso esperar para que você seja a sra. Beckham.

— Mal posso esperar para ser a sra. Beckham.

Iríamos nos casar no outono e eu mal podia esperar. Finalmente tinha tudo o que sempre quis e bastou ser sequestrada para que isso acontecesse. A ironia não passou despercebida por mim.

No entanto, Jace disse que teríamos terminado juntos de qualquer maneira.



JACE

Cedendo às minhas persistentes necessidades sexuais, ela afirmou:

— Você pode fazer o que quiser comigo, mas precisa ser rápido.

Minha mão deslizou por sua barriga apenas para ser interrompida por uma batida na porta.

— Estamos ocupados! — gritei.

— Não, não estamos!

— *Acho que vocês vão querer descer* — Haven enfatizou.

— Ah, com certeza... — murmurei.

Cove deu um tapinha no meu peito, me empurrando para cima, e eu cedi de má vontade.

Eu passaria um tempo com ela mais tarde. Cada dia era melhor que o anterior com Cove ao meu lado. Eu não poderia estar mais feliz com a forma como as coisas aconteceram entre nós. Ela significava tudo para mim.

— Entre, Haven — eu anunciei.

Ela entrou, e pela expressão em seu rosto, as notícias não deviam ser boas.

— O que está acontecendo?

— Uhmmm... não tenho certeza. Apenas vamos lá para baixo.

Agarrei a mão de Cove, seguindo Haven para fora da sala. Eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei nervoso a cada passo que dava até avistar Ledger.

— Por que você está aqui, Hazel? O que mais você precisa do nosso rancho que ainda não tenha tentado levar?

Só então percebi o maior concorrente da nossa família parado na frente dele.

— Nós precisamos conversar.

— Tudo o que você precisar dizer, pode fazer na frente da minha família.

Ler as pessoas era o que eu fazia, e o que ela estava prestes a anunciar iria nos chocar pra caralho.

— Tudo bem! Se é assim que você quer.

Eu não poderia estar mais certo...

... quando ela declarou:

— Estou esperando um bebê seu!

FIM!

Para Jace e Cove.

É apenas o começo, ou também *o fim* para...
Ledger e Hazel.



Não esqueça de avaliar este livro!



AGRADECIMENTOS



Assistente pessoal: Renee McCleary Designer de capa: Lori Jackson
Formatadora de e-books: Leanne Trn
Formatadora de brochura: Sarah Barton Publicitária: Danielle Sanchez
Agente: Stephanie DeLamater Phillips

Bloggers/Bookstagrammers: Sem vocês eu não seria nada. Obrigada por todo o seu apoio sempre.
Meu fotógrafo VIPS/Readers: Wander Aguilar
Modelo: James Ransom

Líderes do meu Street Team: Leeann Van Rensburg e Jamie Guellar
Teasers e promoção: Shereads.pang, Leanne Trn, Madaline Bird

Meus administradores do grupo de leitores VIP:
Lily Garcia, Leeann Van Rensburg, Jennifer Pon, Jessica Laws, Louisa Brandenburger
Street Team & Hype Girls: Vocês são as melhores.
Meus alfas e betas: Obrigada por me ajudarem a dar vida a este livro.



SOBRE A AUTORA



M. Robinson é autora best-seller do Wall Street Journal e do USA Today de mais de trinta livros de romance contemporâneo e suspense romântico. Coroada como a “Rainha da Angústia” por seus leitores fiéis, você sentirá sua caneta cortando seu coração enquanto sua alma sangra com as palavras de suas histórias a cada virada de página.

Mais notavelmente conhecida pela série Good Ol’ Boys, o mais novo lançamento a agraciou com o best-seller nº 1 na Apple Books com a série Second Chance Contract. Os homens de Second Chance são poderosos, inteligentes e vão te surpreender e te deixar com as pernas bambas — os sonhos mais loucos de toda mulher.

A autora vive em um barco ao longo da Costa do Golfo da Flórida com seus dois cachorrinhos e com Bossman, o namorado dos livros da vida real, a inspiração para todos os seus alfas que falam sacanagem.

Quando ela não está em sua caverna escrevendo sua próxima história de amor épica, geralmente você pode vê-la correndo loucamente pela Target ou no drive-thru do Starbucks, reabastecendo seu estoque de cafeína. Sim, ela se autoproclama viciada em compras, mas apenas se estiver gastando o dinheiro de Bossman.

Você pode seguir a autora, Ted, Marley e Bossman no Facebook, Instagram e em sua plataforma social favorita, o TikTok.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/authormrobinson

www.facebook.com/AuthorMRobinson

www.tiktok.com/@authormrobinson

www.authormrobinson.com



<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://x.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>